

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O presidente do Vietnam do Sul demitiu-se após quatro dias de manifestações contra o Governo

Nota do dia

ISOLAMENTO

A indústria do espectáculo em Portugal, tem-se dito e repetido em letra de forma, atravessa uma crise grave. E nada se tem feito até hoje, do que estava naturalmente indicado que se fizesse, para a resolver ou pelo menos, atenuar na medida do possível. O cinema é uma das formas de espectáculo que mais têm sido prejudicadas pelo critério de selecção habitualmente seguido entre nós. Pelas informações que temos, verifica-se que há um certo exagero no escrupulo com que se faz essa selecção. Filmes que recebem a luz verde noutros países, de moral não menos exigente do que a nossa, não podem passar livremente em Portugal. Acontece até, o que é surpreendente, que são autorizados para menores, nesses países, filmes que entre nós não podem ser vistos por adultos. Ora, a verdade é que também lá existe uma policia de costumes que vela pela moral e não permite qualquer forma de espectáculo que lhe possa causar dano, sobretudo pelo que respeita a esse delicado problema que é a educação da criança. Não tenhamos nós a pretensão de constituir, numa Europa

a caminho da perdição, uma ilha de moralidade onde vieram refugiar-se as mais preclaras virtudes. Acontece, por outro lado, que o nosso País pretende associar-se ao movimento de integração económica para que caminha a Europa e faz parte já de um bloco em que teve de alinhar a sua economia pela de outros países mais desenvolvidos. Ora, se pretendemos, tanto sob o ponto de vista político como económico, inserir-nos no espírito europeu, não faz sentido na realidade que continuemos a manter sob outros aspectos um isolamento para o qual não se encontra justificação e que só pode contribuir para agravar a nossa situação económica e aumentar o nosso atraso mental. Há em tudo isto uma evidente contradição e um procedimento ilógico a que é indispensável pôr termo para não ferir os legítimos interesses de uma indústria que paga as suas contribuições e tem direito a um tratamento mais compreensivo e mais humano. Para não falar dos aspectos culturais que o problema envolve e que sofrem as consequências inevitáveis deste estado de coisas.

Noite espectacular em Paris

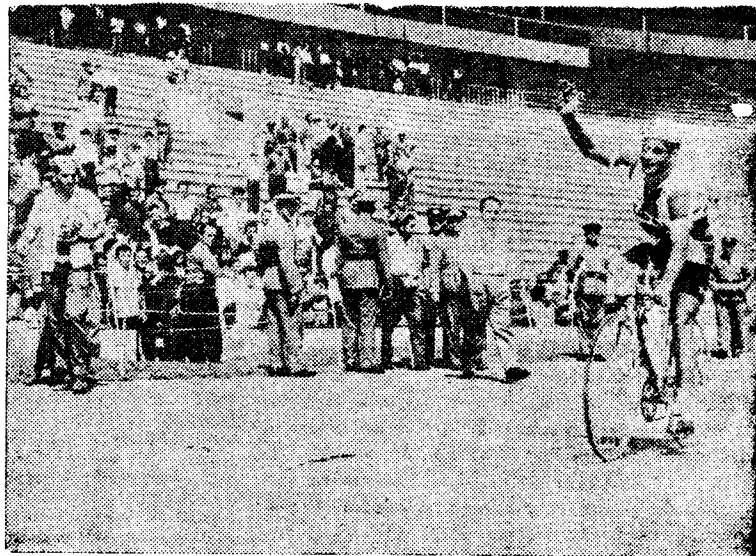
PARIS, 25 — (F. P.) — Paris assistiu, a noite passada, ao fogo de artifício mais imponente da sua História. Duzentas mil pessoas assistiram, na Praça da Concórdia, a este número das comemorações do vigésimo aniversário da Libertação da capital francesa.



AGARROU-SE AO CARRO DOS «BEATLES» — Um polícia puxa por um pé uma jovem admiradora dos «Beatles» que se agarrou com unhas e dentes ao carro transportando o gadelhudo quarteto inglês para o seu hotel em Seattle (E. U. A.) A moça acabou por ser arrancada do veículo e desmaiou

SAIGÃO, 25 — (A. N. I.) — O general Nguyen Khanh demitiu-se de presidente do Vietnam do Sul, ao fim de quatro dias de manifestações antigovernamentais pedindo o seu afastamento. Um comunicado oficial anuncia, também, que será revogada a Constituição provisória pro-

(Continua na última página)



Vitor Tenazinha cortando a meta em Alvalade

A 27.ª VOLTA a Portugal EM BICICLETA

A primeira passagem por Lisboa foi assinalada com a vitória de Vitor Tenazinha (Loulé)

(Dos nossos enviados especiais FERNANDO SOROMENHO e DINIS MACHADO)

Sessenta e cinco corredores abalaram, à hora exacta (8) de Santiago de Jacém a fim de cumprirem a 13.ª tirada, entre aquela vila e Lisboa (Estádio José Alvalade), no total de 172 quilómetros.

Ao contrário do que se havia palpado, com certa insistência, alinharam à partida os três espanhóis que restam do conjunto da «Green Fish».

Ataques iniciais

Manhã fresca, convidativa para quem desejasse chamar a si empreendimentos de envergadura. Pois na verdade sucedeu que logo de início se verificaram várias tentativas de fuga, aproveitando, quem a elas se aventurou, as descidas para Alcácer do Sal.

Apenas com 11 quilómetros de prova, o ovarense João Gomes conseguiu isolar-se. Pedalando com desembaraço distanciou-se do pelotão e cortou, em primeiro lugar, a meta volante, instalada em Grandola. Gastou no trajecto 35 m e 47 s. O tempo mínimo exigido oficialmente era o de 35 minutos. De mais 47 segundos, portanto, precisara João Gomes.

Um minuto depois apareceu o pelotão na referida meta volante.

Desafio ao pelotão

O corredor da Ovarense continuava na frente a despendar generosos esforços para aumentar a sua vantagem. Ultrapassou a ponte de Al-

cácer às 9 e 8, já com 2 m e 35 s de avanço sobre o pelotão.

Depois de Alcácer do Sal, onde o povo festejou com alvoroço a passagem dos ciclistas, o sportinguista João Rosa também ousou libertar-se do grosso da coluna, ao vibrar um golpe que realmente suscitou um movimento de curiosidade na caravana. Nessa altura tinham-se percorrido já 50 quilómetros.

Mas desta vez o pelotão não esteve pelos ajustes. Reagiu de pronto, com determinação, tanto assim que, 5 quilómetros volvidos, João Rosa

outro remédio não teve de que ver-se absorvido de maneira perentória.

Quando se acreditava que as coisas ficassem por aqui (apenas João Gomes pedalava lá na frente isolado...), ainda não se haviam gasto mais 10 quilómetros e já se tornava mister registar outras duas tentativas simultaneas de fuga, estas em coligação e por iniciativa do benfiquista Alcino Rodrigo e do ovarense Manuel Ferreira (os ava-

(Continua na 11.ª página)

A quarta invasão francesa

Qualquer compêndio de História pátria, por mais elementar que seja, nos diz que 28 000 franceses, acompanhados de 11 000 espanhóis, entraram em Portugal por Salamanca no dia 17 de Novembro de 1807, sob o comando de Junot, e, percorrendo um belo itinerário turístico por Idanha-a-Nova, Rosmanhal, Castelo Branco, Abrantes, Golegã, Santarém, Cartaxo e Sacavém, chegaram à cidade das sete colinas ao fim de treze dias de viagem, em que quiseram ter a amabilidade de levar algumas recordações dos monumentos nacionais que encontraram pelo caminho. Os comandos foram hospedados no pa-

lácio do Barão de Quintela, à Rua do Alecrim, depois de terem recusado outro alojamento que consideraram pensão de segunda categoria: o palácio da Bemposta. Não tendo conseguido acomodações em Obidos, que muito lhes agradou pelo pitoresco da povoação, esta excursão terminou pela convenção

(Continua na página seguinte)

O arcebispo Makários desmentiu que tenham sido suspensas as negociações com a U. R. S. S.

ATENAS, 25. — (ANI, F. P. e R.) — O presidente Makários chegou hoje, por via aérea, a Atenas a fim de conferenciar com o Governo grego sobre a situação em Chipre.

Ontem à noite, em Nicósia, falando aos jornalistas, declarou não te-

rem fundamento as notícias de que o Governo cipriota suspendera as negociações com a União Soviética sobre o auxílio militar.

Antes de partir, Makários afirmou: «Vou a Atenas para rejeitar o plano Acheson».

Diário de Lisboa
HOJE 24
PÁGINAS
nas quais se inclui
ÊXITO JUVENIL
VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

SOL NA EIRA E CHUVA NO NABAL...

É das escrituras que o lavrador nunca está satisfeito. É a sabedoria popular consagrou esses mil cuidados do homem que ara a terra no pro-lóquio de «o sol na eira e a chuva no nabal...» Mas a verdade é que os tempos mudaram e se tá não há chuva no nabal e sol na eira, também a lavoura está a parecer-se cada vez mais com as vacas magras, escanzeladas, das pragas do Egipto. A lavoura produz e vende por tuta-e-mela o que vai chegar ao consumidor por muitas tutas. O preço foi subindo e engordando os que não tiveram as preocupações da chuva e do sol. E os clamores da lavoura sobem, vêm de todos os cantos e não se divisam sinais de abrandar. Agora são os treze concelhos rurais do distrito de Lisboa que engrossam o «miserere». Reuniram-se os presidentes das câmaras nos meses de Junho e Julho e dirigiram exposição ao sr. governador civil de Lisboa, nela focando os problemas da carne, do leite, do vinho e de toda a outra produção agrícola. Um a um, os males de que enferma a nossa lavoura são tratados e apontam-se os remédios para as dores de cabeça que afligem os lavradores. Diz-se, por exemplo, nessa exposição que as «escolas agrícolas e as brigadas técnicas poderiam criar e manter cursos de aprendizagem gratuita, com divulgação de métodos práticos e ensaios de sementes». E, quanto ao crédito, diz-se que nem sempre se verifica a concessão de facilidades por parte dos organismos respectivos, pelo que «não satisfazem, de modo algum, o fim para que foram criados e, a forma como se comportam, serve, unicamente, para fomentar agiotismo e revolta, quando, afinal, função bem diferente lhes estava destinada». Afirma-se a seguir: «O meio agrícola, que tanto lucraria num crédito estruturado em moldes sérios e benéficos, encontra-se assim a braços com situações difíceis, em completo desequilíbrio financeiro, que o Governo tem de remediar. A par de taxas elevadas de juros e de amortizações obrigatórias, a prazos pouco longos e em prestações que nem sempre serão brandas, acrescem ainda as peias burocráticas, que amedrontam, desgostam e quase proíbem a corrida a tais formas de crédito».

DERRAPAGEM E MORTE

No lugar da Fonte Coberta, junto à praia da Quarteira, no Algarve soalheiro, todo oiro e esmeralda, ia um carro conduzido pelo sr. Bráulio Lourenço, de 58 anos, motorista de praça, morador em Loulé. Como passageiros os srs. Francisco Bota, Francisco Viegas Prado e outro de que apenas se sabe ser conhecido pelo «Francês» e que aparenta 40 anos. O carro derrapou e virou-se. Mortos ficaram os srs. Bráulio Lourenço e esse último. Feridos gravemente e internados um no hospital de Faro, o outro no de Santa Maria, em Lisboa, os dois restantes ocupantes do carro.

REGRESSO À SERRA...

Nasceram naquele ninho de águas que é Belmonte e onde também nasceu Pedro Álvares Cabral. Chamam-se Alexandre Manuel Duarte Afonso, de 12 anos, e Maria Alice Lopes Rebelo da Silva, de 11. Foram os melhores alunos da instrução primária do concelho e como tal tiveram um prémio: nada menos do que ir visitar a terra do Brasil, descoberta há mais de quatro séculos e meio, por Pedro Álvares Cabral. O prémio foi-lhes dado pela TAP. E foram e estiveram em São Paulo, no Rio de Janeiro e noutras terras e foram até Brasília, onde o próprio presidente da República os recebeu e acarinhou. Pois regressaram ontem a Lisboa e hoje voltam à serra. Disse a Maria Alice, ao comentar a viagem de fadas: «Quando regressarmos a Belmonte, uma semana não basta para contarmos todas as coisas agradáveis que nos sucederam!»

O MAR PARA SEMPRE

Ào mar se deitou ontem e dele não voltou a sair o sr. José Alberto da Silva Prego, de 33 anos, casado e com um filho de seis anos. Morava em Setúbal, na Azinhaga do Mal Talhado. Ontem estava na praia com outros banhistas. Em dada altura, a corrente arrastou-o e muitos foram os banhistas que ainda lhe procuraram valer, mas sem resultado. As águas o tomaram e não mais o largaram.

A PROCISSÃO INTERROMPIDA

Foi em S. Vicente da Beira, terra alta e crente, onde Santo António é tido em particular devoção. Saiu o cortejo com seus andores, anjinhos, e uns foguetes a anunciarem a todas as redondezas que Santo António milagreiro andava na rua. A procissão seguia completa. Foi quando, num pinhal próximo se ergueram labaredas e o povo desatou a fugir por todos os lados que conduzião aos pinhais. A procissão ficou deserta e Santo António, no seu andar, isolado, pensava na grandeza de d'Imo dos seus devotos tão prestes em acudir ao fogo. Foi extinto o incêndio e, depois, com muita gente ainda enfarruscada lá seguiu a procissão...

O «Canberra» trouxe ao Tejo 1843 turistas

Proveniente do porto de Southampton e com destino a Gibraltar, fundeou, esta manhã, no Tejo, o paquete britânico «Canberra», que efectua uma viagem de excursão, trazendo a bordo cerca de 1843 turistas que visitaram os locais mais característicos de Lisboa, bem como os arredores da capital.

O «Alfredo da Silva» partiu para a Guiné e Cabo Verde

Levando a bordo 88 passageiros, partiu, esta manhã, para a Guiné e Cabo Verde, o paquete «Alfredo da Silva».

Partiu para África o paquete «Angola»

Largou, esta manhã, do Tejo, com destino aos portos ocidentais e orientais da África Portuguesa, o paquete «Angola», que leva a bordo cerca de 600 passageiros, incluindo alguns militares.

É esperado hoje o paquete «Devónia»

Vindo dos portos do Mediterrâneo, é esperado, esta noite, no Tejo, o paquete britânico «Devónia», trazendo a bordo excursionistas que regressam a Inglaterra.

Estiveram em perigo depósitos de gasolina

no Porto Brandão

Hoje, às 3 e 45, foram pedidos socorros, aos Bombeiros Voluntários de Almada, por motivo de um fogo que se declarou no restolho, no Porto Brandão, junto aos depósitos de gasolina da Sonap, e que poderia provocar uma grande tragédia.

Foram os guardas daquela empresa que deram o alarme, colaborando, também, no ataque ao fogo. Compareceram no local todo o pessoal daquela corporação, dirigido pelo seu comandante, sr. José Brás, e três viaturas. O incêndio foi extinto com o emprego de agu-lhetas de neveiro.

Só às 5 horas retiraram o pessoal e o material.

O acampamento da Associação dos Escoteiros de Portugal

Prosseguiram hoje as actividades do Acampamento Nacional do Jubileu da Associação dos Escoteiros de Portugal, que, conforme noticiámos, se encontra instalado no seu campo permanente, próximo desta vila. Esta manhã, após a cerimónia do izar das bandeiras, houve trabalho de grupos. À tarde, efectuaram-se diversas competições desportivas, bem como jogos escutistas. Nestas actividades participaram todos os jovens escoteiros, que desfrutam, quotidianamente, de um salutar e permanente contacto com a Natureza.

A noite, há um fogo nocturno de campo.

O acampamento tem sido visitado por numeroso publico, registando também a presença de diversas entidades oficiais.

A delegação do Grupo de Escoteiros Beira-Douro, constituída por empregados da Lusailite de Moçambique, que, conforme noticiámos, também se encontram neste acampamento, estiveram, esta tarde, na sede da Lusailite, em Lisboa, a apresentar cumprimentos à respectiva direcção e administração.

Foi pedida, também, audiência, para apresentação de cumprimentos, ao sr. Presidente do Conselho.

VIII FESTIVAL DE SINTRA SAMY MOLCHO

o famoso artista da pantomima no programa que o celebrou em todos os Festivais Internacionais da Europa

HOJE

no Cine-Teatro Carlos Manuel em Sintra

A quarta invasão francesa

(Continuação da página anterior)

assinada numa hospedaria de Sintra, em 30 de Agosto, interrompendo deste modo os franceses as suas férias em Portugal e sendo transportados em navios amavelmente postos à sua disposição pelo Governo inglês, com armas, bagagens e grande quantidade de «souvenirs». Assim terminou a primeira invasão francesa.

O general Soult, utilizando outro itinerário não menos aliciente, entrou dois anos depois por Chaves à frente de uma excursão numerosa e não tardou a chegar, através das cumeadas trasmontanas e dos contrafortes do Marão, à vista da Torre dos Clérigos. As autoridades portuguesas, porém, associadas com os ingleses de Wellesley, criaram-lhe algumas dificuldades e os excursionistas retiraram em boa ordem pelos seus próprios meios. Terminou a segunda invasão francesa.

No ano seguinte, Massena, acompanhado por alguns técnicos de logística de grande nomeada (Reynier, Ney e Junot), que conheciam bem os itinerários, a progressão das marchas e a localização dos acampamentos, escolheu o caminho de Almeida, Mangualde, Viseu, Tondela e Mortágua, e, ao pretender hospedar-se nas termas do Buçaco, o que lhe foi recusado, seguiu pela estrada do Porto a Coimbra, distribuindo pelo caminho lembranças regionais aos excursionistas. Em Torres Vedras, Massena reconheceu que se frustrara o seu passeio militar e decidiu regressar tranquilamente a penates, onde ameaçava falir a agência de viagens que organizara a excursão. Terminou assim a terceira e última invasão francesa de que reza a História.

Mas foi, realmente, a última? Creemos que não foi. Está a operar-se, este ano, embora com intenções pacíficas, a quarta invasão do nosso País pelos franceses. Entram pelas fronteiras de Valença do Minho, Vilar Formoso, Elvas, Ficalho e Vila Real de Santo António, e avançam sobre Lisboa em manobra envolvente, alcançando os seus efectivos, no último mês de Julho, cerca de 28 000 homens (tantos como na primeira invasão de 1807), acompanhados por um numero substancialmente maior de espanhóis: 38 000. Começam por acampar na Nazaré e arredores, dirigem-se depois para a capital e encham os hotéis da Costa do Sol, chegando mesmo a inaugurar prematuramente um palácio inacabado.

Desenvolve-se, entretanto, a contra-ofensiva nacional, levantando-se dificuldades de toda a ordem à invasão, que desta vez tinhamos toda a vantagem em facilitar. Começam por se utilizar logo na fronteira armas desaconselhadas pelas convenções internacionais e pelos métodos da guerra moderna: minucioso exame de passaportes, preenchimento de boletins anacrónicos, engarrafamento provocado pela vistoria alfandegária, etc., etc. Por outro lado, a progressão do invasor faz-se com certa dificuldade, devido à má sinalização de algumas estradas.

das, á falta de indicações para entrar e sair nas cidades e á indisciplina do transito. Os forasteiros não podem estacionar nos parques sem pagar; não dispõem de guias de hotéis que os orientem devidamente; os pescadores da Nazaré pedem uma esportula para se deixarem fotografar; bandos de pedintes e garotos assaltam-nos junto dos monumentos que visitam. Nos Açores, por falta de transportes, falhou um desembarque de 500 franceses que pretendiam tomar posições estratégicas no arquipélago; em Peniche, os passageiros do barco da carreira têm de arrastar as calças para embarcar com destino ás Berlengas; de Ayamonte para Vila Real de Santo António encontram-se obstáculos naturais do rio Guadiana, onde um barco inadequado substitui a ponte que facilitaria o acesso ao Algarve.

Segundo um comunicado recente, espera-se que, com o acréscimo de 2067 quartos em construção, 5230 projectados e 1365 em estudo, se possam reaver os 12 000 cruzados mensais e os 100 milhões de francos exigidos por Junot em 1807 para aliviar as dívidas napoleónicas. Os portugueses consideram-se senhores da situação, e os altos comandos, que se encontram vigilantes crêm firmemente que estamos em vésperas de resolver os problemas que nos preocupam neste sector, mau grado a escassez e a desactualização das armas de que dispomos, acolhendo desta vez o invasor com as atenções que lhe são devidas.

Fazemos votos, contudo, por que a estratégia adoptada dê os resultados que se esperam e os optimistas não sejam iludidos nas suas previsões.

Oficiais condecorados pela sua acção em Angola

Por terem prestado em campanha, no Gabinete Militar do Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola, serviços que devem ser classificados de altos, relevantes e distintos, os capitães António Manuel Silva da Gama, de Artilharia, e Horácio de Oliveira Rodrigues, foram louvados publicamente, pelo ministro da Defesa Nacional, por proposta do comandante-chefe daquela província, e condecorados com a Medalha Militar de prata de serviços distintos, com palma.

No louvor acentua-se que, sempre atentos aos problemas relacionados com as suas funções, que estudam cuidadosamente, aqueles oficiais actuam com elevado sentido de lealdade e responsabilidade».

Banco Comercial de Angola

SÁ DA BANDEIRA, 25 — (L.J.) — Concluídas as obras de adaptação, o Banco Comercial de Angola inaugurou já as suas novas instalações no centro desta cidade.



PASSEIOS TURÍSTICOS LISBOA-CASCAIS-LISBOA NO NOVO BARCO «ESTORIL-SOL»

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)

PREÇO — 60\$00

UMA HORA NO TEJO (Lisboa vista do rio)

Domingos, quartas e sextas-feiras, às 14.50 — 16.00 — 17.10
Terças, quintas-feiras e sábados, às 10.10 — 11.20 — 14.50 — 16.00 — 17.10
Partida do Pontão dos Cacilheiros no Terreiro do Paço

PREÇO — 25\$00

AS SEGUNDAS-FEIRAS NÃO HÁ PASSEIOS

INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 260730

Linha de CASCAIS

Cinemas

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «West side story» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21: «Bonacas de carne» (17 anos).

CARCAVELOS — Vitória-Cine — A's 21 e 30: «Espião á força» (17 anos).

PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Emboscada fatal» e «Cantinfias na ribalta» (12 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «Donde vens tu, Johnny» (17 anos). — Cine-Espanhola — A's 21 e 15: «Não brinques com os maridos» (17 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Austerlitz» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGES — Branco — Avenida Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Avenida Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PAREDE — Grincho — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).

ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira, J. A. 15, Monte Estoril (Tel. 260116).

CASCAIS — Marginal — Avenida Marginal (Tel. 280078); A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214).

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A actriz Herminia Silva vai finalmente voltar ao teatro ligeiro, reaparecendo na próxima temporada no ABC, á frente de um elenco constituído só por mulheres, elenco este que o empresário José Miguel está a organizar.
- A peça «Alfama», de António

Botto, será apresentada pelo grupo do Sporting Clube Candaleense, no Concurso de Arte Dramática do S. N. I. Aquela obra está a ser ensaiada por Alves da Costa.

- O Teatr. Moderno de Lisboa vai reaparecer no Império, no início da próxima temporada, na modalidade de espectáculos que o caracterizaram em épocas anteriores, graças a um subsídio concedido pela Fundação Gulbenkian. Os principais papéis da peça

«Macbeth», com a qual o Teatro Nacional D. Maria II inicia a próxima época devem ser interpretados por Mariana Rey Monteiro e João Guedes.

NO MONUMENTAL

Sumptuoso espectáculo com «Férias em Lisboa»

O estrondoso espectáculo musical «Férias em Lisboa» continua em pleno êxito no Teatro Monumental, em agradável ambiente com ar refrigerado. É um sensacional desfile de duas sumptuosas companhias. O «ballet» de Alfredo Alaria, que surge em muitos momentos do espec-

táculo a patentear a graça, a fantasia, o fulgor da arte do seu mestre, e a nota alta de um espectáculo que revolucionou o ambiente da tradicional revista. No elenco nacional estão reunidos Humberto Madeira, Irene Cruz, Nicholson, Henriqueta Maya, Manuela Maria, Braga Santos, Dora Leal, Maria Delfina, Lia Gama, Virginia Silvestre, Max, Con-junto Sem Nome, e um elegante friso de modelos e bailarinas, a orques-tra dirigida por Fernando de Carvalho. No cartaz internacional incluem-se Inez Marco, Manuel Barrios, Nina Braccio (em Carmen) Cristina Mignon e trinta dos maiores bailarinos numa parada de luxo, cor e alegria.

NO AVENIDA

Paulo Renato distingue-se em «A Idiota»

No Teatro Avenida, sala dotada de ar condicionado, o público continua a aplaudir «A Idiota», em cena todas as noites a caminho das 400 representações. «A Idiota» é, pode dizer-se, o cartaz do ano. Este deslumbrante espectáculo tem a enca-beçá-lo a extraordinária comediante

(Continua na 6.ª página)

Actualidades mundiais

★ **Estreia da cantata «Abraão e Isaac»**

JERUSALÉM (Israel), 25. — (F. P.) — Celebrou-se aqui a estreia mundial da cantata «Abraão e Isaac», de Igor Stravinsky.

A obra, inspirada no capítulo 12 do Génesis, foi composta para o festival de Israel e é dedicada ao povo deste país. A cantata foi regida pelo maestro Robert Craft.

★ **Sarita Montiel: «A dama de Beyruth»**

BARCELONA, 25 — (A. N. I.) — «A dama de Beyruth» é o título da película que Sarita Montiel vai começar a interpretar nesta cidade dentro de dias.

Trata-se de uma co-produção hispano-francesa, com canções de Alguero, Lara e Piaf.

Sarita, que concluiu a sua viagem de lua-de-mel, esteve no Japão e na Rússia, entre outros países.

A protagonista de «O último couplé», filme que lhe deu fama, actuará nos

Estados Unidos no próximo Inverno com um «show» teatral.

★ **Prémios para filmes de 16 milímetros**

PARIS, 25 — (A. N. I.) — Resultados da II Semana Internacional do Filme de 16 mm. Em Evian:

— Grande prémio — «Fabiennne», de J. Godbout (Canadá).

Prémio especial — «Les mauvaises fréquentations», de J. Eustache (França).

— Outros prémios — «Le passager», de L. Cros (França), «Comme un ange», M. Crau (França), «Parfois le vendredi», UNEF (França), «Venezuela», C. Barret (França).

★ **Actor mexicano que visita oficialmente a Espanha**

MADRID, 25 — (A. N. I.) — Convidado pelo director-geral de Cinematografia e Teatro, José Maria Garcia Escudero, visitou esta capital, vindo de Paris, o secretário da Associação Geral dos Actores Mexicanos, Rodolfo Landa. Rodolfo Landa passou alguns dias nesta cidade, visitando diversas instalações da cinematografia espanhola.



Uma expressão do famoso mimico

Samy Molcho dá em Portugal dois espectáculos

Está entre nós, onde veio participar em dois espectáculos, o grande artista israelita da pantomima, Samy Molcho, um dos nomes mais reputados naquela expressão artística.

Samy Molcho, que está a terminar a sua segunda «tourné» à volta do Mundo, apresenta-se em Sintra, hoje, às 21 e 30, no Cine-Teatro Carlos Manuel, integrado no VIII Festival de Sintra. Amanhã, a convite da direcção do Teatro da Trindade, dá ali um espectáculo dedicado às classes trabalhadoras.

É o próprio artista que define a sua arte ao dizer: «A pantomima é um desenho a preto e branco que adquire cor através da fantasia do espectador. Pode apontar-se, com razão, a pantomima como sendo uma das bases do teatro. Da sua arte derivam o teatro declamado e o «ballet». O teatro dos nossos dias tenta reuni-los outra vez mas sob novas formas. A sua influência é sobre o público actual, e é tanto mais para admirar quanto se pensa como a Rádio, a Televisão e o Cinema alteraram e transformaram a sensibilidade dos espectadores. Foi possivelmente a técnica, com a sua assustadora grandeza, que encaminhou e fez regressar os homens ao gosto das coisas simples e aos gestos expressivos da pantomima; às graças pouco complicadas e às pequenas lágrimas. Cada arte tem de ser descoberta e apresentada de novo para o seu tempo. Aquilo a que nós chamamos pantomima moderna começou com a apresentação da «Treppen-teigens» da «Comida contra o Vento» e outros espectáculos de terror no mesmo género. Mas muito rapidamente esse género de exhibições não contentava nem o público nem o artista. Como experiência técnica apareceu o «Gedanke» e o «Aussage». A linguagem sem palavras não diz só coisas agradáveis. Levanta problemas, como qualquer outra. Antes de mais nada tem de expressar sentimentos e não pode conduzir apenas ao riso ou às lágrimas. Mesmo quando satisfaz o seu público ou o desilude, temos de concordar que é uma experiência perfeita».

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES

LEON GRIEG

COM **JUNE HAZEL**
ROBERT KAPIKIAN
e o seu famoso **BALLET MONDIAL**
no «show» **SORONGO**



E AINDA
ROSEMARY CARROLL
VEDETA DA TELEVISÃO INGLESA
TRIO DANIELS
ELEGANCIA, HUMOR E ACROBACIA
BAILADOS PORTUGUESES

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar, 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

Os mesmos artistas actuam também todas as noites no
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador
(MAIORES DE 17 ANOS)

CONTINUANDO A PROPORCIONAR BONS ESPECTACULOS DE CINEMA O



ESTREIA, AMANHÃ, UM «SUSPENSE» DE 1.ª CLASSE

O ÚLTIMO QUARTO DE HORA
(le dernier quart d'heur — V. O.)

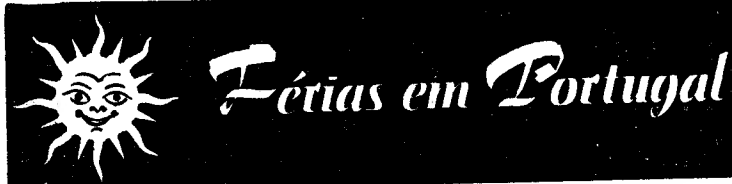
EM QUE, ATÉ AOS ÚLTIMOS 15 MINUTOS O PÚBLICO É DESAFIADO A DESCOBRIR QUEM MATOU. POR ISSO NÃO REVELE QUANDO O SOUBER.

com: **GEORGES RIVIERE**
LUCILE SAINT-SIMON
RENÉ HAVARD
DORA DOLL

Realizado por **ROGER SALTER**

Distribuição: Filmes Ocidente

ADULTOS



Hotel-Restaurante

D. Fuas

Único c/ quartos c/ vista p/ o mar

NAZARÉ

Telef. 46351

CENTRAL

Telefs. 22442 - 22960

PENSÃO • RESTAURANTE

QUARTOS COM CASAS DE

BANHO PRIVATIVAS

LEIRIA

TERMAS DE LUSO

ARTRITICOS-RENAIS-HIPERTENSOS

BALNEARIOS MODERNOS

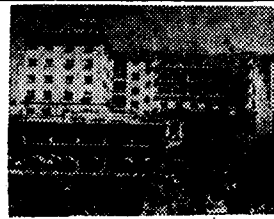
EMANATÓRIO

GRANDE HOTEL DAS TERMAS

DE LUSO E PISCINA MONUMENTAL

Telef. 93150

HOTEL DOS BANHOS — Telef. 93205



HOJE NO MONUMENTAL

UM FILME DE ALTO PODER EMOCIONAL QUE REQUER
DOS SEUS NERVOS UMA PREPARAÇÃO ADEQUADA!

A NOITE DA AGUIA

(MAIORES DE 17 ANOS)

(ESPECTÁCULO RIVUS)

Desde já se previne o público de que tudo quanto sucede
em «A NOITE DA AGUIA» deverá ser tomado como simples
coincidência pois a realidade nunca poderia atingir tamanho
grau de «suspense»



com PETER WYNGARDE - JANET BLAIR - MARGARET JOHNSTON

No MONUMENTAL

O MAIOR ESPECTÁCULO
DO ANO
(Para adultos)

A noite (2 sessões: 21 e 23 h.)
8.ª SEMANA

VASCO MORGADO
apresenta a superprodução
musical

FÉRIAS EM LISBOA

com a grande companhia de
ALFREDO ALARIA
e um excepcional elenco popular
comandado por

HUMBERTO MADEIRA
IRENE • HENRIQUETA
CRUZ • MAYA
o popular MAX
NICHOLSON
MANUELA MARIA
as atrações

BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
CONJUNTO SEM NOME

Dentro de dias: reaparição de
TRISTÃO DA SILVA

No AVENIDA

HOJE, às 21.45 h.
Telef. 327273

a caminho das 400 representações

LAURA ALVES

4 ÚNICOS
DIAS

na obra-prima
de
MARCEL
ACHARD

A IDIOTA

com
PAULO
RENATO

Luis de Campos, Carlos José
Teixeira, Maria Laurent, Carlos
Duarte, Nicolau Breynier, Lynne
Motta e José Morgado
à frente dum notável elenco
Preços para o povo desde 2550
Adultos



O PÚBLICO

COMPREENDEU E TAMBÉM AMOU E SOFREU
COM O DRAMA IMPETUOSO DESTA MULHER!
EM

2.ª SEMANA A MULHER DE EXIBIÇÃO DO PRÓXIMO

Com as interpretações geniais de ANNE HEYWOOD
e RICHARD TODD

Outro êxito de excepção
no

TIVOLI

EXCLUSIVO
S I F

(M/ 17 ANOS)

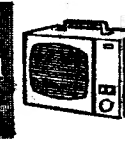
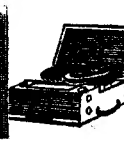
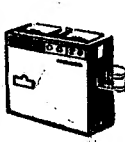


VÁ AO JAPÃO... ...DE GRACA

CADA COMPRADOR DE ARTIGOS "National"
ADQUIRIDOS EM QUALQUER ESTABELECIMENTO,
RECEBERÁ UM POSTAL QUE O HABILITARÁ A
CONCORRER AO SORTEIO DE 1 VIAGEM AÉREA
AO JAPÃO, DE IDA E VOLTA, NO VALOR DE 75.000
ESCUDOS INCLUINDO A ESTADIA.

sonipol

av. 5 de outubro, 15-1ª Lisboa



Cinemas

ALMADA — *Incrível* — A's 21 e 15: «O maior império do Mundo» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — *Cine-Copacabana* — A's 21 e 15: «Viagem de balão» e «Os gigantes de Roma» (12 anos).
BARREIRO — *Ginásio* — A's 21 e 15: «Tombola» (12 anos).
TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — A's 21: «Guerreiro de Creta» e «Com jeito vai» (17 anos).

— Rua do Cabo da Boa Esperança (Tel. 274356).
MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).
MONTIJO — *Giraldes* — Rua Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — *Lopes* — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETÚBAL — *Marques* — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783) *Bonfim* — Avenida Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558).
ALHOS VEDROS — *Portugal* — Avenida da Bela Rosa, 8 (Telefone 224250).
SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).
BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALMADA — *Magalhães* — Praça Luís de Camões, 10 (Tel. 270242).
BARREIRO — *Soares* — Av. da República, 1 (Tel. 2273023).
COVA DA PIEDADE — *Império*

PENHORES

f. 274878 **ALMADA**
Cruzamento D. Nuno-O. Salazar
PARAGENS: PANCAO E AQUARIO

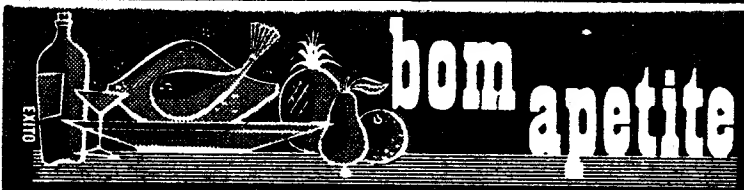
Cada noite, cada sucesso / O entusiasmo é cada vez maior

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
É O CARTAZ DAS MULTIDÕES

Hoje, visite: o Pavilhão da Câmara Municipal de Lisboa, o Pavilhão Internacional. Depois, nas esplanadas ou nos restaurantes pitorescos, poderá completar o resto da noite, ficando, de certeza, com vontade de voltar
O ESPECTÁCULO QUE A TODOS AGRADA E CONTENTA
Transportes fáceis, directos e assegurados

HOJE — A partir das 22 horas todos os senhores visitantes ficam habilitados ao interessante passatempo — O Infinito é o Limite — Oferta do Salão Exclusivos Eléctricos, Lda.



COZINHA ALENTEJANA

AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
Serviço de restaurante no JARDIM
ENCERRADA AS 2.ª-FEIRAS

«CHEZ FRIMAN»

TRAV. DO CORPO SANTO, 27
Telef. 322672
ESPECIALIDADES ALEMÃS
ESPECIALIDADES FRANCESAS
ENCERRADO AOS DOMINGOS

Folclore

RESTAURANTE • LUXO
Espectáculos todas as noites
(Maiores 12 anos)
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. NOVA DA TRINDADE, 22-A
Telefs. 324005 e 35007

café CANAS

RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO,
145-A — Telefs. 672229 - 666532

RESTAURANTE SÃO MARTINHO

A CASA DO BOM VINHO
COZINHA PORTUGUESA
Rua dos Sapateiros, 108
Telef. 324187

Self Service

SOLAR DE AVIS

RESTAURANTE
SALÃO DE CHA
CAFÉ - PASTELARIA

Av. da Liberdade, 126-134

Telef. 33091

Ar condicionado

RESTAURANTE HOTEL

JORGE V

R. MOUZINHO DA SILVEIRA, 3
TELEF. 538966
(JUNTO A S. N. BELAS-ARTES)

ARRAIAL

SÓ CHURRASCO
FRANGO • CARNES VARIADAS
e BACALHAU
R. Conde Sabugosa, 13-A
(AR CONDICIONADO)
(Entre as Av.ª de Roma e E.U.A.)

RESTAURANTE SNACK-BAR

SANTIAGO
ESPECIALIDADE
EM DOCE REGIONAL

LEIRIA «BRIZA DO LIS»
Telef. 22031

RESTAURANTE SNACK

AR CONDICIONADO

SANCHO

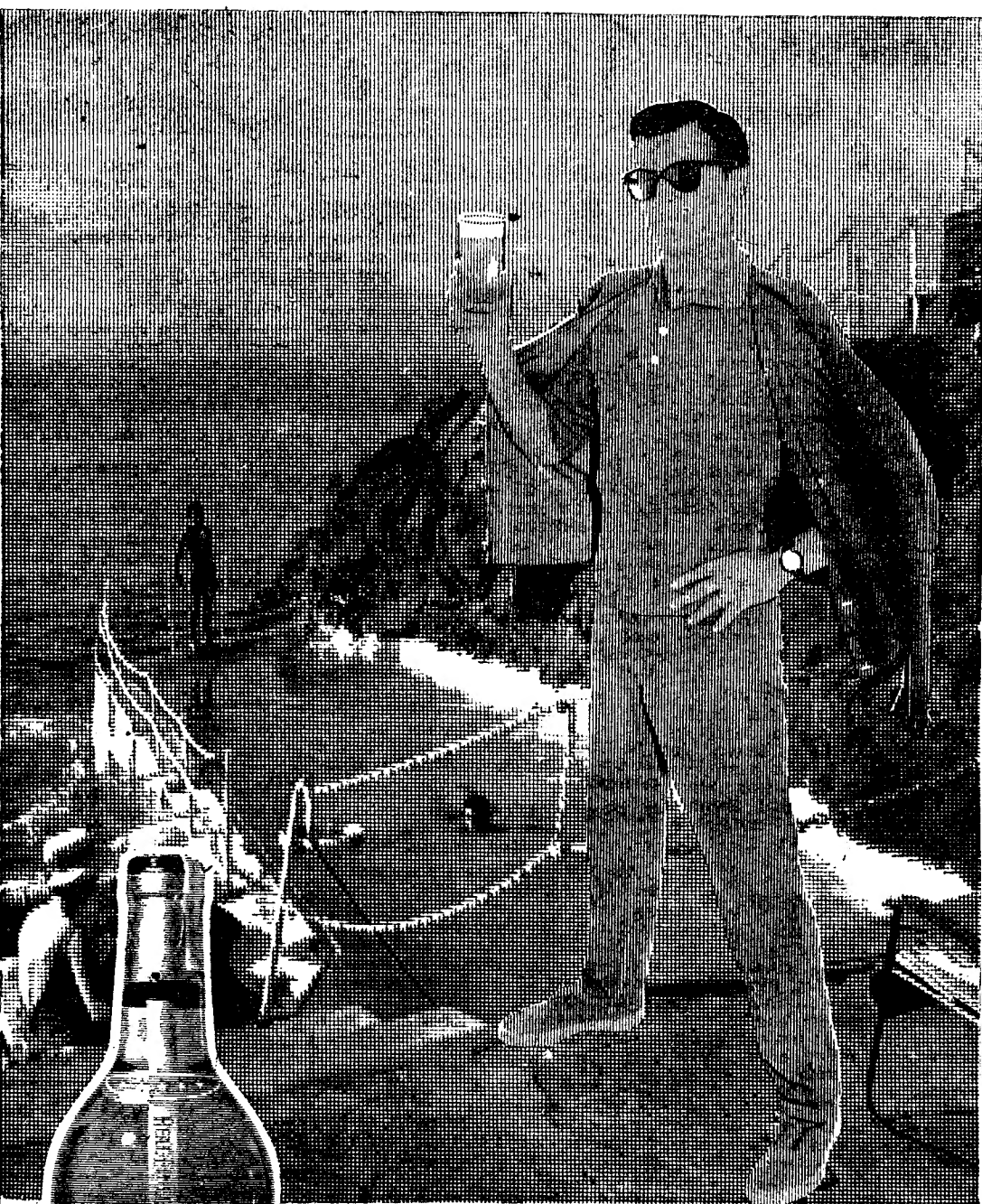
DIRECÇÃO
DE
MANOEL
CORBACHO

COZINHA DE 1.ª — PREÇOS MODERADOS
ESPECIALIDADES: ASSADOS, FUMADOS, GRILHADOS E MARISCOS

TRAV. DA GLÓRIA, 14 — Telef. 369780

VIAGENS
NEGÓCIO e RECREIO

AGENCIA DE VIAGENS
BUISSON, LDA.
R. Braamcamp, 15 — Tel. 40459



com água
gelada

MACIEIRA

é sempre MACIEIRA

TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

Em colaboração com o SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO e por gentileza dos organizadores dos FESTIVAIS DE SINTRA

QUARTA-FEIRA, DIA 26 AS 21.30 HORAS

Espectáculo dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Apresentação do extraordinário mímico, de fama mundial

SAMY MOLCHO

que está a concluir a sua segunda «tournée» por todo o Mundo, sempre com o mais assinalado êxito nos seus espectáculos

BILHETES A VENDA, NO TEATRO, AOS PREÇOS HABITUAIS (Maiores de 12 anos)
— PLATEIA — 10\$00 —

— Depois de iniciado o espectáculo não é permitida a entrada na sala —

QUINTA-FEIRA, dia 27, às 21,30 horas — IV e ÚLTIMO CONCERTO SINFÓNICO

Bilhetes á venda, neste Teatro



COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.
HOJE, às 21.30
(Maiores de 12 anos)
Despedida do grande filme
de CAPA e ESPADA

ÓDIO MORTAL

AMANHÃ
ESTREIA DA SUPERPRODUÇÃO
SEPULTADO VIVO

TERRENO-SACAVÉM

Com 1.350 m2 (gaveto), estação serviço ou outra construção própria local, a pegar com STET, na estrada Encarnação — Prior Velho. Tratar com: DR. SILVA TAVARES — COLOS — CARDIGOS (B. B.)

Automóveis s/ condutor
PARA GRANDES VIAGENS
17-M SUPER NOVOS
L. St.ª Bárbara, 5-B — T. 734657

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 3.ª página)

que é Laura Alves, ao lado de Paulo Renato, Luís de Campos, Carlos José Teixeira, Lynne Motta, Maria Laurent, Carlos Duarte, Nicolau Breyner e José Morgado. Portanto, o público adulto tem naquele Teatro um espectáculo que o diverte todas as noites às 21 e 45.

NO IMPÉRIO

«Esplendor na Relva»,
de Elia Kazan
na sessão clássica

«Esplendor na Relva», escrito pelo famoso William Inge, produzido e realizado por mestre Elia Kazan, é, em resumo, a história de dois adolescentes perturbados por uma paixão adulta.

Coroando 19 anos de carreira cinematográfica, a jovem Natalie Wood regista um brilhante processo emocional nesta película que o Império apresenta amanhã, às 18 e 30, na sua 389.ª sessão de cinema clássico.

Com Natalie Wood, temos War-

ren Beatty, um astro que consegue reflectir tudo quanto sonha uma adolescente, esse complexo estado de alma de uma rapariga, já mu-

lher, que luta entre a paixão física e os ditames do seu coração. Na América, «Esplendor na Relva» foi lançado com este slogan: «A maior parte dos filmes termina com a palavra fim. Este, acompanhado por muito tempo e do fundo do seu coração».

AS ESTREIAS DE HOJE

No Monumental

Título em português — «A noite da águia».

Título original — «The night of the eagle».

Produção — Inglesa.

Realização — John Fenell.

Interpretes — Peter Wyngarde, Janet Blair e Margaret Johnston.

Género — Terror.

Distribuição — Espectáculos Ri-

vus.

Processo — Normal, a preto e branco.

Classificação — 17 anos.

Os criadores de gado da Huila

vão ao Sudoeste Africano

SA DA BANDEIRA (Angola), 25 — (A. N. I.) — Não obstante não se ter realizado, este ano, a habitual exposição de gado, muitos criadores, mantendo o que já consideram uma tradição, reuniram-se num almoço de confraternização, no decurso do qual foram debatidos alguns assuntos de interesse geral.

Entre os convivas, encontrava-se o dr. Warning, técnico sul-africano cuja paixão por Angola — conforme declarou — vai levá-lo a fixar-se definitivamente na Huila. Com a presença deste, surgiu a ideia — unanimemente apoiada por todos os convivas — de promoverem em breve uma excursão dos criadores de gado da Huila ao Sudoeste Africano, correspondendo, assim, às visitas feitas pelos seus colegas do país vizinho.

A CIDADE

Instalação

de marcos fontanários

Satisfazendo o pedido das populações interessadas, o presidente da Câmara deferiu a instalação de marcos fontanários nos seguintes locais da cidade: Travessa Silva Porto, Azinhaga do Pinhal, Azinhaga das Lajes, Rua da Centeiria e Casal Ventoso de Baixo.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): certa quantia em notas do Banco de Portugal e uma nota de importância determinada, uma espátula metálica, uma carteira de senhora com dinheiro, dois porta-moedas também com dinheiro, uma carteira com um cartão em nome do sr. José Emílio das Neves Silva e dinheiro, uma mala de senhora com um aparelho de rádio portátil, uma mala de criança, um casaco de malha, um embrulho com pasta dentífrica, uma chave de fendas, diversas argolas com chaves e uma capa de plástico.

Linha de SINTRA

Uma rua de Queluz

que não tem sarjetas

Há em Queluz uma rua, com o nome de Mateus Vicente de Oliveira, que não tem sarjetas para esgotar as águas das chuvas. Estas criam um autêntico rio, e como por aquela artéria passam muitos automóveis, as pessoas que nela circulam ficam, por vezes, encharcadas, e a lama atinge as fachadas dos prédios. Os moradores daquela rua, por nosso intermédio, pedem providências à Câmara Municipal de Sintra.

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21 e 15: «O jogador profissional» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «O livro de San Michela» e «O último pistoleiro» (17 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 e 30: «As noivas de Dracula» (17 anos).

ERICEIRA — Cine-Teatro — A's 21: «Processo sensacional» e «Os incríveis» (17 anos).

VENDA NOVA — Cine Portugal — A's 21 e 15: «O pagador de promessas» e «A tortura do medo» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — Rua Elias Garcia, 78-B (Telefone 932485); e Confianga — Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — André — Avenida Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); e Queluz — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).

CACEM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Químia — Est. Mem Martins, 285 (Telefone 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).

SINTRA — Simões — Rua Heliodoro Salgado, 26, Estefânia (Tel. 980832).

VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

PENHOES

AMADORA

P. da Igreja, 13-A — Tel. 931703

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE

A NOITE DA ÁGUIA

MONUMENTAL

TIVOLI
Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)
Um filme de suspense de grande classe!

2.ª SEMANA

A MULHER DO PRÓXIMO
com Richard Todd e Ane Heywood

MONUMENTAL
Telefone 55513

A's 21.30 (M. 17 anos)
ESTREIA

A NOITE DA ÁGUIA
com Peter Wyngard, Janet Blair e Margaret Johnston

ALVALADE
Telefone 763080

A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
O exército disse que faria dele um homem... mas ninguém disse o que ele faria do exército.

O HERÓI DO REGIMENTO
com Jerry Lewis e Peter Lorre

AVIS
Telefone 47163

A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Uma deliciosa comédia colorida com António Cifariello, José Isbert e a escultural Mercedes Alonso

MARGARIDA, TU ÉS O MEU AMOR
O que acontece a uma mulher quando ela é muito... estudante!

AR CONDICIONADO

CINEMA IDEAL
Telefone 324194

A's 21 h. (M. 12 anos)
VIAGEM AO FUNDO DO MAR

A RAPARIGA DA MONTANHA

CASINO ESTORIL

A's 17 horas (M. 12 anos)
A's 21.30 horas (M. 17 anos)

DONDE VENS TU, JOHNNY?
com Johnny Hallyday e Silvia Vartan

IMPERIO
Telefone 555134

A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Uma extraordinária comédia, com um dos maiores cómicos de sempre

O BOBO DA CORTE
(THE COURT JESTER — V. O.)
com DANNY KAYE

POLITEAMA
Telet 326305

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
GRANDE EXÍLIO
Um filme de alto nível histórico

A ESPADA DO CID
com CHANTAL DEBERG

UMA REALIZAÇÃO SEMPRE APAIXONANTE!
Cinemascope (Col.) (M. 12 anos)

ROMA
Plateia 727778
Balcão 729192

A's 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
O. W. Fischer e Marianne Koch

na mais mordaz e irreverente comédia do ano!

E TUDO O «OUTRO» LEVOU...
Um filme cheio de aldrabice, de malandrice e... de expectativa!

AR CONDICIONADO

CAPITOLIO

A's 21.15 (M. 12 anos)
TERRAÇO

NEGÓCIO DE CASAMENTOS
com Glenn Ford

A BONECA CHINESA
com Victor Mature

ESPLANADA PORTUGALIA
Telefone 47663

A's 21.15 horas (M. 17 anos)
A MÃO INVISÍVEL DO DR. MABUSE

CONVERSA DE TRAVESEIRO

CONDES
Telefone 52525

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (Adultos)
BORIS KARLOFF

Numa história arrepiante nascida num cérebro doentio e maquiavélico

«O TERROR»
(THE TERROR — V. O.)
Colorido — AR CONDICIONADO

EDEN
Telefone 520760

A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
4.ª SEMANA

Um filme que consagra o cinema nacional

A ÚLTIMA PEGA
com Fernando Faria e Leonor Mendes
A nobreza e a valentia da gente do Ribatejo.

ODEON
Telefone 526284

A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
Uma admirável sátira à mocidade rebelde

A LOUCURA DO TWIST
com o famoso cantor ENRIQUE GUZMAN e ROSITA ARENAS

No palco: a esplêndida atracção DANIEL BACELAR & OS GENTLEMAN (M. 12 anos)

TERPASSO
Telefone 320917

A's 21 horas (M. 12 anos)

O SEGREDO DAS MALAS PRETAS
O MAIS BELO ESPECTÁCULO DO MUNDO

ROYAL
Telefone 465037

A's 21 h. (M. 12 anos)
SPARTACUS

c/ Kirk Douglas e muitos outros astros

CLIP
Telefone 48560

A's 21 horas (M. 12 anos)
A DESAPARECIDA MARICRUZ

LUZES DA RIBALTA

LIMELIGHT



... É a história maravilhosa, humana, terna, do amor do palhaço pela bailarina.

com CLARE BLOOM

SYDNEY CHAPLIN e NIGEL BRUCE

BUSTER KEATON - MARJORIE BENNETT

e o BAHI ANDRE EGLEYSKY e MELISSA HAYDEN

Produção Argumento e Realização de Charles Chaplin

Um filme da United Artists



FINALMENTE, ESTE CÉLEBRE FILME É APRESENTADO NA SUA VERSÃO INTEGRAL

A BILHETEIRA ABRE ÀS 13 HORAS

GOULART INCITA O POVO A «RESTAURAR A LEGALIDADE» NUM MANIFESTO LIDO NO PARLAMENTO BRASILEIRO

BRASILIA, 25 — (F. P.) — Um extenso manifesto do ex-presidente João Goulart foi lido ontem na tribuna da Câmara Brasileira pelo chefe do grupo parlamentar do Partido Trabalhista, por ocasião do décimo aniversário do suicídio de Getúlio Vargas.

Datado de Montevideo, onde Goulart se encontra exilado desde que foi deposto, o manifesto incita o povo brasileiro a «restaurar a legalidade democrática do poder civil e das instituições republicanas».

Depois de lembrar que se recusou a demitir-se, limitando-se apenas a reconhecer «uma situação militar» por saber o povo desarmado, João Goulart afirma ter sido abusivamente que o Congresso federal proclamou em 1 de Abril último a vacatura do Poder, pois nessa altura «o chefe legítimo do Estado encontrava-se notoriamente em território nacional».

«NENHUMA FORÇA CONSEGUIRÁ IMPEDIR AS REFORMAS»

O ex-presidente entrega-se também a uma longa justificação da sua administração, defendendo os projectos de reforma do seu Governo e declinando a responsabilidade pela não execução desses projectos.

Goulart denuncia ainda «as intervenções de certos representantes estrangeiros» e acusa as autoridades monetárias internacionais de «fixarem unilateralmente condições humilhantes para auxílios ilusórios».

«Lutei para que o Parlamento aprovasse as reformas estruturais, mas nada conseguiu. No entanto que ninguém se engane: nenhuma força conseguirá impedir a reali-

zação dessas reformas» — afirma João Goulart, que mais uma vez retoma os principais temas do «ge-tulismo».

Também ontem a secção do Rio de Janeiro do Partido Trabalhista publicou um documento — programa em 28 pontos — no qual insiste igualmente na «soberania do poder civil» e na «restauração da lei».

JANGO APOIA O CANDIDATO DAS ESQUERDAS A PRESIDÊNCIA DO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 25 — (R.) — João Goulart disse desejar que o candidato das esquerdas, Salva-

dor Allende, ganhe as eleições chilenas do próximo dia 4.

Num telegrama ao dr. Allende, João Goulart declara: «Desejo o triunfo de Salvador Allende e do seu movimento popular. A sua vitória terá, certamente, uma grande repercussão em todas as nações latino-americanas».

O senador Allende, candidato à presidência, por parte da Frente Popular de Acção Revolucionária, partiu a noite passada para o Sul do Chile, na última fase da sua campanha eleitoral, acompanhado por todos os membros proeminentes da Frente.

Dez anos depois do suicídio do presidente Getúlio Vargas os elementos essenciais da crise não desapareceram totalmente

RIO DE JANEIRO, 25 — (F. P.) — Há dez anos, em 24 de Agosto de 1954, Getúlio de Ornelas Vargas, presidente da República do Brasil, suicidava-se com um tiro no coração.

O suicídio do antigo ditador, que durante vinte anos dirigiu o Brasil como senhor absoluto, ia mergulhar o país na tragédia. Dez anos depois, o cadáver de Vargas obseca ainda a cena política brasileira. Neste decénio trágico, foram derrubados três presidentes da República — Carlos Luz, Café Filho e João Goulart. Outro — Janio da Silva Quadros — apresentou a demissão em circunstâncias espectaculares, e

um unico, Juscelino Kubitschek de Oliveira, chegou normalmente ao termo do seu mandato.

O mês de Agosto fica assim na História política do Brasil como um mês que faz medo. As principais personagens da tragédia de 1954 estão ainda em cena, enquanto os elementos essenciais da crise que levou Vargas ao suicídio ainda não desapareceram totalmente.

O ATENTADO CONTRA CARLOS LACERDA

Na recordação dos amigos de Vargas, o drama evocará sempre o nome da personagem que teve o primeiro papel: Carlos Frederico Werneck Lacerda, actual governador do Estado da Guanabara.

Há dez anos, Lacerda, com quase 40 anos, era o primeiro tribuna do país. Jornalista brilhante e agressivo, tinha, por intermédio do seu jornal, «A Tribuna da Imprensa», lançado contra o governo Vargas uma campanha de imprensa de violência inaudita.

Esta campanha contra o que chamava «o mar do lodo», atingia directamente os membros da família do antigo ditador.

O irmão deste, Lutero Vargas, perdendo o sangue-frio, sugeriu ao chefe da guarda pessoal do presidente que, para fazer calar Lacerda, se deveria recorrer aos grandes meios. No atentado que devia eliminar Lacerda, os homens de mão de Lutero Vargas conseguiram matar um jovem oficial do exército do ar. Rubens Vaz, que protegia o jornalista.

O exército do ar rebelou-se e pediu vingança. Os dirigentes do partido de Lacerda, a União Democrática Nacional, exigiram a demissão do presidente, que acusavam de cumplicidade no homicídio.

UNIRAM-SE CONTRA MIM FORÇAS TERRÍVEIS, INIMIGAS DOS POBRES E DOS HUMILDES

Vargas viu-se traído. «Não sou um criminoso. O meu mandato pertence ao povo, e não deixarei o palácio presidencial» — foi a sua resposta aos generais que, na noite de 3 de Agosto, o procuraram para lhe exigir que se demitisse.

Mas os generais também não quiseram ceder e, quando um representante dos generais tentou pela última vez convencê-lo a abandonar as suas funções, Vargas declarou: «Se as forças armadas não garantirem a ordem constitucional, matem-me».

Horas mais tarde, na madrugada de 4 de Agosto, o presidente dava um tiro no coração, depois de redigir pelo seu próprio punho uma extensa carta que consiliava o seu tes-

Quando se encontrava na igreja para se casar com outra a mulher apareceu com os filhos

LIMA (Peru), 25 — (R.) — A solenidade de uma cerimónia de casamento que se celebrava nesta capital foi abalada quando uma mulher, que se encontrava na igreja, começou a gritar: «Esse é o meu marido».

O padre estava prestes a perguntar a Teresa Romero Garcia se aceitava Alcides Zelada Saldana como seu esposo, quando apareceu a mulher de Saldana, acompanhada por cinco crianças gritando: «Paizinho, paizinho».

A noiva desmaiou e o noivo fugiu, perseguido pelos irmãos da mulher com quem ia casar.

A sr. Saldana declarou: «Alcides saiu de casa, às primeiras horas desta manhã, dizendo que ia trabalhar».

Ladrão astucioso

GOTEMBURGO (Suécia), 25 — (R.) — Durante a noite, um ladrão entrou, em bicos dos pés, no quarto de um recém-casado, murmurou por diversas vezes a palavra «que-rida» — e foi-se embora com 5700 coroas.

A noiva disse mais tarde à Polícia: «Pensei que fosse o meu marido».

Em poucas linhas

U. R. S. S.: AUXÍLIO AO TANGANICA — (F. P.) — Num comunicado conjunto publicado em Moscovo no final da visita de uma delegação do Tanganica e Zanzibar à União Soviética, afirma-se que este último país participará na construção de fábricas, de dois hospitais e de uma escola, assim como na prospecção mineira e no desenvolvimento da rede telefónica do Tanganica.

E. U. A. — GREVE NA PAN AMERICAN — (R.) — Os empregados da Pan American entraram hoje em greve por se terem rompido as negociações para aumento de salários. Esta greve imobilizará 12 000 empregados e vai afectar os 17 000 passageiros que a Pan American transporta por dia em todo o Mundo.

ARGENTINA: ACORDO ENTRE PERONISTAS E O EXÉRCITO? — (A. N. I.) — O ministro do Interior, Juan Palmero, declarou ontem desconhecer em absoluto se existe algum acordo entre o Exército e os peronistas sobre o regresso de Peron do exílio. O ministro salientou, porém, não ser uma inovação a política de conciliação entre as diversas facções, que sempre tem sido seguida pelo Governo.

Para ajudar o negócio...

VOORSCHOTEN (Holanda), 25 — (A. N. I.) — A Polícia prende, ontem à noite, o proprietário de uma oficina de reparações de bicicletas que surpreendeu a lançar pregos numa rua, perto do seu estabelecimento.

A falta de difusão do livro português no Brasil

RIO DE JANEIRO, 25 — (F. P.) — O escritor e crítico literário português Luís Forjaz Trigueiros, que actualmente se encontra no Brasil com outros intelectuais portugueses participantes na Semana de Estudos sobre a Escola Romântica em Portugal, vai efectuar conferências sobre assuntos da sua especialidade em diversas capitais estaduais do interior do país.

Falando no Rio de Janeiro, Luís Forjaz Trigueiros ocupou-se demoradamente do grupo literário português da «Presença» e mostrou-se bastante impressionado com a falta de difusão do livro português no Brasil e vice-versa. Prometeu ainda estudar de perto o problema quando regressar ao seu país, pois — afirmou — «os meus compatriotas interessam-se pela jovem literatura brasileira, que consideram rica e fecunda».

Ataques aéreos no Laos

HANOI, 25. — (F. P.) — «Na manhã de 22 de Agosto, «jactos» americanos em quatro formações violaram o espaço aéreo de Khang Khay» — anuncia «A Voz do Laos».

Além disso, nos últimos dias, a Aviação americana tem submetido a severos bombardeamentos as posições das forças dos patriotas na região de Fu Khut, que há um mês suportam os ataques das forças reaccionárias.

Segundo a mesma fonte, a Aviação americana teria efectuado nos últimos 10 dias mais de 60 voos sobre território em poder do Pathet Lao.

Numerosos brancos alistam-se nas forças de Tschombé

Centros de recrutamento funcionam em Salisbury e Johannesburg

SALISBURY (Rodésia do Sul), 25 — (F. P.) — Numerosos jovens brancos rodésianos faziam ontem «bicha» diante da clínica de um dentista de Salisbury para se alistarem no Exército de mercenários que o Governo de Leopoldville está a recrutar para a luta contra os rebeldes.

Quem se encarregou do recrutamento dos mercenários foi um tal Alastair Wicks, que se encontrava em Elisabethville quando dos combates com os «capacetes azuis». Foram tantos os voluntários que se apresentaram em resposta a um anúncio publicado por Wicks que este último, já não podendo atendê-los em casa, teve de pedir emprestada a clínica de um dentista.

Wicks tem recebido um afluxo ininterrupto de voluntários, entre os quais, naturalmente, desempregados, mas também, policiais fardados, militares, técnicos e jovens recém-saídos da escola e em busca de aventuras.

CEM MERCENARIOS AGUARDAM NA RODÉSIA DO SUL O MOMENTO DE PARTIR

Nos últimos 15 dias, cinquenta brancos, pelo menos, foram recrutados na África do Sul e transportados para a base congoleza de Ka-

(Continua na última página)

Mantêm-se as detenções feitas pela Polícia Judiciária e outras pessoas têm sido interrogadas relativamente ao caso dos estupefacientes

Dez e meia da manhã. Um sol quente e luminoso doira a cidade. Subimos a escada estreita de um prédio de quatro andares, da Rua das Amoreiras, onde a luz é pouca. Só lá em cima, uma claraboia rasgada e ampla, dá passagem ao sol e à imagem feliz de Lisboa num belo dia de Agosto. Batemos a uma porta. Lá dentro há risos inocentes de crianças.

Atende-nos um homem ainda novo, de olhar triste, onde se adivinha um sofrimento íntimo. Queremos saber novas de Maria Helena Pereira, cujo verdadeiro nome é Maria Joaquina Tavares Ferreira, de 37 anos, doméstica, que está detida na cadeia das Mónicas e a quem já aqui nos referimos, por ter ido receber assistência ao Hospital de S. José, quando ali também se encontrava Isabel Oliveira Borges, detida pela Polícia Judiciária, bem como o seu companheiro Aníbal Pereira Levezinho, em íntima ligação com o caso de tráfico de estupefacientes que o «Diário de Lisboa» tem vindo a tratar desenvolvendo.

— Ela é minha irmã, diz-nos o dono da casa, e não tem nada a ver com o caso de que os senhores andam a tratar. Falei com ela sobre isso. Nada tem a ver com o assunto. Foi presa em Corroios, pela G. N. R., mas por vadiagem.

E acrescentou, apontando para um garoto dos seus 6 ou 7 anos: — É a mãe deste pequeno, que vive connosco. Ela não tem nada a ver com esse caso da droga.

Polícia Judiciária:

— Estamos a trabalhar...

Dali, seguimos para a sede da Polícia Judiciária. Recebeu-nos o seu subdirector, sempre amável e com a compreensão exacta do interesse dos jornais por este e por todos os casos que caem sob a alçada daquela corporação.

— Nada temos a acrescentar, por enquanto. Continuam as investigações. Como dizemos na gira policial, estamos a trabalhar... Por enquanto, nada mais podemos dizer. E os senhores? — perguntou.

Então, a sorrir, aos jornalistas, passando de interrogado a inquiridor.

— E' que, por vezes, torna-se mais fácil, aos jornais, averiguar certas coisas...

Pouco depois abandonámos o edifício com a indicação de que a Polícia Judiciária divulgará qualquer comunicado, logo que seja altura oportuna para tal, e com a certeza de que aquela corporação desenvolve de intensa actividade procurando deslindar o caso completamente, para o que terá alargado, consideravelmente, as acções em curso e pelo que terá passado pelas suas instalações, ultimamente, um numero considerável de indivíduos.

Entretanto, viemos a saber, posteriormente, que na casa de José Ferreira, enfermeiro do Hospital de S. José e um dos detidos pela Polícia Judiciária, foi encontrada, pela mesma Polícia, grande quantidade de drogas e outros medicamentos, bem como um balão de soro.

Por ultimo e no prosseguimento das suas investigações, a Polícia Judiciária mantém as detenções já anunciadas. Desses detidos, parece não haver duvidas quanto à situação de «viciada» da Isabel Oliveira Borges.

O DR. SAMUEL SANCHES foi nomeado

administrador do Banco Ultramarino

De acordo com uma resolução do conselho de ministros e por uma portaria do titular da pasta do Ultramar, hoje publicada no «Diário do Governo», foi nomeado para o cargo de administrador por parte do Estado junto do Banco Nacional Ultramarino o sr. dr. Samuel Rodrigues Sanches, que vai ocupar a vaga resultante da exoneração do sr. comandante Gabriel Maurício Teixeira.

Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, com distinção, e encarregado do curso da Faculdade de Economia do Porto durante seis anos, o sr. dr. Samuel Sanches foi secretário de Estado do Comércio. Exercendo já as funções de directores do referido Banco, ocupava actualmente o cargo de delegado do Governo na Siderurgia Nacional, lugar de que pediu agora a sua exoneração.

A LISTA DO 12.º TURNO DA 2.ª PROVA DO CONCURSO DO CONDUTOR EXEMPLAR INFANTIL

Os meninos e meninas cujos nomes indicamos a seguir, devem comparecer amanhã, quarta-feira, dia 26, às 10 horas, no Centro Zoológico de Lisboa, para prestarem a 2.ª prova do Concurso do Condutor Exemplar Infantil: João Eduardo de Matos, Pedro Manuel Ataíde Ramos, Raul de Castro Rodrigues Caldeira, Rui Carlos Rafael Ribeiro, Vasco Jorge Valdez, Vítor António Silva Guerra, Vítor Juan Lagoute, Vítor Manuel Fernandes Ribeiro, Carlos António Rodrigues Pinto, Eduardo Agostinho Neves, Henrique Frederico Cayatte, Jaime Eduardo Silva Couto, Jorge Manuel da Silva T., José António Nizza Rebelo, José Carlos Alfaro Cardoso, Maria Beatriz Batista Lopes, Rui Manuel Faria dos Santos e Vasco Luís Vicente Futuro.

A seu pedido, prestam provas, também, amanhã, mas às 15 horas, os concorrentes José Paulo Penedos Soares e Maria Margarida Penedos Soares.



Um aspecto da exposição de material de enfermagem

Mais de 600 congressistas de catorze países tomam parte em Lisboa no Congresso Europeu de Enfermagem

Promovido pelo C. I. C. I. A. M. S. (Comité Internacional Católico das Enfermeiras e Assistentes Médicos-Sociais), está a decorrer em Lisboa desde ontem, no Hospital de Santa Maria, o Congresso Europeu de Enfermagem. Neste congresso, dedicado ao tema geral «Enfermagem na Europa de Amanhã», tomam parte 640 congressistas — religiosas-enfermeiras, enfermeiras leigas e capelães — dos quais 300 estrangeiros, em representação da Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, E. U. A., França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália e Portugal.

Objectivos do C.I.C.I.A.M.S.

O C. I. C. I. A. M. S. tem por finalidade: estimular em todos os países a criação e desenvolvimento das Associações Profissionais Católicas, apoiar moral e espiritualmente os seus membros e promover o seu aperfeiçoamento técnico; coordenar os esforços dessas associações, a fim de estudarem e representarem o pensamento católico no domínio geral da profissão de enfermagem; cooperar no desenvolvimento geral da profissão e promover uma acção sanitária e social de acordo com os progressos da técnica e com os princípios cristãos, de modo a assegurar a saúde e o bem estar a que todo o maior respeito pelas suas convicções.

Os trabalhos desta manhã

Os trabalhos do Congresso come-

Visitará a Madeira

o ministro das Corporações

FUNCHAL, 25 — (A. N. I.) — Anuncia a Imprensa que o ministro das Corporações, prof. Gonçalves de Proença, no regresso da sua viagem aos Açores, em Setembro, desembarcará do paquete «Funchal» e ficará alguns dias na Madeira. Seguirá depois, de avião, para Lisboa.

Joias antigas e modernas

Compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVARIA
DA MODA
RUA DA PRAIA 257

DIGESTINAS

o prazer de uma boa digestão

- NORMALIZAM A DIGESTÃO
- EVITAM A FLATULÊNCIA
- SUPRIMEM O ARDOR DO ESTÓMAGO
- ASSEGURAM UMA DIGESTÃO PERFEITA

CAIXA PEQUENA
6500 25 PASTILHAS
CAIXA GRANDE
16550 100 PASTILHAS

ACTIVO, SUAVE E DELICIOSO REMEDIO CONTRA O EXCESSO DE ACIDEZ GÁSTRICA



A Previdência concorre no próximo ano 2500 bolsas de estudo a tra - anunciou hoje o ministro da

PORTO, 25.—No prosseguimento de uma série de visitas ao Norte, o sr. prof. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social, deslocou-se, esta manhã, a Leça da Palmeira, a fim de visitar a colónia de férias da Federação das Casas do Povo, ali instalada e onde desde há três meses já se alojaram cerca de 400 crianças de ambos os sexos, em turnos de 60 cada um.

Seguidamente foram entregues pelo ministro os alvarás de criação das Casas do Povo da Retorta, no concelho de Vila do Conde, de Jazende, em Amarante, e de S. Romão do Coronado, em Santo Tirso. Efectuou-se depois uma visita às instalações da colónia, após o que teve lugar uma breve sessão solene, em que falaram os srs. prof. Mota e Costa, Altamiro Ramos de Oliveira e, por fim, o titular da pasta das Corporações.

O discurso do ministro

Usando da palavra, o ministro das Corporações começou por fazer várias considerações sobre a política social, afirmando que esta se «não deve apenas preocupar com a relação jurídica de trabalho em si considerada, mas nas suas preocupações deve outrossim abranger tudo quanto respeita à defesa e salvaguarda da dignidade do trabalhador como cidadão e como chefe de família».

O prof. Gonçalves de Proença anunciou, depois, que se encontra praticamente concluído o novo diploma regulador do contrato colectivo de trabalho, destinado a substituir a velha lei n.º 1952, de 10 de Março de 1937. Para muito breve se pode anunciar também a publicação do Regulamento Geral das Caixas Regionais de Previdência e Abono de Família, em que serão introduzidos novos avanços na execução da Reforma da Previdência em curso.

No prosseguimento das suas declarações, o ministro revelou, ainda, outras medidas de carácter social, afirmando:

«Alinda dentro do sector da Previdência, torna-se publica a decisão hoje mesmo tomada de autorizar

Créditos especiais no valor total de 121913 contos abertos em Cabo Verde em Angola e na Guiné

Considerando o que foi proposto pelo Governo-Geral da provincia de Angola no sentido de serem utilizados saldos de dotações de objectivos inscritos no programa de financiamento do II Plano de Fomento de 1963 no reforço de dotações de objectivos do programa em vigor, especialmente com o fim de solver compromissos que transitaram do ano findo; atendendo ainda a que o andamento imposto à execução de determinados objectivos impõe o recrutamento de maiores recursos financeiros para fazer face às despesas correspondentes; considerando que, de entre esses objectivos, se destacam o estudo das cabeceiras do rio Cunene, os trans-

portes fluviais, a produção e transporte de energia eléctrica, os estudos geológicos e dos meios de obtenção de água doce, os aeroportos e material aeronáutico e a construção e apetrechamento de instalações hospitalares e congéneres, como os mais carecidos de recursos financeiros, foi determinado que o Governo da provincia de Angola abra seis créditos especiais, no valor total de 118 031 contos.

3634 contos para a Guiné

Considerando que se torna de urgente necessidade reparar e melhorar os barcos de assistência à pesca e instalar um frigorífico de grande capacidade de armazenamento para garantia do regular abastecimento da população na provincia da Guiné; e atendendo a que, no campo da instrução há que continuar as obras do Liceu de Honório Barreto e iniciar a Escola Comercial e Industrial de Bissau, e, possivelmente, construir algumas escolas de grandes dimensões, de forma a des congestionar os edifícios existentes, insuficientes para uma população escolar sempre crescente, foi mandado abrir, na provincia da Guiné, um crédito especial de 3634 contos, sendo 1956 para a pesca e 1678 para a construção e apetrechamento de instalações escolares.

248 contos para Cabo Verde

Para reforçar dotações de objectivos constantes do programa em vigor do II Plano de Fomento, foi aberto, na provincia de Cabo Verde, um crédito especial de 248 contos.

as Caixas de termédio da clais», a alarg de estudo, con dores e seus 2000 para 2500 volver o enco de 9000 cont atenção que, 1963/64 foram 2000 bolsas, 6500 contos.

Finalmente, os aspectos n lução da noss anunciar-se q elaboração o Formação Pro Porto, com c de Lisboa, e q te assente pel rativos inter nas duas cid Formação Pre dizes Metalur cos com capa para 100 alu

Pela Casa do Coronado criação os sr de Oliveira, J e Américo Me outorgaram a srs. Luís Sar Amadeu Fon pela Casa do srs. Aníbal d Manuel da Si Tanto à ent

edifício, as c colónia e o Casa do Povo po, lançaram Gonçalves de em cantares honra àquele foi prestada tários de Ma

Fora

devido

Na 2.ª cl Ruivo, próxi colha da cerca das 1 quatro bar O. P. C. A. nos da C. M algumas fam o fogo destr As chamas plação de un que a sr. Ferraz, de 4 sr. Fernando pedreiro, ac sua refeição de 4 anos.

No momen tária não se e foi então a que deu o p didamente e de e, depois mas, onde v berto da Si rista, que s sua esposa, Miranda, de tenra idade, do de ano Fernando d ro, emprega também não te, bem com va e sua es Silva, tam

Act Quando maior inter humildes co son Barbosa morador no do-chão d digna dos r trou numa a custo, trê de, que ali das num c uma morte negada acç Jarraca, des máquina u ficou reduzi sapadores b pareciam e

lência concederá próximo ano lectivo de estudo a trabalhadores hoje o ministro das Corporações

osseguinte ao Norte, o Proença, mi e Previden- esta manhã, fim de visita da Federação instalada e se já se alo- as de 60 cada

entregues de criação Retorta, no onde, de Ja- de S. Romão to Tirso, ma visita às após o que sessão solene prof. Mota e de Oliveira da pasta das;

ministro

o ministro ou por fazer sobre a poli- que esta se cupar com a alho em si suas pre- im abrange defesa e sal- do trabalha- mo chefe de

de Proença se encontra o novo di- ntrato cole- a sub- 352, de 10 de uito breve se n a publica- ral das Cai- dência e Abo- serão intro- na execução vidência em

das suas de- velou ainda, rácter social,

ector da Pre- ca a decisão de autorizar

XXXXXXXXXXXX

S

ontos

Verde

XXXXXXXXXXXX

ução e trans- ca, os estu- s meios de os, os aeropor- tico e a cons- to de insta- congêneres, dos de recur- determinado vência de An- os especiais, 31 contos.

a Guiné

torna de ur- ar e melho- lência à pes- co de grande- amento para bastecimento lência da Gui- no campo continuar as ório Barreto mercial e In- possivelmente escolas de forma a des- cios existen- a uma popu- crescente, foi província da eal de 3634 ra a pesca e e apetrecha- escolares.

abo Verde

es de obje- programa em Fomento, foi de Cabo Ver- cia de 248

as Caixas de Previdência, por in- término da Federação «Obras So- ciais», a alargar o numero de bolsas de estudo, concedidas aos trabalha- dores e seus filhos, elevando-as de 2000 para 2500, o que deverá en- volver o encargo global de cerca de 9000 contos anuais, tendo em atenção que, no ano lectivo de 1963/64 foram concedidas cerca de 2000 bolsas, com o dispêndio de 6500 contos.

Finalmente, para referir apenas os aspectos mais salientes da evo- lução da nossa política social, pode anunciar-se que já se encontra em elaboração o projecto do Centro de Formação Profissional Acelerada do Porto, com capacidade idêntica ao de Lisboa, e que está definitivamente assente pelos Organismos Corpo- rativos interessados, a construção, nas duas cidades, de Centros de Formação Profissional para Aprendi- zes Metalúrgicos e Metalomecâni- cos com capacidade, cada um deles, para 100 alunos.

Pela Casa do Povo de S. Romão do Coronado assinaram o alvará de criação os srs. Martinho Ferreira de Oliveira, José Joaquim de Sousa e Américo Mendes; pela de Jazende outorgaram aquele documento os srs. Luís Sardoeira, Alvaro Dias e Amadeu Fonseca, e, por último, pela Casa do Povo da Retorta, os srs. Aníbal de Sousa, Jorge Maia e Manuel da Silva.

Tanto à entrada como à saída do edifício, as crianças instaladas na colónia e o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santa Cruz do Bis- po, lançaram flores sobre o prof. Gonçalves de Proença e exibiram-se em cantares regionais. A guarda de honra àquele membro do Governo foi prestada pelos Bombeiros Volun- tários de Matosinhos-Leça.

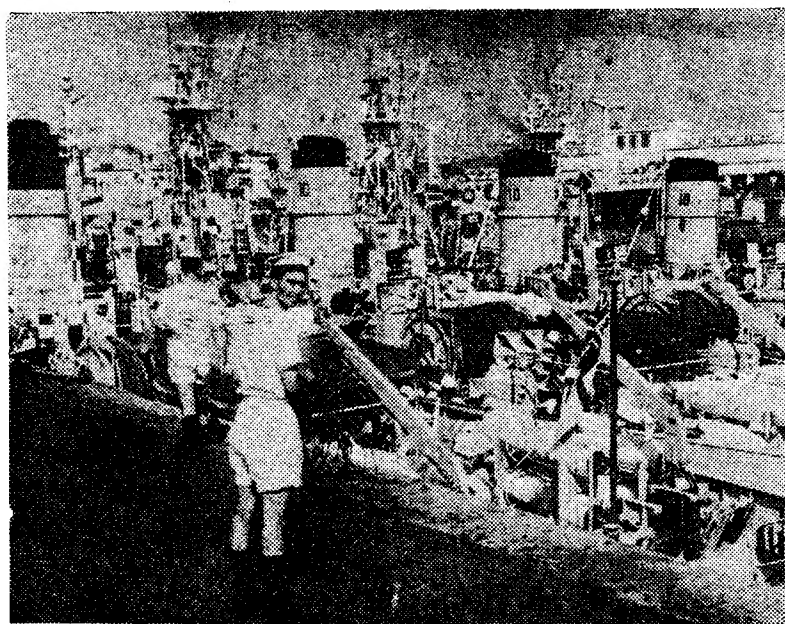
Foram salvas das chamas três crianças

devido à decidida intervenção de um jovem que lhes acudiu

Na 2.ª circunvalação de Cabo Ruivo, próximo da estação de re- colha da Carris, manifestou-se, cerca das 13 horas, incêndio em quatro barracas, pertencentes à O. P. C. A., e instaladas em terrenos da C. M. L., onde habitavam algumas famílias humildes, a quem o fogo destruiu todos os haveres. As chamas tiveram origem na ex- posição de um fogareiro de petróleo, que a sr.ª D. Laurinda Moutinho Ferraz, de 48 anos, casada com o sr. Fernando José Ferraz, de 49, pedreiro, acendia para preparar a sua refeição e a de uma sua neta, de 4 anos.

No momento da explosão, a loca- tária não se encontrava presente, e foi então a neta, muito assustada, que deu o alarme. As chamas rá- pidamente se propagaram ao telha- do e, depois, às habitações próxi- mas, onde vivem o sr. Carlos Al- berto da Silva, de 40 anos, moto- rista, que não se encontrava ali, sua esposa, sr.ª D. Silvina dos Reis Miranda, de 36, e dois filhos de tenra idade, um com 4 anos e ou- tro de ano e meio apenas; o sr. Fernando da Silva Ribeiro, soltei- ro, empregado da O. P. C. A., que também não se encontrava presen- te, bem como o sr. Dionísio da Sil- va e sua esposa, sr.ª D. Maria da Silva, também ausentes.

Acto de abnegação
Quando as chamas atingiam maior intensidade, devorando as humildes construções, o jovem Nel- son Barbosa Ribeiro, de 15 anos, morador nos Olivais, bloco 5, rés- do-chão dto., com uma coragem digna dos maiores louvores, pen- etrou numa das barracas e retirou a custo, três crianças de tenra idade, que ali se encontravam deita- das num colchão, arrancando-as a uma morte horrível. Após esta ab- negada acção, tornou a entrar na barraca, desta vez para retirar uma máquina de costura. Tudo o resto ficou reduzido a cinzas, embora os sapadores bombeiros, que ali com- pareceram entretanto, sob o coman-



Os barcos atracados ao cais da Rocha do Conde de Óbidos ofereciam esta curiosa imagem

Cem cadetes ingleses chegaram esta manhã a Lisboa a bordo de onze navios

Em visita de rotina, entrou hoje de manhã no Tejo, onde permane- cerá até amanhã, um agrupamento naval da Armada Inglesa, formado pelas fragatas «Urchin», do coman- do do capitão-tenente G. R. T. Duf- fay, e «Defender», do comando do capitão-de-fragata D. G. Cooper, e por onze draga-minas. O agrupa- mento, que é constituído pela 10.ª flotilha, atracou à Rocha Conde de Óbidos e à Docca de Marinha.

Comanda o agrupamento o con- tra-almirante H. C. Martell, embar- cado no «Urchin», navio-testa da flotilha que às 9 horas, ao passar em frente do Forte do Bom Suces- so, salvou a terra.

Logo que o «Urchin» e o «Defen-

der», respectivamente de 2880 to- neladas e 3600 toneladas, atracaram, deram entrada a bordo do navio-chefe o adido naval à embaixa- da da Grã-Bretanha em Lisboa, e os oficiais às ordens do almirante Martell, sr. capitão-tenente Artur Coral Costa, e de ligação, o guarda- marinha José Brito Subtil. Eram 19 e 20 quando entrou a bordo, para cumprimentar o almirante Martell, o sr. comodoro Aragão, comandante naval do Continente. Seguidamente, o comandante chefe do agrupamen- to, acompanhado do adido naval e dos oficiais às ordens inglês e por- tuguês, desembarcou para apresen- tar cumprimentos ao embaixador da Grã-Bretanha, e retribuir os cumprimentos ao comandante naval do Continente. Depois o sr. al- mirante Martell, esteve no Estado- Maior da Armada, onde apresentou cumprimentos ao respectivo chefe e no Ministério da Marinha a inscre- ver-se no livro de cumprimentos.

O comandante do agrupamento regressou a bordo cerca do meio- dia, onde recebeu a retribuição de cumprimentos do chefe do Estado- Maior da Armada e do embaixador da Grã-Bretanha.

O comandante do «Urchin», capi- tão-tenente Duffay, recebeu muito amavelmente a bordo o represen- tante do «Diário de Lisboa», a quem disse que os onze draga-minas, cada um de 425 toneladas, 152 pés de comprimento e 7 pés de calado, constituem o agrupamento da Royal Naval Reserve, destinado ao treino de elementos da Reserva Naval e costuma operar em portos próximos da Grã-Bretanha. O treino é mini- strado por um pequeno grupo de ofi- ciais de linha. Porém, todos os anos, fazem um cruzeiro mais longo vi- sitando portos estrangeiros. Este ano coube a vez a Lisboa.

Cem cadetes navais, estudantes ingleses dos 15 aos 18 anos, fazem esta viagem durante as suas férias. O actual cruzeiro é o terceiro des- te ano.

Os navios estiveram em Gibraltar e, no passado dia 19, saíram dali com os draga-minas para exercícios que decorreram muito satisfatória- mente. Depois, o agrupamento per- maneceu dois dias em Tanger, de onde saiu para Lisboa.

Na residência do adido naval In- glês efectua-se, às 18 e 30, uma re- cepção, e, às 20 e 30, na Embaixa- da da Grã-Bretanha, um jantar in- timo.

Amanhã, o agrupamento faz-se ao mar, às 9 horas, para o que, meia hora antes, meterá piloto.

O «Defender», porém, deixou hoje o Tejo.

«REBATE DE CONSCIÊNCIA»

Assinado por um grupo de naturais de Alenquer, recebemos um telegrama felicitando o «Diário de Lisboa» pela publicação da «Nota do dia» em que nos ocupávamos da atitude da vereação municipal perante o desinteresse com que são acolhidas todas as iniciativas que podem contribuir para o progresso da- quella concelho. Os signatários pedem providências para os momentosos problemas com que se debate a populosa vila estremegha.

Transcreveram e aplaudiram igual- mente outras «Notas do dia», nomeada- mente as intituladas «Pais e filhos», «Remar contra a maré» e «Diálogo», os jornais «Juventude operária», «Voz de Chaves» e «Notícias de Guimarães». Os nossos agradecimentos.

Alterações ao trânsito (pelo prazo de 65 dias) na zona da Praça do Comércio

Segundo estava previsto há já alguns dias, entraram esta manhã em vigor as novas normas de transi- to de veículos na zona da «baixa», mandadas introduzir pela Camara Municipal de Lisboa, a fim de ini- ciar obras de reparação do pavi- mento da Avenida Ribeira das Naus. Estes trabalhos durarão 65 dias e as obras far-se-ão alternada- mente em cada metade da largura daquela faixa de rodagem, a fim de não interromper totalmente o trânsito em tão importante zona da cidade.

Foi, deste modo, necessário tomar algumas providências especiais, com alteração do sentido de circulação nas seguintes artérias: na Avenida Ribeira das Naus transitou interrom- pido entre o Corpo Santo e a Praça do Comércio, no sentido nascente- poente; Praça do Comércio, no to- po norte, transitou proibido no sen- tido poente-nascente; no topo sul, transitou proibido no sentido nas- cente-poente; na Rua do Arsenal, transitou proibido no sentido poente- nascente, entre o Corpo Santo e a Praça do Comércio, mantendo-se, no entanto, a circulação normal de «eléctricos»; na Rua do Comércio, está proibido o trânsito entre a Pra- ça do Município e a Rua da Mada- lena, no sentido poente-nascente. Quer dizer, que a Praça do Comér- cio só pode ser contornada em movimento circular.

Estas alterações ao trânsito de veículos automóveis implica natu- ralmente a alteração dos percursos das carreiras de autocarros em toda a citada zona da «baixa» com mu- dança das respectivas paragens, po- dendo o publico informar-se nos lo- cais sobre os novos percursos. Tam- bém a paragem de eléctrico da R. do Arsenal, em frente do edifício da Camara, será retirada durante este período.

As novas normas de trânsito en- traram em vigor ao fim da manhã e para os locais considerados ne- vralgicos foram destacados nume- rosos guardas da secção de trânsito da P.S.P. de Lisboa que prestam esclarecimentos aos automobilistas e os orientam no sentido dos no- vos percursos. Ao meio-dia e nas duas horas seguintes, que se podem considerar horas de «ponta», o tran-

Tristão da Silva voltou a Lisboa após quatro anos de ausência no Brasil

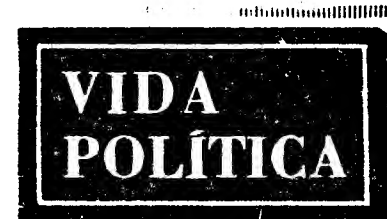
Depois de uma ausência de qua- tro anos, no Brasil e noutros pa- ses sul-americanos, onde alcançou numerosos êxitos, em salas de es- petáculos, em «dancings», nas emissoras de rádio e na televisão, o popular cantor Tristão da Sil- va, que, a convite do empresário Vasco Morgado, vem actuar no Teatro Monumental.

O criador de tantos fados-canções que andam no ouvido de toda a gente, era aguardado por aquele empresário e por numerosos ami- gos e colegas.

Manifestando-nos a sua alegria por estar de novo na sua terra, Tristão da Silva anunciou-nos que tencionava conservar-se em Portugal durante 4 a 5 meses, aproveitando esse tempo para retomar o con- tacto com o seu publico, não só no Monumental, onde apresentará, na estreia, cinco novos fados-canções, mas no Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz e noutras ci- dades.

sito fez-se naquela zona com imen- sa dificuldade e alguns engarrafa- mentos de vulto. O facto provocou da parte dos automobilistas clamo- rosos protestos sonoros, através das businas dos seus veículos. O ambiente nas ruas foi, por isso, em certos momentos, verdadeiramente desnorante com toda aquela algar- zarra, derivada em boa parte da impaciência dos condutores, a maior parte certamente por desconhecer os motivos que originavam os en- garrafamentos.

E' de prever que nos proximos dias, com a habitação ao novo re- gime, o trânsito passe a fazer-se em melhores condições. De qual-quer modo o publico pode conta» com mais um ligeiro quebra-cabeças, cujos efeitos poderão ser um pou- co atenuados se todos observarem com rigor e atenção os novos re- gulamentos que estarão, como dis- semos, em vigor por 65 dias.



Presidência da República

O sr. almirante Américo Thomaz oferece amanhã, às 13 e 15, no Pa- lácio Nacional de Belém, um al- moço a algumas das individualida- des que o acompanharam na re- cente visita às províncias ultrama- rinhas de Moçambique, Angola e Ilha do Príncipe.

Ministro do Ultramar

Em audiência a que esteve pre- sente o comissário nacional adju- nto da Mocidade Portuguesa para o Ultramar, o comandante Peixoto Correia recebeu, esta manhã, os dois filiados daquela organização, António Alberto Monteiro Trinda- de e José António Viegas Freitas e Silva, que, a seu convite, acompa- nharam o Chefe do Estado na via- gem ao Ultramar.

Ministro dos Negócios Es- trangeiros

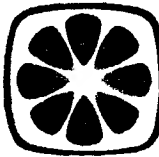
O ministro dos Negócios Estran- geiros oferece depois de amanhã, às 13 horas, no Palácio das Necessidades, um almoço em honra do dr. George Kapsambelis, que vai deixar o posto de ministro da Gré- cia em Lisboa.

XXXXXXXXXXXX

MILHÓLEO

- * Óleo puríssimo de germen de milho extraído por pressão
- * O óleo preferido pelos povos evoluídos para todos os usos culinários, porque:
- * Tem excepcionais qualidades dietéticas
- * É rico em ácidos gordos insaturados essenciais, o que lhe garante melhor qualidade
- * É melhor para a saúde por possuir a vitamina E, que o torna um poderoso revitali- zante, especialmente para as pessoas que têm uma vida agitada
- * É a gordura mais digestiva

Peça na sua mercearia Milhóleo extraído pelos mais modernos processos



GRILL FLÓRIDA

DISTINTO E SOSSEGADO

ALMOÇOS E JANTARES (ao ar livre)

ESPECIALIDADE EM COZINHA PORTUGUESA
(POR MOTIVO DE FERIA: S' FEREMOS MUSICA DE DANÇA
PARTIR DE OUTUBRO)

HOTEL FLÓRIDA Telef. 5 41 71

ANÁLISE AO COMPORTAMENTO DOS «12 MELHORES» ANTES DE LISBOA

Após o contra-relógio de Santiago de Cacém, consideramos oportuno fazer um balanço da presença e das possibilidades dos corredores que melhor se afirmaram até esta altura. Para o efeito, escolhemos os 12 homens mais bem classificados na «geral» (de Alberto Carvalho a José Pacheco) existem aproximadamente dez minutos de diferença) sugerindo uma ideia do seu comportamento e da influência que tiveram e que podem vir a ter na prova.

ALBERTO CARVALHO—Um corredor que soube escolher as boas oportunidades e que lutou muito bem para chegar à «camisola amarela». O contra-relógio de Santiago de Cacém não foi suficiente para o desalojar e aparece, agora, com grandes possibilidades de vir a ser o vencedor.

JOAQUIM LEÃO—Um ciclista «cheio de força», como se diz na gíria da «Volta». Tem quase tudo: juventude, combatividade, poder, resistência. Só lhe faltará um pouco mais de sabedoria na estrada, para tirar melhor partido das situações. Fez um bom contra-relógio e ficou mais próximo da «camisola amarela».

JORGE CORVO—Vacilou um pouco no início, mas «apareceu» muito bem na tirada para Beja. Um roldador em forma e um dos favoritos para a vitória final. Não esteve tão

* De Alberto Carvalho a José Pacheco: presenças, possibilidades... e tempos

bem como se poderia supor no contra-relógio de Santiago de Cacém, embora fosse dos que fizeram melhor tempo.

ANTONINO BAPTISTA—Uma das grandes sensações da «Volta». Fez uma primeira fase plena de regularidade e suportou muito bem as exigências do contra-relógio. Um veterano em forma — e que promete dar boa luta no resto da competição.

JOÃO ROQUE—Finalmente, deu um ar da sua graça no contra-relógio de ontem. Parece procurar a boa forma. Tem-se «ficado» muito no pelotão, mas a sua ameaça cresce à medida que a prova decorre. Continua a ser um vencedor possível, especialmente se souber atacar na oportunidade devida.

MÁRIO SILVA—Como João Roque, apenas se vê no pelotão, impondo cadência ou organizando «caçadas». A sua forma parece boa, mas tem-lhe faltado um pouco mais de fulgor. O contra-relógio de ontem não lhe foi muito favorável, mas está ainda na corrida para a vitória.

VANDAMME LEONEL—Até Beja, o belga esteve muito bem. Depois de perder a «camisola amarela», entrou numa fase de relativo anonimato. O contra-relógio de ontem nada acrescentou ao que tem feito ultimamente. É uma figura que poderá ainda aparecer nas etapas planas e sem muito sol.

FRANZ BRANDTS—O «rei do contra-relógio» na «Volta-64» tem subido gradualmente na tabela e é hoje um perigo para os primeiros classificados. Tem sido a unidade estrangeira a dar melhor nota de classe, podendo ainda aspirar a voos mais altos.

LAURENTINO MENDES—Confirma a ideia de ser um dos melhores ciclistas portugueses, capaz de uma assinalável regularidade. Com um pouco mais de audácia ou de boa forma, Laurentino poderia estar incluído na luta pelo êxito. Tem

ainda, no entanto, possibilidades de marcar melhor presença.

SOUSA CARDOSO—Já um pouco afastado do primeiro lugar, só apareceu em real evidência na primeira tirada em estrada. Corredor experiente, sabe comandar as operações no pelotão e fazer jogo de equipa. Está ainda em condições de vibrar um ataque com vistas a ir mais para a frente?

PEIXOTO ALVES—Uma certa irregularidade tem caracterizado a sua corrida. Está um pouco longe da boa forma do ano passado. Fez ontem um contra-relógio aceitável, que pode ser indicativo de melhoria física ou psicológica.

JOSÉ PACHECO—Não correspondeu nos dois contra-relógios, perdendo em ambos tempo precioso. No jogo do pelotão e das fugas continua a ser um excelente corredor, embora longe da boa forma. Está um pouco afastado do primeiro lugar, mas é dos raros ciclistas capazes de fazerem sensação com golpes ofensivos inesperados.

DINIS MACHADO



Um chafariz a caminho de Santiago de Cacém. Em dia de calor intenso, um oásis para estes dois ciclistas, Jorge Corvo e Van Damme

RETRATO DO «CAMISOLA AMARELA»

Alberto Fernandes Gomes de Carvalho, ou apenas Alberto Carvalho, corredor do Académico, que ocupa o primeiro lugar da classificação geral à partida de Santiago de Cacém para Lisboa, passou a independente no ano de 1958. Nasceu em 7 de Outubro de 1939 (tendo, portanto, quase 25 anos), em Regueira de Regedor (Vila da Feira) e foi um dos corredores da sensacional equipa de «bébés» do Académico, orientada por Onofre Tavares.

Alberto Carvalho é hoje a grande figura do clube alvi-negro, sucessor do malogrado Ribeiro da Silva, parecendo querer seguir-lhe os passos de vedeta. Nas várias «Voltas a Portugal» em que participou, o jovem Carvalho afirmou sempre capacidade de valorização, surgindo este ano na plenitude das suas faculdades. Conquistou a «camisola amarela» na etapa para Beja, depois de já ter demonstrado que se encontrava em excelente forma. Tem, agora, a «dureza do passo» dos corredores feiços e uma noção muito viva do aproveitamento da oportunidade na estrada, estando cada vez mais distante do habilidoso «bébé» que fez sensação, mas ao qual faltava, logicamente, a experiência necessária.

Considerado um dos 10 favoritos da «Volta» antes do seu início, tem sido o corredor que, até este momento, maior razão deu a esse favoritismo. Até ao contra-relógio de Santiago de Cacém, o chefe de fila do Académico notabilizou-se pela aplicação e pelo fulgor, jogando a sua sorte em vários ataques irresistíveis. O assalto que sofreu no referido contra-relógio, não foi suficiente para lhe tirar a «camisola amarela». E, embora nada ainda esteja resolvido, Alberto Carvalho cimenta, à medida que o tempo passa, a sua personalidade de corredor e as suas ambições.

Relance sobre a posição ocupada pelos doze primeiros classificados

Como era inevitável, o contra-relógio de Santiago de Cacém trouxe alterações na tabela geral, modificando perspectivas de

posições de corredores e de diferenças de tempo. No que se refere aos melhores, só se verificaram mudanças a partir do 5.º

lugar, inclusive. Vamos, no entanto, fornecer um quadro das alterações dos 12 primeiros, colocando entre parêntesis os lugares que ocupavam e os tempos de diferença que tinham antes do contra-relógio:

- 1.º—A. Carvalho
- 2.º—J. Leão—a 24 s. (1.25)
- 3.º—J. Corvo—a 1 m. e 9 s. (2.41)
- 4.º—A. Baptista—a 2 m. e 5 s. (2.44)
- (7.º) 5.º—João Roque—a 3 m. e 51 s. (5.44)
- 6.º—M. Silva—a 4 m. e 30 s. (5.28)
- (5.º) 7.º—Vandamme—a 5 m. e 46 s. (4.18)
- (13.º) 8.º—Brandts—a 6 m. e 17 s. (8.22)
- 9.º—Laurentino—a 8 m. e 18 s. (7.28)
- 10.º—S. Cardoso—a 8 m. e 37 s. (8.32)
- (18.º) 11.º—Peixoto A.—a 10 m. e 9 s. (10.21)
- 12.º—J. Pacheco—a 10 m. e 13 s. (7.33)

Verifica-se, pois, que Alberto Carvalho, a despeito de conservar a «camisola amarela», perdeu tempo em relação a Joaquim Leão, Jorge Corvo, Antonino Baptista, João Roque, Mário Silva, Franz Brandts e Peixoto Alves, ganhando algum terreno a Vandamme, Laurentino e Pacheco. O homem que subiu mais foi Brandts (de 13.º para 8.º), enquanto Roque trocou com Vandamme, ocupando o 5.º lugar que este possuía. Brandts e Peixoto desalojaram Manuel da Costa e Agostinho dos 12 primeiros lugares (Manuel da Costa passou a 14.º lugar e Agostinho Correia a 13.º).

Estão, assim, mais «juntinhos» os da frente — e feita uma selecção de 12 que pode ainda proporcionar muita «guerra» na fase definitiva da «Volta».

Ouvidos duros...

Outro contra-relógio disputado em condições dissemelhantes para os corredores. Uns contaram com apoio (e fiscalização) e outros ficaram entregues a si próprios, isto é, sem a perspectiva de ajuda e, á-vontade, para cometerem as irregularidades que lhes aprouvessem.

Ignoramos se houve, na realidade, irregularidades, mas perante os factos fica-se com a impressão de que o contra-relógio careceu do mínimo de autenticidade, isto é, da garantia que é inerente a qualquer competição que não seja da sua estirpe. Provem-nos o contrário.

Após o contra-relógio de Portalegre, fizemos ver ao director da corrida, sr. Idalino de Freitas, a falha da organização, que no caso é muito sua, para dizer que não pertence a mais ninguém. E apontámos-lhe a solução não tomada: o não aproveitamento dos veículos, incluindo os dos jornalistas, para que toda a gente, os corredores, actuasse em condições de igualdade.

Ontem, em Santiago de Cacém, quando esperávamos que o erro fosse emendado, verificámos que, de novo, se deixou o contra-relógio ao deus-dará, sem importar as consequências, incluindo as que equacionam perturbação psicológica no

atleta que é privado desse apoio porque as possibilidades financeiras do clube não consentem.

A atitude (teimosa, já se vê) do director da corrida não pode passar sem o devido reparo, porquanto na solução preconizada as despesas não seriam sobrecarregadas. Tudo dependeria de boa-vontade e ela, creiam, não seria recusada a quem se farta de queixar que ninguém presta a ajuda.

É por estas e por outras que a nossa «Volta», quando se atinge um perigoso estado de saturação, trespassa a velharia e a provincialismo.

REGRESSOU o director-geral

SANTIAGO DE CACÉM, 25 — O director-geral da «Volta», Vicente Paulo Martins, fracturou, no sábado, uma omoplata, tendo seguido, por esse motivo, urgentemente para Lisboa, a fim de ser tratado. Todavia, embora ligado, o sr. Vicente Paulo Martins já regressou à «Volta», a fim de retomar nela as suas importantes funções. O director-geral da prova revela, assim, assinalável espírito de sacrifício, a par de uma noção exacta dos seus deveres e da responsabilidade que sobre si impende.

A TIRADA DE AMANHÃ

A tirada de amanhã é a 15.ª, entre Lisboa e Vila Nova de Ourém, no total de 163 quilómetros. Partida, às 9 e 45, do Campo Grande, seguindo os corredores pela Avenida do Brasil, rotundas do Aeroporto e da Encarnação. Terras do percurso: Vila Franca de Xira, Samora Correia, Benavente, Salvaterra, Muge, Almeirim, Alpiarça, Chamusca, Golega, Entroncamento e Tomar. Chegada provável às 14 e 17, na Avenida D. Nuno Álvares Pereira, em Vila Nova de Ourém. Média estabelecida: 36 quilómetros. Meta volante em Salvaterra de Magos, a 59 quilómetros da partida e com o tempo mínimo exigido oficialmente de 1 h e 30 m.

A Companhia de Seguros
«A» TRANQUILIDADE»
segurou a Caravana OPEL
da «Volta a Portugal em Bicicleta»

BRASÕES E GRAVURAS DE ARTE

Único especializado ANIBAL — grav. R. Nova do Almada, 64 — Tel. 326162

FOLHA DE FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA, - RUA D. JOÃO V, 7-1,
LISBOA - TELES. 68 41 41/2/3

A TIRADA DE HOJE



(Continuação da 1.ª página)

renses na berlinda, não é verdade?

Com tal vigor encetaram a fuga que puderam, 5 quilómetros depois juntar-se a João Gomes.

Anotámos, então: precisamente na altura em que na vanguarda se formou um grupo de 3 homens, estes gozavam da vantagem de 1 minuto sobre o pelotão, que por enquanto parecia adormecido, embora mantendo por vezes, cadência viva. Talvez por isso, com 68 quilómetros de corrida, mais dois ciclistas quiseram tentar a sua sorte: o taviense Manuel Machado e o alpiar-cense João Centeio, logo imitados pressurosamente pelo belga Boonen.

O pelotão reage

Então o «monstro adormecido» pareceu despertar. E reagiu à sua maneira. Com voluntariedade. Atacando com poder. E Boonen foi caçado. E Manuel Machado e João Centeio também. Restavam três.

Em Marateca, na recta de Pegões (79 quilómetros de prova), entusiasmas de Aíhos Vedros exibiam, sorridentes e ufanas, uma grande bandeira do Benfica.

Nas bermas da estrada eclodiam amiúde aclamações e incitamentos entusiásticos. Os «voltistas» desfrutavam, realmente, de invejável popularidade.

Aos 90 quilómetros de prova, a vantagem dos três fugitivos (os ovarienses João Gomes e Manuel Ferreira e o benfiquista Alcino Rodrigo), cifrava-se em 1 m 30 s.

O PORTO

pelo telefone

Incêndio num estabelecimento

PORTO, 25. — Esta manhã, manifestou-se incêndio num estabelecimento de artigos eléctricos, situado na Rua do Meiral, 306 e pertencente ao sr. António Mendonça. O sinistro, motivado por um curto-circuito, teve origem na cave do estabelecimento, propagando-se as chamas ao rés-do-chão, onde destruíram os artigos ali armazenados.

Combateram o fogo o Batalhão de Sapadores Bombeiros, os Bombeiros Voluntários do Porto e Portuenses que extinguíram as chamas e evitaram que elas se propagassem aos restantes andares do prédio. Desconhece-se, por enquanto, o total dos prejuízos.

Morte de uma criança de três meses

No Hospital de Santo António faleceu a pequenita Maria do Amparo de Jesus, de 3 meses de idade, que residia com os pais na Rua das Areias, em Rio Tinto, Gondomar, e que ali dera entrada em estado agónico.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 45. o drama em três actos «Terra firme» de Miguel Torga (12 anos).

COLISEU — As 21 e 30: «Beija o sangue das minhas mãos» (17 anos).

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Um táxi para Tobruk» (12 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Tarzan no Oriente» (12 anos).

TRIUNFADE — As 15 e 30 e 21 e 30: «A casa maldita» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e 21 e 15: «Terror do Texas» (12 anos).

OLÍMPIA — As 15 e 30 e 21 e 15: «Agarra que és mágico» (17 anos).

SAL JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Especialista de senhoras» (17 anos).

VALE FORMOSO — As 15 e 30 e 21 e 30: «A história de um grande amor» (17 anos).

AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Sherlock Holmes e o colar da morte» (12 anos).

A APREENSÃO

das cartas de condução

obtidas em Luanda

com documentos falsos

LUANDA, 25. — (L.) — Continuam a ser apreendidas as cartas de condução conseguidas por falsificação dos documentos de habilitações literárias.

A Polícia Judiciária está de posse de elementos que permitirão apanhar todas quantas foram conseguidas ilegalmente. Já foram enviados a Tribunal mais de duas dúzias de processos e outros estão a seguir o mesmo caminho.

Entretanto, observámos que no pelotão perseguidor os representantes do F. C. Porto impunham rija cadência, parecendo em absoluto decididos a anular qualquer veleidade de fuga vitoriosa.

No infantado, o abastecimento, com 113 quilómetros de corrida. Os três da frente chegaram lá às 10 e 45. Mas nessa altura já tinham apenas 15 segundos de avanço.

Quer dizer: não tardaria que o pelotão ditasse de novo a lei do mais forte. Como quase sempre acontece.

Tentativa triunfante de Vitor Tenazinha

Um pouco mais adiante, o ovariense Manuel Fontela furou atarrasando-se, para o auxiliar, o colega Joaquim Amorim.

Aos 128 quilómetros, num troço de estrada em reparação, o louletano Vitor Tenazinha — o unico sobrevivente da sua equipa — ensaiou também uma fuga, ganhando rapidamente alguns metros de dianteira. Tentaram segui-lo o ovariense Manuel Ferreira, o benfiquista João Sarreira, o «académico» Manuel Castro, o portista José Pinto e o sangalhesense José Mariz. Mas sem

êxito. O pelotão não o consentiu. A entrada da ponte de Vila Franca de Xira, era de 500 metros o avanço de Tenazinha, que por lá passou às 11 e 22, exibindo já 23 minutos de avanço sobre o horário previsto.

A chegada ao Estádio de Alvalade

Pelos postos de passagem, menos gente do que o costume. Fazia muito calor. E para a ausência de público algo teria contribuído decerto o avanço que os corredores conseguiram sobre o horário previsto oficialmente.

No Estádio José de Alvalade também era de confranger a ausência de espectadores.

Na pista, Vitor Tenazinha deu entrada às 12 e 7. E cerca de 2 minutos depois, surgiu o pelotão.

A média da tirada: 41,866 quilómetros.

Esta noite, no Estádio José de Alvalade, efectua-se a 14.ª tirada: 20 voltas à pista (9 quilómetros). Disputa-se pelo sistema de séries.

CLASSIFICAÇÕES

Ordem de chegada a Lisboa

	H	M	S
1.º V. Tenazinha (Lou.)	4	06	30
2.º Van Den Bergh (Fl.)	4	07	39
3.º Boonen (Fl.)			m. t.
4.º Alterman (Fl.)			
5.º Peixoto Alves (Bf.)			
6.º J. Pacheco (Spt.)			
7.º Antero Elias (Sang.)			
8.º Ongene (Fl.)			
9.º Alc. Rodrigo (Benf.)			
10.º Alb. Carvalho (Acad.)			
11.º Joaquim Leão (F.C.P.)			
12.º Jorge Corvo (Tav.)			
13.º Ant. Baptista (Sang.)			
14.º João Roque (Spt.)			
15.º Mário Silva (F. C. P.)			
16.º L. Vandamme (Fl.)			
17.º F. Brandts (Fl.)			
18.º Laur. Mendes (Ovar.)			
19.º Sousa Cardoso (F.C.P.)			
20.º Agost. Correia (Alp.)			
21.º M. Costa (Ovar.)			
22.º C. Carvalho (F. C. P.)			
23.º F. Valada (Benfica)			
24.º E. Coelho (F. C. P.)			
25.º Perna Coelho (Benf.)			
26.º Joaq. Freitas (F. C. P.)			
27.º Mário Sá (F. C. P.)			
28.º Sérgio Páscoa (Tav.)			
29.º Ant. Acursio (Benf.)			
30.º Aug. Cardoso (Acad.)			
31.º J. Sarreira (Benf.)			
32.º J. Carrasqueira (Tav.)			
33.º J. Centeio (Alp.)			
34.º M. Castro (Acad.)			
35.º Oct. Trinta (Tav.)			
36.º J. Rosa (Spt.)			
37.º J. Vieira (Ovar.)			
38.º M. Machado (Tav.)			
39.º J. Gomes (Ovar.)			
40.º J. Pinto (F. C. P.)			
41.º J. Brito (Alpiarç.)			
42.º A. Moreira (Cedemi)			
43.º J. Mariz (Sang.)			
44.º C. Simão (Agueda)			
45.º Flor. Martins (Tav.)			
46.º L. Birrento (Spt.)			
47.º H. Manique (Agueda)			
48.º A. Ferreira (Sang.)			
49.º Arl. Parreira (B. B.)			
50.º J. Azevedo (Cedemi)			
51.º Artur Carreira (Sang.)			
52.º Abilardo Lopes (B. B.)			
53.º F. Marinho (Acad.)			
54.º M. Barreiro (Agueda)			
55.º J. Precioso (Cedemi)			
56.º W. Bouquet (Fl.)			
57.º J. Vieira (Acad.)			
58.º F. Sanchez (Fish.)			
59.º Indalécio Jesus (Tav.)			
60.º J. Manzanique (Fish.)			
61.º M. Ferreira (Ovar.)			
62.º M. Fontela (Acad.)			4 12 42
63.º J. Amorim (Ovar.)			m. t.
64.º J. Borges (Ovar.)			

Por equipas

1.º Flandria	12 22 57
2.º F. C. Porto	m. t.
3.º Benfica	
4.º Sporting	
5.º Sangalhos	
6.º Távira	
7.º Académico	
8.º Ovariense	
9.º Alpiarç	
10.º Agueda	
11.º Cedemi	

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	H	M	S
1.º Alberto Carvalho	40	01	05
2.º Joaquim Leão	40	01	29
3.º Jorge Corvo	40	02	14
4.º Antonino Baptista	40	03	10
5.º João Roque	40	04	56
6.º Mário Silva	40	05	35
7.º Leonel Vandamme	40	06	51
8.º Franz Brandts	40	07	22
9.º Laurentino Mendes	40	09	23
10.º Sousa Cardoso	40	09	42
11.º Peixoto Alves	40	11	14
12.º José Pacheco	40	11	18
13.º Agostinho Correia	40	11	49
14.º Manuel Costa	40	12	07
15.º Carlos Carvalho	40	12	22
16.º Vitor Tenazinha	40	12	31
17.º Francisco Valada	40	12	44
18.º Van Den Bergh	40	13	03
19.º Ernesto Coelho	40	14	29
20.º Perna Coelho	40	15	37
21.º Joaquim Freitas	40	15	41
22.º Mário Sá	40	18	15
23.º Sérgio Páscoa	40	20	27
24.º António Acursio	40	20	32
25.º Augusto Cardoso	40	20	33
26.º Altermann	40	21	22
27.º Alcino Rodrigo	40	21	30
28.º João Sarreira	40	23	30
29.º José Carrasqueira	40	24	18
30.º João Centeio	40	24	27
31.º Manuel Fontela	40	26	26
32.º Manuel Castro	40	27	21
33.º Octávio Trinta	40	27	50
34.º João Rosa	40	28	24
35.º Fugêncio Sanchez	40	32	37
36.º José Vieira (Ov.)	40	33	37
37.º Manuel Machado	40	35	21
38.º W. Bouquet	40	35	25
39.º João Gomes	40	36	32
40.º José Pinto	40	42	08
41.º Ongene	40	46	58
42.º João Brito	40	47	08
43.º Artur Moreira	40	47	36
44.º José Mariz	40	48	34
45.º Jesus Manzanique	40	51	18
46.º Carlos Simão	40	52	49
47.º Florival Martins	40	53	38
48.º Luís Birrento	40	56	30
49.º João Borges	40	57	45
50.º Boonen	41	02	14
51.º José Vieira (Acad.)	41	06	47
52.º Helder Manique	41	07	57
53.º Manuel Ferreira	41	09	08
54.º António Ferreira	41	12	15
55.º Arlindo Parreira	41	15	30
56.º Artur Carreira	41	15	40
57.º Antero Elias	41	16	27
58.º José Azevedo	41	24	24
59.º Abilardo Lopes	41	26	53
60.º Francisco Marinho	41	27	23
61.º Maciel Barreiro	41	28	51
62.º Indalécio de Jesus	41	28	54
63.º Joaquim Amorim	41	43	21
64.º José Precioso	41	50	32

Por equipas

1.º F. C. Porto	120 02 52
2.º Flandria	120 17 22
3.º Sporting	120 22 28
4.º Benfica	120 29 07
5.º Ovariense	120 32 47
6.º Távira	120 34 19
7.º Académico	120 44 25
8.º Alpiarç	120 56 43
9.º Sangalhos	121 20 04
10.º Agueda	123 20 24
11.º Cedemi	123 50 23

Quase uma decepção

Ou tudo ou nada. Esta é, esta deve ser, a concepção do contra-relógio individual, quando o mesmo se disputa para vibrar cutiladas definitivas na classificação geral e esclarecer determinadas dúvidas. A seis dias do termo da «Volta», a prova de Santiago de Cacém (uns 58 quilómetros de bom desenho e que seriam maravilhosos se não fora o derradeiro trecho, com descidas e muito sinuosos) constituía como que a pedra de toque das possibilidades dos concorrentes mais apetrechados e, porventura, a saída definitiva do labirinto em que se tem vivido desde que os favoritos capricharam em pôr de remissa o seu favoritismo e os não-favoritos assumiram um papel de fazedores de surpresas, tomando as posições daqueles, com a máxima sem-cerimónia. Mas sem sensacionalismo.

Diante de uma expectativa, absolutamente justificada, aguardava-se o registo de «proezas memoráveis», principalmente através das actuações dos especialistas portugueses: Roque, Corvo e Mário Silva, embora este não tenha um passado tão valioso como os dois primeiros na especialidade. Aliás, a qualquer deles interessaria o máximo esbanjamento possível de energias, visando a melhoria na tabela classificativa, dado que, anteriormente, nenhum (Corvo foi uma excepção a caminho de Beja) se dera ao luxo de subscrever qualquer ofensiva digna dessa designação. O confronto com o belga Brandts, que se supunha capaz de repetir o êxito de Portalegre, também adensou a curiosidade, conferindo-lhe uma agudeza dilacerante. Enfim, um contra-relógio cheio de palpitações perspectivas, qual delas a mais risonha, mesmo que se tratasse de actuar para defesa, apenas, de brío e de uma dignidade, no plano da decência.

Tal não foi, porém, possível, a despeito dos titânicos esforços, no campo da relatividade, levados a efeito pelos mais interessados. O belga repetiu o triunfo, a uma média que não é magnífica para ser, somente, boa. E entre ele e o 20.º classificado cifrou-se a diferença de 4 m 38 s — uma ninharia, convenhamos, que indica equilíbrio de valores ou frustração dos especialistas ou dos que deles se aproximam.

Em reforço da nossa tese, que não busca argumentação varfalhada, porque se fundamenta em dados realistas, atente-se também na diferença de 2 m 55 s que separou Brandts de Laurentino Mendes, o 12.º classificado, e, ainda, nas insignificâncias de segundos que caracterizaram as exhibições de Roque (a 12 s do belga), Corvo (a 21 s do sportinguista), Leão (a 31 s do algarvio), Mário Silva (a 3 s do seu colega), Antonino (a 15 s do anterior), Bouquet (a 3 s do sangalhesense), Peixoto Alves (a 24 s do belga), Alberto Carvalho (a 16 s do benfiquista, mas perdendo 1 m e 1 s em relação à vantagem que tinha sobre Joaquim Leão) e António Acursio (a 31 s do academista).

Como quer que seja, o contra-relógio de Santiago de Cacém, que não provocou satisfação completa em ninguém, excepto nos belgas e relativamente em Alberto Carvalho, que não disse adeus à camisola amarela por 24 segundos — agora, uma espécie de suspiro — terá indicado outros rumos nos quais, evidentemente, não terão cabimento a observação persistente e o armazenamento de energias para uma oportunidade que nunca surge.

E porque (já que estamos a falar de contra-relógio) João Roque não superou o belga, embora tenha sido o melhor dos lusitanos, não ficamos com dúvidas sobre a «duvida» que nos assaltou logo que a «Volta» deu a sua arrancada: o sportinguista não está na sua melhor condição atlética. A fractura do esterno e outras mazelas sofridas antes da competição afectaram, grandemente, a sua força natural. Na forma do ano passado, principalmente naquela que lhe possibilitou o belo contra-relógio de Loulé, João Roque, ontem, teria por certo rondado a média de 44 quilómetros.

Quanto a Jorge Corvo, ficamos com a impressão de que nele há, presentemente, carência de ponta final. As forças fenecem quando mais necessárias são.

Para desfecho, refira-se o «empertigamento» dos homens do Benfica, talvez como consequência dos treinos, antes da «Volta», efectuados no percurso. Todavia, presente-se nos «encarnados» revolta e desejo de reabilitação.

FERNANDO SOROMENHO

Prestígio da velocidade na ligação para Lisboa e uma média de categoria

Boas estradas, ataques consecutivos e boa disposição geral proporcionaram uma magnífica corrida, a ligar os 172 quilómetros que separavam Santiago de Cacém de Lisboa.

Sob a torre do Sol, os «segundos planos» chamaram a si as honras da jornada e um deles, o esguio João Gomes, da Ovariense, decidiu escapar-se ao pelotão quando faltavam cerca de 162 quilómetros para a meta — distancia que podia merecer um pouco de bom senso do autor e de quem lhe deu ordens nesse sentido.

A velocidade jamais deixou de estar presente no espírito do pelotão, hoje unido como nunca. Durou 54 quilómetros a odisséia do «atrevido» ovariense, o qual contou depois com a companhia de Alcino Rodrigo — o Benfica mostrava-se inconformado e tenta mitigar o seu desgosto — e doutro ovariense, Manuel Ferreira. Presentiu-se algo de sensacional na vertigem de velocidade que se plasmava no asfalto de que pareciam ressaltar chamas que ardiam. Mas de novo o pelotão impôs a lei do mais forte, absorvendo os três fugitivos após aproximadamente 50 quilómetros de per-

seguição. O sonho dos «segundos planos» parecia ter ficado desfeito de vez, mas a insubmissão de um deles, o louletano Tenazinha, proporcionou uma arrancada vigorosa, cheia de coragem, que se robusteceu logo que foi passada a ponte de Vila Franca de Xira, onde nessa altura o avanço sobre o horário era de 23 minutos, avanço esse que, no Estádio de Alvalade, desoladoramente vazio, se cifrava em 28 minutos.

Desta forma, a excelente tirada começou como acabou: com um homem isolado.

Resumindo: Os mais fortes observaram-se intensamente e os mais fracos, fazendo talvez um esforço-extra, procuraram não fazer má figura à chegada à capital. Resta salientar o desfalecimento de três homens da Ovariense, que parece ser a equipa das cintilações momentâneas. Ora muito boa, ora decepcionante. E até logo ao circuito de Alvalade, onde haverá por certo a conquista de segundos — o princípio que deve persistir nos dias mais próximos.

FERNANDO SOROMENHO

SALDOS

VESTIDOS, BLUSAS, SAIAS, CAMISOLAS, CALÇAS E FATOS DE BANHO PARA SENHORA E CRIANÇA

R. D. ESTEFANIA, 191-C e AV. ELIAS GARCIA, 180-A

Os nossos enviados especiais fazem-se deslocar num «OPEL-REKORD», gentilmente cedido pela SOREL, LIMITADA, e utilizando os combustíveis e lubrificantes da SONAP

Aproveitamento para fins pacíficos da energia atômica

Segundo foi publicado em Nova Delhi, a União Indiana decidiu firmar um acordo com a Espanha para a utilização pacífica da energia atômica.

Essa colaboração incluirá intercâmbio de informações, alargamento de facilidades para pesquisa e venda de materiais nucleares e equipamento numa base comercial.



ONDE SE LÊM MAIS JORNAIS

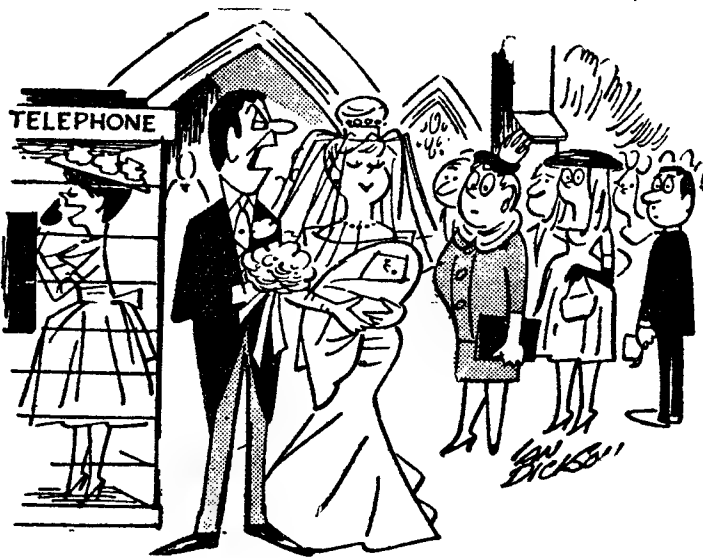
Uma recente estatística sobre a difusão de jornais em vários países indica que há na Holanda 28 leitores regulares de jornais por cada cem habitantes; na Bélgica, na França e na Itália os índices correspondentes são de 27, 24 e 12. Na Alemanha Federal é onde existe maior número de leitores de jornais (33 em cada cem pessoas).

Conta-se também, na Alemanha o maior número de ouvintes regulares dos programas noticiosos da rádio e da televisão (15 por cento). Na Bélgica a percentagem está em 14; na Holanda, em 13; na Itália, em oito e na França apenas em sete por cento.

Um «record» de vida conjugal

Ao que se sabe, a ligação matrimonial mais duradoura até agora foi em Timulji-Nariman.

Ambos cunhados, casaram-se quando tinham cinco anos e viveram juntos durante oitenta e sete anos.



«A tua irmã não podia entregar o filho a outra pessoa enquanto ia telefonar?»

NOTARIADO PORTUGUÊS

NO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO JOSÉ EDUARDO PIRES DO RIO
CERTIFICO

QUARTO

O capital social é de um milhão e duzentos mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são:

a) Uma de cento e cinquenta mil escudos pertencente ao sócio Eurico Horácio de Figueiredo Marques;
b) Uma de trezentos e cinquenta mil escudos pertencente ao sócio Carlos Luís Corsino Nunes da Silva;

c) Uma de trezentos e cinquenta mil escudos pertencente ao sócio Alexandrino Fernandes Nogueira Junior;

d) Uma de cento e setenta e cinco mil escudos pertencente ao sócio Júlio da Costa Gigante;

e) Uma de cento e setenta e cinco mil escudos pertencente ao sócio Júlio Marques de Almeida.

PARÁGRAFO ÚNICO — Ao sócio Eurico é conferida a faculdade de aumentar a sua participação no capital social, em qualquer momento que o requeira, até à percentagem de vinte e cinco por cento, do referido capital social. Para este efeito os restantes sócios assumem o compromisso de efectuar as necessárias cessões de capital na proporção das respectivas quotas.

NONO

O ano social é o ano civil. Os balanços deverão ser encerrados com a data de trinta e um de Dezembro, e deverão ser submetidos, bem como os demais documentos legais, à assembleia geral dos sócios até ao dia trinta e um de Janeiro de cada ano.

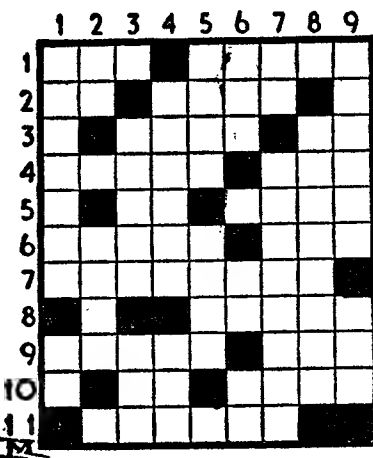
ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO
A sociedade dissolve-se pelos fundamentos legais e ainda pela vontade unânime dos sócios Alexandrino Fernandes Nogueira Junior, Júlio Marques de Almeida e Júlio da Costa Gigante. No primeiro caso, dissolvida a sociedade, a liquidação será feita pelos gerentes em exercício, como entre si acordaram; no segundo caso serão liquidatários os referidos sócios ou aquele que por eles for escolhido ou um terceiro estranho à sociedade no qual eles deleguem a liquidação. Na falta de acordo entre os gerentes em exercício, será obrigatória a liquidação do activo, sujeita à obrigação do pagamento do respectivo passivo.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Se os sócios Alexandrino Fernandes Nogueira Junior, Júlio Marques de Almeida, e Júlio da Costa Gigante, resolverem, por unanimidade, dissolver a sociedade ficam obrigados a, por meio de carta registada, com aviso de recepção, comunicar tal resolução aos consócios Eurico Horácio de Figueiredo Marques e Carlos Luís Corsino Nunes da Silva, para que estes decidam se pretendem manter a existência da sociedade, mediante, não só a aquisição das quotas dos sócios que querem a sua dissolução, mas também o pagamento aos mesmos sócios dos suprimentos que tiverem na sociedade, pagamento este que deverá ser efectuado no prazo máximo e improrrogável de quarenta dias, contados da data que os sócios que desejam a continuação da sociedade manifestem este seu desejo aos sócios que a não pretendem, por via de carta registada, com aviso de recepção, expedida dentro dos oito dias seguintes ao da recepção da carta em que lhes foi comunicada a resolução de dissolução. Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino em Lisboa, aos seis de Agosto de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajud. do Cartório
Armando dos Santos Carvalho

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3488



HORIZONTAIS: 1 — Agora, Descendente, 2 — Observa, Mofará, 3 — Apontamento, Graceja, 4 — Ligada, Pixe, 5 — Preposição, Ofegue, 6 — Empregais, Ligação, 7 — Manchas, 8 — Pescado, 9 — Verte.

Sofrimento, 10 — Ofereça, Tem por fim, 11 — Vila e sede de concelho, do distrito de Portalegre. VERTICAIS: 1 — Ovíno, Piedade, 2 — Arguida, Conhece, 3 — Flutuar, Passada, 4 — Circunde, Ha-ver, 5 — Fiza a vista, Trabalho oculto, 6 — Seguirá, No caso de, Oca, 7 — Nota de música, Prisão, 8 — Lampejos, 9 — Semelhante ou relativo ao arroz, Epoca.

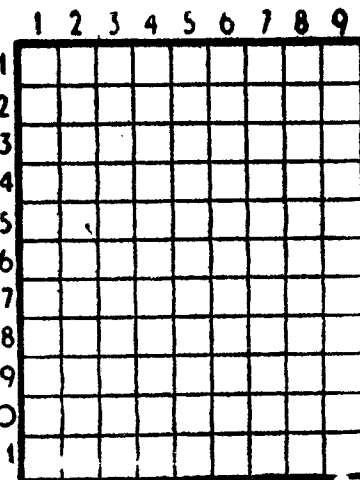
Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 3487

HORIZONTAIS: 1 — Cipriotas, 2 — Reatado, 3 — Preto, 4 — O. Aze, BOM, 5 — Sra. Au, 6 — Pá, VINHO, 7 — Risca, 8 — Érea, Tomo, 9 — Trai, 10 — Amo, Tal, 11 — Ou, ES, CUSA.

VERTICAIS: 1 — Cepo, PREGÃO, 2 — Sair, 3 — Prear, Seta, 4 — Rei, xa, Carme, 5 — Iate, Vá, Aos, 6 — Oto, Ai, Ti, 7 — Tá, Bundo, Tu, 8 — Adão, Moas, 9 — Sô, Miolo, Lá, (Provérbio: O BOM VINHO ES, CUSA PREGÃO).

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 7333



HORIZONTAIS: 1 — Rei de Portugal, Rema para trás, 2 — Artigo indefinido, Oportunidade, 3 — Fecha as asas para descer mais depressa, Remediador, 4 — Soldados de cavalaria russa, 5 — Encolherizar, 6 — Vila e concelho do distrito de Coimbra, 7 — Prendera, Pertences, 8 — Caminhar, Nome de mulher, 9 — Tanto, Agradar, 10 — Concelho do distrito do Congo (Angola), 11 — Rate, Giram.

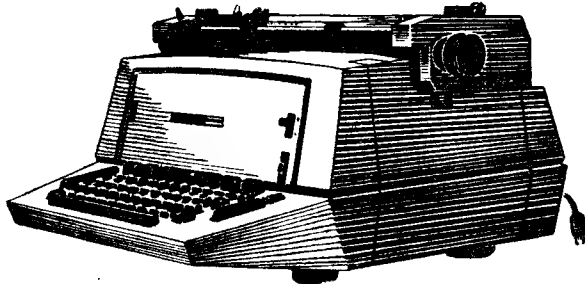
VERTICAIS: 1 — Peça circular e chata, Olhar fixamente para, 2 — Sate-lite de Jupiter, Rio da Ásia Menor, tributário do Mediterrâneo na antiga Cilícia, 3 — Despidas, Artigo definido (ant.), Vaso para vinho, 4 — Prefixo de negação, Marca, 5 — Curar, Senhor em inglês, 6 — Mulher feia (pop.), Ensejo, 7 — Harmonioso, Nome de homem, 8 — Caminharás, Guarda avançada, 9 — Prefixo que designa ar. Emparelharem.

Solução do problema n.º 7332

HORIZONTAIS: 1 — Peruanos, 2 — Amo, Rás, 3 — Rã, Com. Om, 4 — Resolvo, 5 — Co. Arear, 6 — Mola, Agia, 7 — Opala, As, 8 — Câmaras, 9 — As. Giz, M6, 10 — Soa, Por, 11 — Amassara.

VERTICAIS: 1 — Para, Moças, 2 — Ema, Copas, 3 — Rô, Rolam, Sm, 4 — Ce, Alagoa, 5 — Arosa, Árias, 6 — Namora, Az, 7 — Os, Legas, Pá, 8 — Ovais, Mor, 9 — Amora, Fora.

a **Underwood** apresenta...



a máquina de escrever eléctrica de ESCRITA PROPORCIONAL

underwood RAPHAEL

NA DACTILOGRAFIA TRADICIONAL, TODAS AS LETRAS OCUPAM O MESMO ESPAÇO.



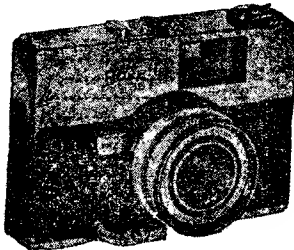
NA ESCRITA PROPORCIONAL DA UNDERWOOD RAPHAEL, AS LETRAS OCUPAM ESPAÇOS PROPORCIONAIS AOS SEUS PRÓPRIOS TAMANHOS.



FITA POLIETILÉNICA, MARGEM DIREITA ALINHADA, CARTAS QUE PARECEM IMPRESSOS, A DACTILOGRAFIA TORNADA SUPREMA PERFEIÇÃO

agentes da UNDERWOOD CORPORATION:
LISBOA: DUNKEL & ANTUNES, L.ª
R. AUGUSTA, 56 - TEL. 24251
PORTO: CARLOS DUNKEL & FILHOS, L.ª
R. DO BONJARDIM, 81 - TEL. 22013

CARL BRAUN



OS APARELHOS FOTOGRÁFICOS MAIS MODERNOS DA ACTUALIDADE, COM A NOVA LINHA DO FUTURO.

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

PEÇAM FOLHETOS ILUSTRADOS AOS REPRESENTANTES: GARCEZ LDA, CHIADO, 88 LISBOA

A MORTE A BORDO

por PHIL MORRIS

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — A bordo do «Mariposa» viaja uma personagem importante. John Saxon, engenheiro de minas, a quem foi roubada a correspondência. O criado de quarto foi encontrado morto num camarote do convés inferior e a sua chave-mestra, que dá acesso a todos os camarotes, desapareceu. O comandante Paul Smith manda chamar a Polícia e para o paquete. Uma das passageiras vê um braço de homem atirar para o mar bocados de papel rasgado, que lhe pareceram cartas e telegramas. Mais tarde, pedem aos passageiros que tenham visto algo que possa ajudar a esclarecer o caso, para se dirigirem a John Saxon ou a alguma autoridade. Laura conta o que viu a sua amiga e companheira de camarote, June Dean, em voz alta, no cinema. Aquela aconselha-a a ir falar com o engenheiro. Laura vai primeiramente ao camarote para se arranjar melhor. Estava sentada em frente do espelho do «toilette», quando sentiu a porta abrir-se e viu a imagem de um homem reflectida no espelho. Quis gritar, mas não conseguiu.

CAPÍTULO II

Na biblioteca, John Saxon estava farto de escurtar velhinhas dando informações imaginárias. Já se preparava para desistir e ir para o seu camarote, quando apareceu um belo jovem que perguntou, sorrindo: «Sr. Saxon, não veio aqui uma rapariga chamada Laura Wilson, dar-lhe uma informação?» «Não», respondeu John, atraído pela rapariga. «Só vieram umas velhinhas, mas fiquei na mesma». «Estou preocupada por causa de Laura», observou June, «Porquê? Por favor explique-me o que aconteceu?» pediu John.

«Estávamos no cinema», explicou ela «e um oficial anunciou que a sua correspondência fora roubada pedindo todos os passageiros que soubessem algo sobre o caso, para virem à biblioteca falar consigo. A minha amiga ao ouvir isto, contou-nos a mim e a Raymond, que me acompanhava, que reparara antes do jantar, quando estava debruçada na amurada a ver o barco afastar-se, um braço nu de homem a atirar para o mar bocados de cartas e sobrescritos rasgados. Pensou, nessa altura, que talvez fosse alguém a limpar o camarote mas quando ouviu o aviso, quis vir logo contar-lhe o sucedido.

«Talvez esteja no convés ou numa sala a falar com alguém, sugeriu Saxon.

E acrescentou: «Mas não fique preocupada, porque vou mandar um criado chamá-la». Passado algum tempo o criado veio comunicar a Saxon que no convés superior não estava ninguém com o nome de Laura Wilson. «Talvez tenha ido ao camarote buscar qualquer coisa» pensou June, em voz alta. «Boa ideia, vamos, então, até lá, «miss» Dean», disse Saxon. Ambos desceram para o convés inferior, seguidos pelo sargento Honundo. «Qual é o número do seu camarote, «miss» Dean?» perguntou o sargento. «É o 250. Aqui estamos». June abriu a porta. Ficou paralisada com uma expressão de terror. «Oh, meu Deus!» Saxon e o sargento olharam para dentro e viram uma rapariga em combinação, caída no soalho e com um cordão ao pescoço. Honundo ajoelhou-se ao lado

do corpo e pegou no pulso da rapariga. «Está morta, embora ainda esteja quente», disse, mas, por favor, não toque n'ela!» June encostada à parede, parecia desmaiada. Saxon passou-lhe o braço pela cintura: «Miss» Dean, será melhor irmos lá para fora, apanhar um pouco de ar fresco e beber qualquer coisa para a reanimar». «Sim, será melhor», repetiu June, em voz fraca. «Não digam nada a ninguém sobre o que aconteceu», observou o sargento «Seria o pânico entre os passageiros». June e John saíram para o convés e depois passaram para o bar, onde Saxon pediu dois «cognacs». Todos os olhos convergiram naquela direcção. A sr.^a Moore murmurou para Boris: «Dizem que o sr. Saxon é um solteirão inveterado, mas aquela rapariga quer apanhá-lo». June bebeu o vinho, e sentia-se agora mais reanimada. «Não quero acreditar no que aconteceu. Parece mentira! Era tão boa rapariga!»

«O que sabe sobre Laura Wilson?» perguntou Saxon «Pouco. Era a minha companheira de camarote e professora de instrução primária. Conhecia há cinco dias, no começo da viagem e pareceu-me sempre muito boa e simpática.

«Perguntou: «Entrou só hoje a bordo, não foi Saxon?» «Sim, e o barco teve de esperar por mim. O meu avião vinha atrasado. Mas falemos do que importa. É tudo o que sabe sobre Laura?» perguntou John. «Sim. Não pense que ela tenha qualquer ligação com o roubo. Era inofensiva. Foi assassinada por saber localizar a vigia, de onde o tal braço de homem atirou cartas rasgadas para o mar». «Sim, também assim creio. Não reparou na pessoa que ficou ao lado dela no cinema?» perguntou John. «Não. As luzes estavam apagadas quando o lugar foi ocupado, e quando se acenderam, a cadeira já estava vazia. Quem poderia adivinhar que era o criminoso...» «Vamos até ao convés, sugeriu John Saxon. «A brisa marítima far-lhe-á bem». Estavam encostados na amurada, a verem o reflexo do bar no mar. Estava uma noite maravilhosa. John Saxon perguntou: «Sente-se melhor, «Miss» Dean?»

«Sim, muito melhor. Estava até a pensar em mudar de camarote». «Pois com certeza, frei pedir

9

ao imediato Pierce para dar ordens para transferirem a sua bagagem, disse Saxon. «Já é bastante tarde», observou June, «talvez seja melhor...» Ela parou, de repente, surpreendida pela expressão dolorosa que via no cara de Saxon. «O que aconteceu?» John levava a mão à testa.

«Alguém quis atingir-me. Mas, felizmente, a bala passou de raspão pela testa», explicou Saxon. June não pode deixar de soltar um grito. «O quê? Um atentado contra si?» Imediatamente, se viram rodeados por outros passageiros, que curiosos, faziam perguntas sobre o que tinha acontecido. «Será melhor chamar o médico!» pediu June aflita. «Não é preciso ele vir aqui. Vou até ao seu camarote». O médico ao ver o ferimento disse: «Nada é de grave. É apenas um arranhão. Vou fazer-lhe um curativo e pôr adesivo». O imediato Pierce chegou, entretanto, com Honundo. «Pelo menos agora, poderemos procurar a arma e a bala e ter algum, prova contra o criminoso», afirmou Pierce, bastante contente. «Sr. Saxon, será melhor ir repousar para o seu camarote e não sair de lá, até descobrirmos o criminoso» disse o comandante Paul Smith.

No dia seguinte ao pequeno almoço, todos os passageiros bombardeavam os criados com inúmeras perguntas. Eles respondiam cheios de importância a todas elas, o melhor que sabiam. Apenas um velhoote corcunda, sentado a uma mesa do canto, não ligava ao que o rodeava. «Sabe as últimas notícias, sr. Benny?» perguntou-lhe o criado de mesa. «Não, nem me interessa». Nessa altura, chegou John Saxon. O criado, desfazendo-se em amabilidades, perguntou-lhe o que desejava. «Querá ficar ali, ao pé daquela senhora, Davy». «Muito bem», John Saxon sentou-se em frente de June Dean. «Bom dia, «miss» Dean. Desculpe este abuso. Mas como costumava comer com a sua amiga Laura... em vez de se sentar em frente de uma cadeira vazia, vim eu...» «Fez muito bem, sr. Saxon. Fico-lhe muito agradecida». Depois, sentaram-se os dois no convés. «Apesar de querer evitá-lo, não deixo de pensar em Laura, confessou June, «as minhas preocupações são secundárias, em comparação com o que lhe sucede». «Mas você tão linda e jovem, tem preocupações?» perguntou

10

John Saxon, admirado. «Sim...» respondeu June, evasiva. «Desabafe comigo, peço-lhe», pediu-lhe John. June olhou-o com os seus olhos verdes e começou. «Conhece um tal Lery Doona?» «Sim, só de nome. Tem uma fama péssima, apesar de ser riquíssimo», respondeu Saxon. «Pois fui secretária dele. Mas de tal forma me perseguia com as suas propostas grosseiras, que me despedi. Contudo, aonde quer que eu vá, encontro-o sempre. É um pesadelo, que me dá cabo dos nervos! Fiz esta viagem de recreio, mais para o evitar do que por outra coisa. Tenho-lhe repugnância!»

«Ele sabe que você está aqui?» «Não, felizmente. Deve cruzar-se conosco. Vem no «Enterprise», do Sul. Mas não me admiraria que, se soubesse que estou aqui, mudasse de rumo e se transferisse para este barco». «Não seja pessimista», disse-lhe Saxon sorrindo. O dr. Chung apareceu, entretanto, com as mãos cheias de telegramas. Eram as respostas que John pedira. Nenhuma era de grande importância, apenas informações das cotações das minas. Falaram ambos sobre negócios e, depois, o secretário foi-se embora. June ficou a olhar para ele. «Não gosta do meu secretário, «miss» Dean?» perguntou Saxon. «Não. Tem qualquer coisa de misterioso que não inspira confiança». «Todos os orientais são misteriosos», observou John, e, depois, vendo o sargento aproximar-se. «Olá, Honundo. Alguma novidade?» «Sim», respondeu. «O rapaz do elevador contou-me, só agora, que na altura que a sua correspondência foi roubada, ao descer do elevador, viu uma senhora junto à porta do seu camarote, com a mão no puxador. Demos uma vista de olhos pelo barco e ele assegurou que a mulher que virá a sua porta é a sr.^a Moore». «Bem, será melhor irmos; já fazer umas perguntas a essa senhora», disse Saxon. «Está bem. Vamos imediatamente». John Saxon e o sargento Honundo, foram ao convés, onde a sr.^a Moore estava sentada com o marido. O sargento adiantou-se e perguntou com amabilidade: «Ei a sr.^a Moore, não é verdade?» Foi o marido que respondeu, aborrecido. «Sim, sou Charles Moore, e esta é a minha mulher». «Então, minha senhora, gostaria que me explicasse qual a razão porque

11

ontem, na altura em que a correspondência do sr. Saxon foi roubada, batia à porta dele?» «Não tem nada que explicar», vociferou Moore, com indignação. E voltando-se para a mulher: «Sabes alguma coisa sobre... que este senhor está a dizer?» «Não, nada. Deve ser engano», respondeu a mulher. Saxon olhava-a. Parecia estar assustada, mais pelo marido do que pelo polícia. Moore era um homem de estatura mediana, com bastantes cabelos grisalhos, devia ser bastante ciumento da mulher, que, na verdade, era muito interessante. Também devia ter génio exaltado. Saxon insistiu: «Sr.^a Moore, veja se se recorda. Já houve aqui a bordo dois crimes, e temos que averiguar tudo». Ela pareceu hesitar e depois declarou: «Na verdade, já nem me lembrava... Bati à sua porta, sr. Saxon, porque o senhor é uma celebridade e eu coleciono autógrafos. Quis pedir o seu, mas ninguém me respondeu e fui-me embora». «É tudo, sr.^a Moore?» Saxon sabia bem que ela mentia, mas não quis insistir mais. Ia afastar-se, quando o imediato Pierre se aproximou, com algo na mão. «Encontrei a arma que foi disparada contra si. Estava escondida num barco salva-vidas».

O secretário Chung estava no camarote, quando o telefone tocou: «Dr. Chung?» perguntou uma voz de homem. «Sim, sou eu». A voz continuou: «Faça o favor de vir imediatamente ao meu camarote, é o 150. Daqui fala Benny». Chung não conhecia nenhum Benny, mas quis saber de quem se tratava e, pouco depois, batia à porta do camarote 150. «Entre», disse uma voz. Chung viu à sua frente um velho corcunda, com óculos escuros, apoiado numa bengala: «Conhece-me, dr. Chung?» «Não, não o conheço», respondeu Chung, sincero. «Bem, se não me reconhece, ninguém mais me reconhecerá». Rindo-se tirou os óculos, uma cabeleira postiça, a corcunda e endireitou-se. Chung teve um sobressalto: «O senhor aqui?» «Sim, sou eu». «Mas o que quer? O nosso trabalho juntos, acabou sr...» retorquiu Chung. O outro disse: «Chame-me Benny». «Vou-me embora. Não tenho nada a fazer aqui», replicou Chung com frieza.

FRIGORÍFICOS

Westinghouse

As melhores condições de venda a pronto e em prestações até 36 meses

RÁDIO REPARADORA

R. Palma, 179

LISBOA

Em frente aos Correios (Encomendas Postais)

INIMITÁVEL

2 cv. CITROËN

COM FACILIDADES

«Não diga isso. Você é um patriota e, portanto, adora a China. Um nacionalista não gosta de ver o seu povo explorar a sua terra». «Sim, é verdade», admitiu Chung. «Fois bem, faremos ambos um bom trabalho para a classe pobre chinesa, em troca de um favor seu. Vou explicar o que quero. Você já, por mais de uma vez, falsificou os relatórios, sobre minas, do seu paião. Ele, felizmente, ainda não deu por nada, e quando der, já será tarde de mais...»

«Mas, já não quero arriscar-me mais», replicou Chung. Sem ligar a interrupção, o sr. Benny, continuou: «Sei que Saxon vai ser consultado sobre uma mina na Rodésia. Esta mina não vale nada, por isso as suas acções estão muito baixas. Bem, eu comprei uma grande quantidade dessas acções, quero que falsifique o relatório do seu paião e, nessa altura, as acções subirão, imediatamente. Vendê-las-é então, com grande lucro e esse dinheiro será empregado na construção de uma fábrica na China, onde empregarei muita gente pobre. Se você não me obedecer terei de empregar a força». E, abrindo uma gaveta mostrou um revólver. «Mas não pode continuar com essa farsa, a fazer-se passar por duas pessoas», observou Chung. «Tenho tudo planeado, e até você não me reconhecer. Tenho dois camarotes e vou às refeições, primeiro como um velho paião; depois, retiro-me, pois como pouco e logo a seguir entro eu, na minha verdadeira personalidade». «Mas, porque é que roubou a correspondência?» Se quisesse saber algum segredo, era só perguntar-me. Sou eu que leio as cartas e telegramas», observou o secretário de Saxon. «Não foi só pelo roubo que criei a personagem de um velho corcunda. É para proteger a vida de Saxon». «Então não foi o senhor que aluiu contra ele?» Benny respondeu: «Com certeza que não. Preciso dele vivo, para fazer os relatórios. Morto não me serviria para nada. Como vê, tenho de protegê-lo contra todos os riscos, dr. Chung...»

(Continua)

DESPORTOS



O excelente guarda-redes do Atlético de Bilbao executa difícil defesa

FUTEBOL EM ÁLVALADE A defesa bilbaína impôs-se com toda a clareza a um ataque «leonino» ainda hesitante

Registou uma boa assistência o Estádio José Alvalade, na noite de ontem. Principal motivo de interesse pelo encontro: a vitória dos espanhóis, registada 48 horas antes, na Luz, contra o Benfica. Não contando, claro, com a anunciada apresentação das recentes «aquisições» feitas pelo clube leonino: Serra, Amaral, João Carlos e o já célebre Carlitos. Este foi o único que não foi submetido a experiência, embora tivesse sido apresentado ao público, que o aplaudiu, com simpatia.

O Atlético de Bilbao, justamente famoso no seu país pelas suas características especiais de jogo típicas espanhol, todo raça, todo furia, não tem adregado, nos últimos anos, equipas à altura das que em tempos o representou. Pois a verdade é que este «team» dos «Leões de S. Mamés» sai invicto de Portugal.

Diga-se, no entanto, que estes jogos particulares de princípio de época não costumam ter grande significado, até por não fazerem parte de qualquer torneio mais ou menos famoso; mas ninguém contestará o direito aos nossos vizinhos de se sentirem satisfeitos com os resultados conseguidos em Lisboa, contra duas equipas que gozam de muito prestígio.

Nos primeiros momentos, cerca de 20 minutos, o Sporting agiu com desenvoltura e rapidez assinaláveis, mas, daí em diante, a partida descompôs para a monotonia. O Sporting, por duas vezes, esteve à beira de abrir o activo, mas o francês Jean Serra faliu espectacularmente. Por sua vez, o Bilbao também desfrutou de duas excelentes oportunidades por Arieta e Yosú. Carvalho esteve batido em ambas, mas Alexandre Baptista, primeiro, e a barra, depois, salvaram a situação.

No segundo tempo, mais se acentuou a toada lenta que nitidamente convinha aos visitantes. A economia de esforços e o mal disfarçado interesse pelo resultado dos bilbaínos chegaram mesmo a roçar o exagero quando em largos períodos os seus jogadores se entretiveram

em lances de pura retenção de bola, a «queimar» tempo.

O público, claramente prejudicado, protestou.

A equipa leonina fez, em conjunto, exibição descolorida, mas, sem necessidade sequer de forçar a nota, não há motivo para os seus adeptos se alarmarem, visto estarmos em princípio de época.

A afinação e preparação adequadas não podem surgir logo após os primeiros treinos e por isso a turma de Luciano «aparecerá» na altura própria.

A defesa, com realce para Pedro Gomes e Alexandre Baptista, e descontadas duas precipitações de Carvalho (que, aliás, teve pouco que fazer), chegou à vontade para o ataque dos espanhóis. No ataque é que a falha foi rotunda. O sector viveu apenas enquanto «durou» o «armador» Osvaldo Silva — e poucos minutos foram. E' certo, porém, que na linha dianteira se integraram as novas «aquisições» Serra e Amaral e o facto pode ter contribuído sobremaneira para a imprecisão revelada.

MOTONÁUTICA

O Grande Prémio de S. Martinho do Porto

Disputou-se o 3.º Grande Prémio de S. Martinho do Porto, a contar para o campeonato nacional, tendo-se registado os seguintes resultados:

Classe EU — 1.º, Mário Gonzaga Ribeiro (Clube Naval de Cascais), 700 pontos; 2.º, António Feu (A. Naval Infante Sagres), 469; 3.º, Rui de Noronha (Scuderia de Magos), 450; 4.º, Manuel Alves Barbosa (S. Clube de Aveiro), 400.

Classe ET — 1.º, Manuel João Raposo (Scuderia de Magos), 800 pontos; 2.º, António Antólin (Scuderia de Magos), 600; 3.º, José Quinta Junior, 430; 4.º, Eng. Correia Pereira, 288.

Classe SD — 1.º, ex-aequo, Vaz Gomes (Scuderia de Magos), 800 pontos, e eng. Marinho de Abreu (Clube Naval de Cascais), 800.

Classe CU — 1.º e unico, Manuel João Raposo (Scuderia de Magos), 800 pontos.

Classe DU — 1.º e unico, Mário Meymone (Scuderia de Magos), 800 pontos.

cos minutos foram. E' certo, porém, que na linha dianteira se integraram as novas «aquisições» Serra e Amaral e o facto pode ter contribuído sobremaneira para a imprecisão revelada.

Alvo das atenções gerais, naturalmente, os novos jogadores «leões» só não decepcionaram porque não é um jogo só que se pode fazer um juízo completo.

Entretanto, Serra, precedido da fama de excelente rematador, não pôde revelar ontem, esse predomínio, tendo, até, desperdiçado duas ocasiões favoráveis de golo.

Amaral revelou possuir habilidade no pouco tempo em que jogou. Magoado, foi substituído por Morais Alves.

João Carlos, o discutido ex-belenense, que jogou a extremo direito, na segunda parte, revelou-se demasiado lento.

Iribar, o elegante guarda-redes da selecção espanhola, foi a figura n.º 1 do Bilbao. Entre outras, registamos a sua extraordinária defesa a um remate desferido por Osvaldo. Toda a defesa (que incluiu quase sempre os médios) esteve atenta e rápida. Arieta e Argota foram os dianteiros mais decididos.

O árbitro, Décio de Freitas, tal como os jogadores, mostrou-se desatento.

SPORTING — Carvalho; Lino e Pedro Gomes; Mendes, Alexandre Baptista e José Carlos; Amaral (João Carlos, ex-belenense); Serra, Figueiredo, Osvaldo e Morais (Morais Alves).

A. BILBAU — Iribar; Orué e Echeberrie; Echevarria, Nauri, Arieta, Argota e Yosú.

JUSTINO CORREIA

O VERDADEIRO...

skai.

Embora seja o orgulho da indústria alemã, acaba de ganhar a taça de ouro do bom gosto para os produtos estrangeiros no mercado francês.

Único distribuidor:
MANUEL F. MONTEIRO
Rua dos Correios, 71-1.º e 2.º
Telef. P. P. C. 367834
LISBOA

Delegação no Norte:
A. CRUZ DE OLIVEIRA
Rua de S. Brás, 441-445
PORTO



COUPE D'OR DU BON GOUT FRANÇAIS

FUTEBOL NO ESTRANGEIRO

O guarda-redes Acursio em evidência na África do Sul

JOANESBURGO, 25. — (A. N. I.). — O cronista desportivo do «Sunday Express» lamenta que o guarda-redes português Acursio, agora num clube desta cidade, não tenha sido escolhido para a selecção que vai defrontar o Real Madrid. E escreve:

«Por que razão se prefere Trevor Gething, de facto um bom guarda-redes, a um homem que neste campeonato apenas consentiu dois golos, um deles de grande penalidade? Sabemos que o Power Lines, clube em que alinha Acursio, é da III Divisão mas a experiência e a magnífica forma do português, já suficientemente «calejado» em jogos contra equipas de nomeada, não superará todas as qualidades que se possam atribuir a Gething? Acursio devia estar na baliza contra o Real Madrid, aliás equipa que já conhece».

Três clubes portugueses no torneio de Ayamonte

AYAMONTE, 25. — (A. N. I.). — É o seguinte o programa dos encontros enquadrados nas festas patronais de Ayamonte, em que tomam parte equipas portuguesas e espanholas:

30 de Agosto — Ayamonte-Farense; 6 de Setembro — Bétis de Sevilha-Académica de Coimbra; 7 de Setembro — Ayamonte-Portimonense.

O Botafogo à frente do campeonato carioca

RIO DE JANEIRO, 25. — (A. N. I.). — Resultados da 9.ª jornada do campeonato carioca: América-Fluminense, 1-0; Vasco da Gama-Olaria, 2-1; Botafogo-Canto do Rio, 6-0; Portuguesa de Desportos-S. Cristóvão, 1-1; Bangu-Flamengo, 1-0; Bonsucesso-Campo Grande, 1-0.

Classificação actual: Botafogo, 15 pontos; Fluminense, 13; América, 11; Bonsucesso, Campo Grande, Flamengo, Bangu, 10; Portuguesa de Desportos, 9; Vasco da Gama, 7; Olaria, 6; S. Cristóvão, 4; Madureira, 2 e Canto do Rio, 0.

O Manchester United perdeu com o Wets Ham

LONDRES, 25. — (F. P.). — Em encontros a contar para o campeonato de Inglaterra, verificaram-se os seguintes resultados:

West Ham United, 3-Manchester United, 1 e Blackpool, 4-Blackburn, 2.

O Santos venceu o Palmeiras

SÃO PAULO, 25. — (A. N. I.). — Resultados da 8.ª jornada do campeonato de São Paulo: Santos-Palmeiras, 2-1; Corinthians-São Bento, 3-0; Comercial-São Paulo, 3-2; Guarani-Prudentina, 2-0; Noroeste-Ferroviária, 2-0; Desportivo Guaratingueta-Quinze de Novembro, 2-1.

O VILA CLOTILDE campeão luandense de futebol

LUANDA, 25. — (A. N. I.). — O Maíanga vai descer à 2.ª Divisão distrital e o Benfica tem de disputar um jogo de passagem, lutando pela permanência entre os «grandes». Na última jornada do campeonato os resultados foram os seguintes:

Praia do Bispo-Maíanga, 2-5; Benfica-Atlético, 1-2.

O campeão é o Vila Clotilde; o Maíanga ficou no último lugar e o Benfica no penúltimo.

ROSARINHO

Rua Augusta, 260

VEJA OS NOSSOS SALDOS FIM DE ESTAÇÃO

YBARRA & C.ª, S. A.

SEVILHA

PARA: VIGO, BILBAU, CABO SAN ROQUE
6 DE JULHO

OS AGENTES

Em Lisboa:

AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-E, 1.
Telefone 32 72 64

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 28421

NEWTON

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor. Exija NEWTON



DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FÁCIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:

AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta 56

António Brilhante da Silva Pessoa

MISSA DO 7.º DIA

Herminia Deolinda Cardoso da Silva Pessoa, e seus filhos Fernando, Vasco e Rui (ausente), participam que, amanhã, quarta-feira, dia 26, às 12 horas, na Igreja dos Jerónimos será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso marido e pai, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Boletim do dia

HA 10 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 25 de Agosto de 1934 publicava o seguinte:

«Pelas estatísticas oficiais se verifica que, em matéria de consumo, Lisboa devora, por estranha que pareça, tanto como o País inteiro, no que diz respeito a gado abatido nos matadouros registados.

Em Julho, por exemplo, no País abateram-se 5000 cabeças de boi ou vaca. Lisboa a sua conta decepcionou 2539 O País abateu 42 000 cabeças de carneiro, nos matadouros. Lisboa registou, só por si, 36 000.

Esta loba em Junho devorou 2 milhões de quilos de peixe. Afinal, pouco mais de três quilos por habitante, em trinta dias».

RADIO

EMISSORA — 1.º programa — 451 m — 655 kc/s — As 16 e 30: Noticiário — Programa da tarde; 17 e 30: Música ligeira variada; 18: Noticiário; 18 e 10: Danças; 18 e 40: Rádio Motidade; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção, Luanda; 19 e 15: Melodias pela Orquestra de Ber. Kaempfert e coro; 19 e 30: Alegria no trabalho; 20: Variedades; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Vamos ouvir Maria Clara e conjunto de Resende Dias; 21 e 20: 18.º episódio do folhetim «Um Duelo por Amor»; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 35: Teatro das Comédias: «Louise» de Alfred Musset; 23 e 5: Programa da noite — 14.ª etapa da Volta a Portugal em bicicleta (circuito do Estádio José Alvalade); 0 e 45: Noticiário; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — As 18: Música do século XX: «Seis peças, op. 6» (Anton Webern), pela Orquestra da Rádio do Sudoeste da Alemanha, dirigida por Hans Rosbaud; «Tres peças, op. 6» (Alban Berg), pela Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Antal Dorati; «Erwartung», monodrama (Schönberg); soprano, Helga Bilarczyk e Orquestra Filarmónica do Noroeste da Alemanha, dirigida por Hermann Scherchen; 19: Semanário musical; 20 e 30: Diário sonoro; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara; 21 e 30: O gosto pela música; 22: Música sinfónica: «Concerto em sol maior, K. 313» (Mozart); 22 e 30: Folclore do Mundo: música de Espanha: «Flamenco Gitano»; 22 e 45: Música de piano: «Scherzo n.º 1, op. 20» (Chopin), por Sebastian Benda; 23: «A Voz do Ocidente»; 1: Fecho.

3.º programa — Modulação de frequência, 2 — As 23: Ciclo do Barroco Italiano; 23 e 30: Música coral sinfónica: «Missa da Meia-Noite para o Natal» (Chaopentier); «Requiem, op. 48» (Fauré); 0 e 45: Noticiário; 1: Fecho.

RADIO CLUBE — As 17: Melodias e ritmos; 17 e 15: Boa tarde; 17 e 30: Acordes; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Orquestra; 18: Música para dançar; 19: Momento sul-americano; 19 e 15: Composições de...; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Cinema, Teatro & C.; 20 e 30: Conjuntos vocais; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 15: Vedetas americanas; 21 e 30: Melodias e ritmos; 21 e 45: Artista; 22: Conjuntos de ritmo; 22 e 15: Variedades; 22 e 45: Momento brasileiro; 23: Diário do ar; 23 e 45: Noticiário; 0: Programa «Meia-Noite»; 6: Boletim meteorológico.

Modulação de frequência — As 16 e 30: Noticiário; 17 e 34: Estrelas em FM; 17 e 45: Noticiário; 19 e 2: Ronda musical; 19 e 45: Noticiário; 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Ritmo 64; 22 e 15: Vozes e orquestras; 22 e 45: Ritmos modernos; 23: Sucessos do cinema; 23 e 15: Seleções para todos; 23 e 45: Noticiário; 0: Fecho.

Emissor de Miramar — As 16 e 30: Noticiário; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19: Interlúdio feminino; 19 e 15: Orquestras e vocalistas; 19 e 45: Noticiário; 20 e 30: Solistas; 20 e 40: Música regional portuguesa; 21: Noticiário; 21 e 10: Canções; 21 e 30: Inter-médio musical; 21 e 45: Seleções; 22: Variedades; 22 e 45: Artistas portugueses; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0: Programa «Meia-Noite»; 2: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Programa Sete e Meia; 19 e 45: O seu programa; 20: Mu-

sica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Coisas e coisas; 21 e 15: Artistas portugueses; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Conjuntos vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartaz musical das Américas; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — As 18: Portugal e Brasil, nações irmãs; 18 e 15: Noticiário regional, boletim de filmes e boletim religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Música seleccionada;

19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Programa Sete e Meia; 19 e 45: O seu programa; 20: Rebola a bola; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Mo-saico; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Orquestras; 22: Peça, faz favor; 22 e 30: Concerto sinfónico; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — As 17: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30: Rádio Peninsular; 22: Rádio Graça; 1: Clube Radiofónico de Portugal.

para os vossos transmissores...

DIALUX

a fita de confiança!

TELEVISÃO

HOJE — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: Programa Feminino; 20 e 30: «Angulo Recto» — programa de informação e divulgação culturais; 21 e 15: Telejornal — edição da noite; 21 e 45: Boletim meteorológico; 21 e 55: Episódio da série «Ben Casey»; 22 e 45: «A mais importante batalha»; 22 e 45: Museu do Cinema — programa de António Lopes Ribeiro; 23 e 20: A Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 40: Telejornal — últimas no-

tícias; 23 e 47: Meditação; 23 e 49: Fecho.

Amanhã — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — Edição da tarde; 19 e 45: Série de aventuras juvenis «Fúria — o cavalo selvagem»; 20 e 10: Ronda Poética, um programa de Maria Germana Tanger; 20 e 25: Enciclopédia; 21 e 15: Telejornal — Edição da noite; 21 e 45: Boletim meteorológico; 22: «7.ª Arte»; 23 e 35: A Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 50: Telejornal — últimas notícias; 23 e 55: Meditação e fecho.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 23/4% T. 10 ...	—	685\$00	—
Cons. 3% T. 10 ...	—	720\$00	725\$00
Cons. 3 1/2% T. 10 ...	850\$00	845\$00	855\$00
Centenários 4% 1940	1.980\$00	1.975\$00	1.985\$00
Obg. Tes. 21/2% 1942	—	1.001\$00	—
Obg. Tes. 21/2% 1943	—	1.001\$00	—
Obg. Tes. 21/2% 1944	—	1.001\$00	—
Externo 1.ª série ...	—	—	1.240\$00
Externo 1.ª série car.	1.250\$00	1.240\$00	1.260\$00
Externo 2.ª série ...	—	—	—
Externo 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série ...	—	—	—
Externo 3.ª série car.	—	—	—
Caut. 3.ª série e/j.	—	285\$00	300\$00

Obrigações

Agua Lisboá 5%	—	—	495\$00
Norte de Portugal 5%	—	—	108\$00
Gás Elect. 33/4%	—	870\$00	—
Gás Elect. 4%	—	810\$00	—
Gás Elect. 4 1/2%	—	885\$00	—
Gás Elect. 5%	—	—	960\$00
U. E. P. 33/4%	—	—	—
U. E. P. 4% 1945	—	80\$00	—
U. E. P. 4% 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	84\$00	—
U. E. P. 5% 1951	88\$50	88\$00	89\$00
U. E. P. 5% 1952	—	—	—
H. do Douro	885\$00	885\$00	890\$00
H. E. S. Estrela	—	920\$00	—
C. P. 4 1/2%	1.006\$00	—	—
Metropolitano	990\$00	989\$50	990\$00

Ações

Bancos

Alentejo	—	410\$00	450\$00
Angola	—	—	—
Espirito Santo	—	—	—
Lisboá & Açores	—	2.500\$00	2.600\$00
Portugal	—	1.540\$00	1.620\$00
Ultramarino	—	898\$00	899\$00
Agricultura	—	49\$00	50\$00

Seguros

Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	340\$00	350\$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.100\$00	—

C.º Ultramarinas

Ag. Casseque	635\$00	630\$00	635\$00
Ag. das Naves	—	100\$00	—
Agricultura Colonial	—	—	120\$00
Açúcar de Angola	—	750\$00	760\$00
Boror	138\$00	136\$00	139\$00
Cabinda	—	15\$00	18\$00
Cadá	1.400\$00	1.400\$00	1.450\$00
Col. do Buzi	—	84\$00	86\$00
Ilha do Principe	—	300\$00	450\$00
Incomat	—	—	—
Moçambique	34\$00	33\$50	35\$00
Zambézia	44\$50	44\$00	45\$00
Diamantes	595\$00	592\$00	595\$00
Lobito	—	570\$00	595\$00

C. Diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Fejo	—	850\$00	950\$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Credito Predial	—	880\$00	900\$00
Industrial Aliança	—	312\$00	—
Portugal e Colonias	—	730\$00	750\$00
Nac. de Navegação	—	850\$00	900\$00
Col. Navegação	—	480\$00	490\$00
Port. de Celulose	—	5.250\$00	5.350\$00
Port. de Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	243\$00	242\$00	245\$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
F. Invest. Atlantico	—	126\$30	—
Termoelectrica	—	1.260\$00	1.375\$00
Agua, Electricidade e Gás	—	—	—
Agua Lisboá 1934	—	410\$00	—
Agua Lisboá 1936	—	—	—
Eléct. das Beiras	1.580\$00	1.575\$00	1.580\$00
Gas e Electricidade	365\$00	364\$00	365\$50
H. Alto Alentejo	177\$00	175\$00	178\$00
H. E. Cáv	1.230\$00	1.230\$00	1.240\$00
H. E. do Zézere	—	1.340\$00	1.360\$00
Nac. de Electricidade	1.370\$00	1.360\$00	1.375\$00
União Electrica Port	—	180\$00	181\$00
H. Douro	1.220\$00	1.220\$00	1.225\$00
Turismo Penina	—	1.100\$00	1.150\$00
Sacor	4.500\$00	4.480\$00	4.500\$00

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	33\$00	36\$00
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$35	28\$65
Dólares de 5 a 1000	28\$55	28\$85
Argentina	\$13	\$18
Austria	\$150	\$15
Bélgica	\$56,5	\$58,5
Brasil	\$01,7	\$02,2
Canadá	26\$20	26\$70
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47,7	\$48,7
Congo	\$06,5	\$07,5
França (N. Francos)	5\$75	5\$90
Holanda	7\$80	8\$05
Inglat. (Libra Isabel)	79\$50	81\$00
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	4\$40	4\$90
Noruega	\$390	\$410
Suécia	5\$40	5\$70
Suíça	6\$58	6\$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	280\$00	290\$00
Inglaterra	280\$00	290\$00
Portugal — barra fino	32\$50	33\$00

J. BURNAY, L.ª DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

CINEMAS

IMPÉRIO — «O bobo da corte».
EDEN — «A última pega».
POLITEAMA — «A espada do Cid».
AVIS — «Margarida tu és o meu amor».
ODEON — «A loucura do twist».
ALVALADE — «O herói do regimento».
COLISEU — «Ódio mortal».
CHIADO TERRASSE — «O segredo das malas pretas».
IDEAL — «Vagem ao fundo do mar».
LYS — «A desaparecida».
OLIMPIA — «Bala sem destino».
CAPITOLIO — «Negócio de casamentos».
ROYAL — «Spartacus».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

AVENIDA — As 21 e 45: «A Idiotia»
MONUMENTAL — As 21 e 45: 23 horas: «Férias em Lisboa».

CINEMAS

MONUMENTAL — «A noite da água»
TIVOLI — «A mulher do próximo»
CONDES — «O terror»
ROMA — «E tudo o outro levou...»
ARCO-IRIS — «Os tártaros»
JARDIM CINEMA — «Hipnose»
SALÃO LISBOA — «O fumador de ópio»
PROMOTORA — «Taras Bulba»
ESP. PORTUGALIA — «A mão invisível do dr. Mabuse».

FARMÁCIAS

TURNO E

(Ver pelos bairros das mediações e telefones entre parêntesis)

ALCANIARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).
ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 1 (ao Pote de Agua) (710131).
* Cartaxo, Av. da Igreja, 11 (776358).
* S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140).
AMOREIRAS — D. João V R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (40471).
AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070). * João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462).
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 2 (458558).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de Berne, 24 (763107). * Avenidas, Av. da República, 27 (733688). * Império, Lda — R. Filipe Figueira, 40 (48002). * Duca, Av. Duque de Loule, 21 (48946).
BAIRRO DOS ACTORES & ALAMEDA — Nunes, R. Angela Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Costa, Pr. da Figueira, 6-B-C (28381). * Barral, R. Aurea, 126 (31535).
BELEM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393). * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (27896). * Veritas, Rua da Misericórdia, 135. (324554).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857). * Ourique, R. Freitas Gai, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333). * Pátria, Calç. dos Mestres, 30-A (680627).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CONDE DE REDONDO — Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2 (52076).
ENTRECAMPOS — Galeão, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920). * São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469).
ESTEFÂNIA — Mundial, Largo D. Estefânia, 9 (45578).
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453).
GRACA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (367842). * Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351). * St. António, R. Leite de Vasconcelos, 72 (862333).
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942). * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-A.
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc. R. do Quelhas, 1 (661275).
OLIVAIS — Olivaes, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVA — Aguilar, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, n.º 16 (728395-720703).
REGO — Universitária, R. O. n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).
ST. AMARO — Sepol, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958). * Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
S. SEBASTIÃO — Sifius, Rua Fialho de Almeida, 36-E (44000).
DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63 (381185). * Oriente, R. Lopes, 120 (843381).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Veias — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. PPC 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFONICAS 766146

TELEVISORES

PEQUENO ANUNCIO

GRANDES DESCONTOS

A SANTOS SILVA

4-A, Rua Passos Manuel, 4-A

A Constituição provisória fez abolida no Vietnam do Sul

(Continuação da 1.ª página)

mulgada no dia 16 pela junta militar.

A Constituição, que dava ao general Khanh poderes quase absolutos, provocou violentas manifestações antigovernamentais nas principais cidades do Vietnam do Sul.

A demissão de Khanh e a revogação da Constituição foram anunciadas por um comunicado da Junta Militar Revolucionária — o mesmo organismo que tinha eleito o general para o cargo de presidente.

Esta atitude da junta é interpretada em Saigão como uma capitulação dos chefes militares perante os dirigentes budistas e outras entidades civis, que se tinham manifestado nos últimos dias contra o «homem forte» do regime e contra a concentração de poderes nas suas mãos.

O tufão «Kathy»

TÓQUIO 25. — (ANI). — O tufão «Kathy» que, no domingo, varreu a ilha japonesa de Kyushu, deu origem a dezasseis mortos, oito desaparecidos dezoito feridos e à inundação de mais de cinco mil casas, — segundo anunciou hoje um informador do Ministério do Interior.

VAI SER NOMEADO OUTRO PRESIDENTE

LONDRES, 25 — (F. P.). — A Junta Militar Revolucionária sul-vietnamita reuniu-se hoje, em Saigão, para tomar as seguintes decisões:

1 — Revogar a Carta Constitucional de 16 de Agosto.
2 — Preparar uma sessão urgente da Junta para eleger o novo chefe do Estado.

3 — Dissolver-se depois da eleição do novo chefe do Estado e consagrar-se a tarefas puramente militares.

4 — Confiar ao Governo actual a expedição dos negócios correntes.

APREENSÃO EM WASHINGTON

WASHINGTON, 25 — (F. P.). — A notícia — ainda não confirmada pela Secretaria de Estado — da demissão do general Nguyen Khanh causa grande alarme em Washington, dado que o Governo americano havia jogado a favor de Khanh, oferecendo-lhe apoio político, militar e económico incondicional.

Se, como se teme, a informação for exacta, tudo leva a crer que terá repercussões extremamente desfavoráveis no prosseguimento da guerra contra os comunistas.

Os Estados Unidos despendem somas astronómicas para promover no Vietnam do Sul a guerra contra o Vietcong, mas a verdade é que a situação militar tem ido sempre de mal a pior.

Os dirigentes americanos não ocultam as suas apreensões pelas consequências extremamente graves da queda do general Khanh, num momento em que a agressividade do Vietcong põe em cheque os efectivos vietnamitas e americanos.

Portugal exporta televisores para a Federação da Malásia

SINGAPURA, 24 — (L.). — A firma Cycle & Carriage desta cidade, encomendou à Standard Elétrica, S. A. R. L., de Lisboa, fábrica portuguesa de aparelhagem para telecomunicações e electrónica, uma partida de aparelhos de televisão de 19" os quais se destinam às cidades de Kuala Lumpur, Penang e Singapura.

O embarque desta primeira remessa vai ser efectuado no vapor «Nagasaki», a sair de Lisboa no próximo dia 26 do corrente.

Desvio de cambiais da província de Angola

LOBITO, 25 — (L.). — A Inspeção de Créditos e Seguros notificou a firma denominada João da Filipe, com a sede no Cacau (concelho de Luanda), para apresentar a sua contestação no processo de transgressão que lhe foi levantado pelo desvio de cambiais no valor de 164 880 libras, correspondentes a 13 355 280\$00, aproximadamente.

As tropas governamentais atacam Albertville apoiadas pela aviação

(Continuação da 7.ª página)

seis meses e devia começar imediatamente.

A repartição de recrutamento é dirigida por um inglês de 46 anos, Patrick O'Malley.

Tendo-lhe sido perguntado para quem trabalha, O'Malley respondeu: «Para o primeiro-ministro, sr. Tschombé».

Acrescentou que tinha começado os seus trabalhos há cerca de um mês e que já tinha enviado um primeiro grupo de voluntários mas que, presentemente, recebera ordens para andar mais depressa.

A respeito dos salários oferecidos disse que estavam entre «um mínimo de 100 libras (oitenta contos) e um máximo de 200 (160 contos) por mês, com extras, tais como prémio de perigo, abono de família, indemnização de alojamento e alimentação».

Declarou ainda que seria paga uma indemnização de 7000 libras (560 contos) à família de cada mercenário, em caso de morte, com indemnizações importantes em caso de perda de braços ou de pernas.

Disse ainda que os mercenários

serão enviados para o Congo em aviões especialmente fretados e que não tem havido qualquer dificuldade com esses voos.

OFENSIVA DO EXERCITO CONGOLES

ELISABETHVILLE, 25 — (F. P.). — Sabe-se em Elisabethville que as tropas governamentais do Congo desencadearam esta manhã contra Albertville, ocupada pelos rebeldes, um importante ataque apoiado pela aviação.

Segundo os relatos dos pilotos, os rebeldes parecem tomados de pânico e em Albertville assinalam-se camiões cheios de homens circulando em todos os sentidos.

Trava-se também furiosa batalha em Kindu a 600 km a Noroeste de Albertville.

TSCHOMBÉ DIRIGIU UMA CARTA A U THANT

NOVA YORK, 25 — (A. N. L.). — Aviões da China Popular têm aterado regularmente em Stanleyville desde que aquela cidade congoleza caiu em poder dos rebeldes — afirma o primeiro-ministro Tschombé numa carta enviada ao secretário-geral da O. N. U. e cujo texto foi ontem divulgado.

Uma reunião científica sobre «Acidentes de Trânsito» nas «Jornadas Médicas» promovidas pela Universidade de Coimbra

As «Jornadas Médicas» que a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra promove, como dissemos, na Figueira da Foz, de 3 a 12 de Setembro, incluem um curso sobre «Medicina do Trabalho».

Na mesma cidade haverá em 5 de Setembro uma importante reunião científica sobre «Acidentes de Trânsito», a qual se reveste da mais alta importância, pois transcende do âmbito universitário para o vasto plano do interesse colectivo com ampla projecção social e elevado espírito humanitário.

Essa reunião científica sobre «Acidentes de Trânsito» é promovida pelo sr. prof. dr. Duarte Santos, catedrático de Medicina Legal da referida Faculdade da Universidade de Coimbra. Decorrerá, no

dia indicado, a partir das 21 e 30, no Grémio do Comércio da Figueira da Foz, e tomam parte na mesma os catedráticos de Medicina Legal de São Paulo e de Madrid, srs. prof. Veiga de Carvalho e Royo-Villanova, respectivamente, vice-presidente e conselheiro da Associação Internacional de Medicina e Acidentes do Tráfego.

Podem tomar parte na importante reunião médicos, engenheiros, técnicos seguradores e outros estudiosos do premente problema.

Os referidos professores brasileiro e espanhol tomarão parte, com outros cientistas estrangeiros nas Jornadas Médicas da Universidade de Coimbra na Figueira da Foz, as quais têm a colaboração do Ministério das Corporações e adquirirão larga projecção em todo o País e além-fronteiras.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o vento era fraco e o céu estava limpo por acção de uma massa de ar tropical continental transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado sobre a França e de uma depressão centrada a oeste da Irlanda.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 39°; mínima: Régua, 10°6'.

TEMPERATURA DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 25°; Faro, 27°; Funchal, 21°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 26°; Porto, 24°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 22°2'; na água do mar, 15°4'.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 31°4'; mínima, 18°8'. No mesmo dia do ano passado — Máxima: 31°4'; mínima, 17°6'.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



Céu limpo, vento fraco predominante de Sueste, por vezes calmo a partir do fim da tarde de amanhã: céu encoberto-se progressivamente e vento fraco de Sul rondando para Sudoeste.

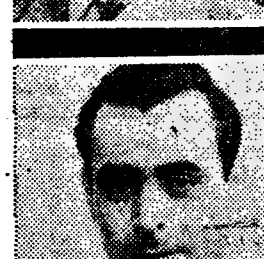
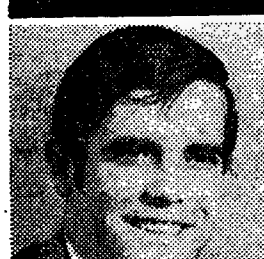
SOL **AMANHÃ:**
Nascer às 7
Ocaso às 20 e 16

FASES DA LUA

Dia 30 Dia 6 Dia 13 Dia 21

MARES
PREIA-MAR — Dia 25 — As 5 e 18 (3,92 m); 17 e 32 (4,15 m).
Dia 26 — As 5 e 53 (3,93 m); 18 e 10 (4,13 m). Dia 27 — As 6 e 30 (3,88 m); 18 e 46 (4,02 m).
BAIXA-MAR — Dia 25 — As 10 e 58 (0,87 m); 23 e 20 (0,81 m).
Dia 26 — As 11 e 30 (0,87 m); Dia 27 — As 0 e 1 (0,86 m); 12 e 13 (0,94 m).

LOTARIAS E NOTURULA
CAMPIÃO
SEMPRE PREMIO GRANDES



.. 27 DE AGOSTO ..

AS 22 HORAS

CORRIDA ANUAL DOS TOUREIROS

a favor do fundo de assistência do sindicato nacional dos toureiros

8 toiros de oliveira irmãos

cavaleiros

**JOÃO NÚNCIO
GASTÓN SANTOS
RIBEIRO TELES
MESTRE BAPTISTA**

espadas

**JOSE TRINCHEIRA
JOSE JÚLIO
ARMANDO SOARES
JOSE SIMÕES**

forcados

AMADORES DE SANTARÉM
Capitaneados pelo Ex.º Sr. Rhodes Sérgio

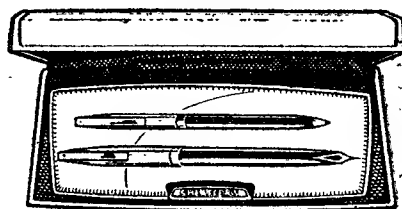
PROFISSIONAIS DE LISBOA
de Adelino Carvalho

PREÇOS DESDE 20/00 E ESPECIAIS PARA A JUVENTUDE

Bilhetes à venda na Praça de Toiros e nos Restaurantes, 7 (Telefs. 77 18 19, 32 17 12 e 3 07 69), das 10 às 20 horas e, no dia da corrida até à hora do espectáculo

SHEAFFER'S

Com um sólido aparo de ouro de 14 K. — Uma caneta que pode oferecer (ou possuir) com o maior orgulho



O aparo de ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. Mas, o aparo é apenas um dos motivos porque pode orgulhar-se de oferecer ou possuir uma Sheaffer. A tampa herméticamente fechada conserva o aparo de ouro molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip munido de uma mola interior evita que a caneta se perca pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido.

A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

Modelo da gravura: Imperial VIII com tampa de ouro e esferográfica a condizer (ou lapiseira se preferir).

SHEAFFER'S

AGENTES EXCLUSIVOS:
AZEVEDO & DUARTE, L.ª
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º • LISBOA

Juvenil

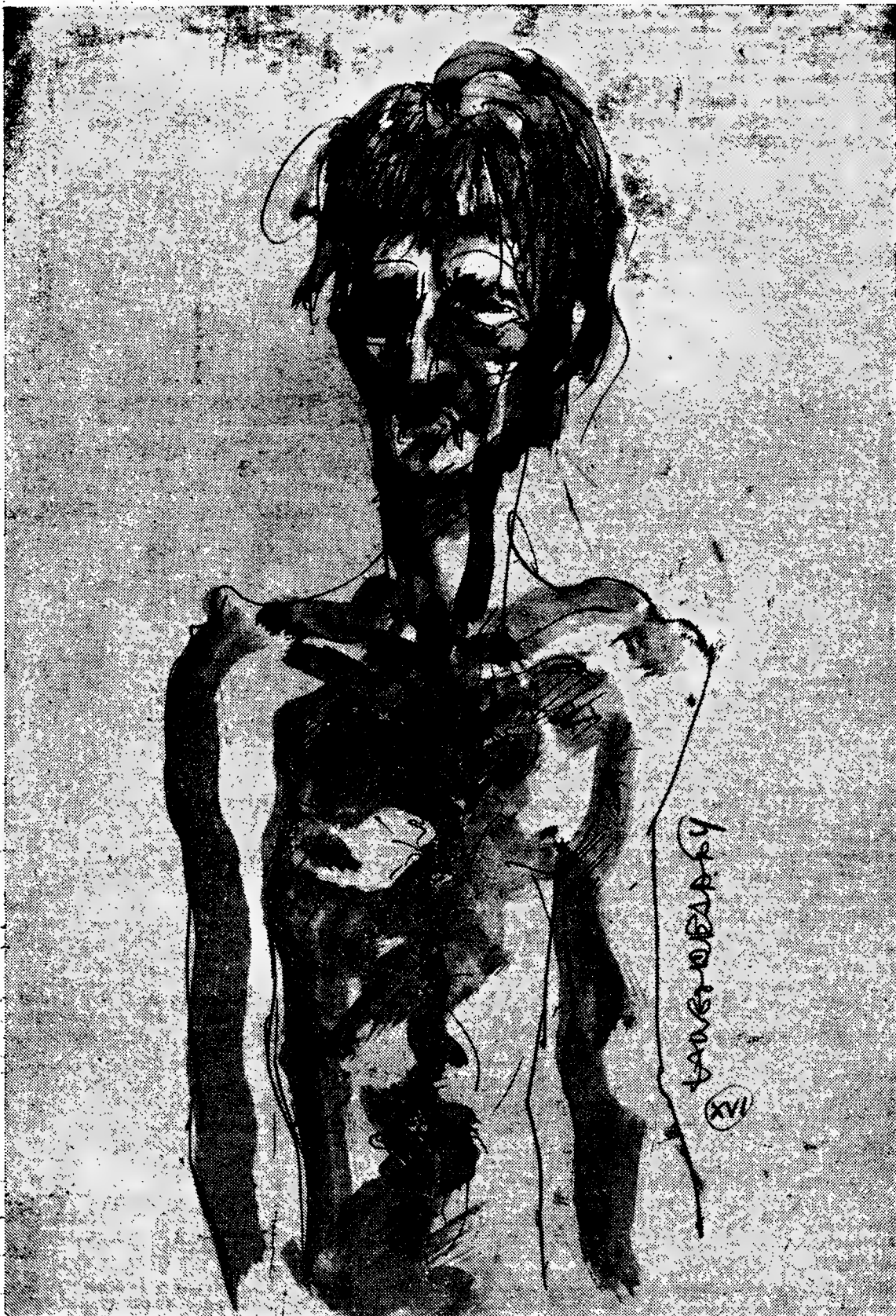
DOS JOVENS PARA OS JOVENS

»De Horizonte a Horizonte«

por ARMANDO MORA DE OLIVEIRA

Não pude escolher a rua onde nasci. Nasci numa rua de ruínas, de poeira, de sombra, de vãos de escada, muito escuras, respiração opressa, moribunda. Rua cancerosa. Os prédios estavam de cócoras, prédios idosos, fatigados daquela posição, cansados de ver homem, mulher, criança, gato. Quase humanos os prédios, quase gato. Narizes cheiram canastras debruçados das janelas; aperto a mão na rua ao meu vizinho do 5.º andar. Vivíamos numa tre-

(Continua na última página)



VELHO—aguarela de Hugo Beja

Poesia na areia

por João C. Teles Afonso

Quero um punhado de areia
na minha mão, cheia
de tremuras de ansiedade
de poesia, de felicidade.

E que cada grão de areia
na minha mão cheia,
seja um grão que germine poesia.
— Ramo florido na luz do dia!

E que o mar venha beijar
cada grão meu de sonho, ilusão
em cada grão de areia que vai molhar!

E que o embale no seu breço verde
que é transparente de esperança, emoção
para depois eu cantar aos quatro ventos:

— Que feliz eu sou na Vida!
Sou um grão de Poesia vivida!

O PROBLEMA DO LICEU

por Manuel Ramos Ribeiro

II

O PROFESSOR

Como se afirmou no número anterior, o verdadeiro ensino deve ter o professor como

AINDA O PROBLEMA FORMAL

por BENTO VINTÉM

Caro Jorge Silva Melo:

Li o teu artigo acerca de poesia moderna «a tua defesa» — admissível e lógica para quem tem uma posição a cumprir, uma bandeira que aceitou, a defender — e mais por respeitar as opiniões dos ou-

(Continua na 3.ª página)

mo guia. Pergunta-se agora: justificará o professor essa escolha fundamental?

A minha resposta a essa pergunta só foi conseguida com os elementos e a preparação que me forneceu o meu colégio, o único centro de ensino secundário que conheci durante os meus sete anos do liceu.

As minhas relações com os professores do colégio foram sempre as melhores; parto do princípio que o professor deve ser encarado sob dois aspectos diferentes: como professor e como homem.

Considero altamente benéfico o ensino que recebi no colégio. O ensino particular, com uma frequência de alunos muito inferior ao liceal, tem neste caso incontestável

(Continua na 3.ª página)

POESIA MODERNA POESIA E MODERNO

por José M. Martins

«Metade das divergências que há no Mundo assentam em mal-entendidos sobre significados de palavras», dizia um professor meu ao iniciar as suas lições. E Salvioli, o grande historiador do capitalismo antigo, disse: «Nunca se repetirá suficientemente que antes de tudo é necessário definir os termos de que nos servimos». Pois bem, e isto agora é meu: será possível travar um diálogo sobre poesia moderna sem primeiro definir e delimitar os conceitos de poesia e de moderno? Penso que não. E só depois de feito este trabalho preliminar se poderá discutir o assunto na sua totalidade. E chegados a este ponto já muito se fez. Neste caso o tema torna-se particularmente difícil devido ao «moderno». Toda a discussão deve estar dependente dele pois de poesia moderna e não de qualquer outra, se trata.

O conceito de poesia está mais ou menos estabelecido, e poucas dúvidas sobre ele podem nascer, a não ser em casos híbridos que oscilam entre a prosa e a poesia (refiro-me à

(Continua na última página)

NÃO ACEITO a existência de LUTAS entre gerações

por Fernando Costa Gomes

Lendo o número 374 do «Juvenil», fiquei, sem dúvida, contente de ver que jovens, como eu, procuram igualmente firmar a sua posição no mundo de hoje.

Mas eu não posso aceitar, e reparem, sendo jovem, tal como vós, a maneira como vocês se encaram como produto de uma geração. Isso talvez seja um modo muito simplista de ver as coisas: até porque essa mesma geração se pode ela considerar produto de uma outra e assim por diante, ou antes, para trás, até ao nosso pai

(Continua na última página)

«Enquanto sonho...»

por J. Carlos Lima Costa

Naquela manhã escaldante de Verão tocaram-me à porta. A espera acabou. Cêlere corri da porta da rua, atravessei o quintal, cumprimentei o jardineiro, o motorista, fiz uma festa ao «boxer!»...

Vocês lá estavam, no «Sunbeam»! Partimos!...

Os teus cabelos, Paula, fustigavam a minha cara, levados pela velocidade e pelo vento. Éramos seis ao todo! Fazíamos das festas, das bestiais vivendas que a Bitucha e a Lena tinham «lá fora», dos nossos carros, das nossas viagens, dos nossos velhos, da nova vaga! Cada vez mais depressa, o «Sunbeam» fazia o barulho característico dos carros de corrida, que irónicamente se perdia nas nossas palavras...

Chegámos... partidos... torcidos!... (sim porque seis num carro para dois não é brincadeira!)

Cabelos loiros à Sylvie Vartan, calças a Tuxager, «blouses noirs!»...

— A Syvi é bestialmente gira.

— Não convides o Janeca para a tua festa porque ele é muito poney.

— O Tony anda bestialmente desviado.

Mas, logo chegados a uma da tarde, alguém disse:

— Que panchovada. Já estou aborrecida.

Então saímos em direcção à água. Ninguém tomou banho! Todos nos lembrávamos das

águas do Mediterrâneo, da Costa Brava, da Côte D'Azur, da Riviera Italiana, de Copacabana, de Málaga, de Saint-tropez, de Nápoles ou San-Remo!

— Que porcaria de praia e de água. (Todos pensávamos mas não dizíamos, porque estávamos no Estoril...)

Desolados, voltámos para o carro; porém, desta vez, já não tínhamos tanto vigor, pois o sol cansara-nos!...

Foste almoçar comigo. Durante a refeição disse-me mal de todos quantos nos tinham acompanhado à praia! De todos!...

Quando tu saíste (dado que não sou completamente desprovido de maledicência) critiquiei-te dos pés à cabeça, do ombro esquerdo ao ombro direito.

Essa noite estava calma e luarenta. Apenas um grilo com o seu melodioso cantar cortava verticalmente a sua calma. Melancólico, pensei em quanta falsidade dissera nesse dia! E revoltet-me!... Mas no dia seguinte... no mês seguinte... hoje, ontem, continuei a dizer o mesmo, a fazer o mesmo!... Continuarei a falar e a conviver... e a criticar... as pessoas de quem te disse tanto mal.

Talvez um dia, de crepúsculo verde encontre o caminho certo e me gule... e te gule... e os gule...

OS MEUS PROBLEMAS

Em 23 de Junho passado respondi a uma rapariga que sentia necessidade de «fazer qualquer coisa de útil» mas não sabia o que havia de ser. Esse problema e respectiva resposta interessaram duas raparigas que colaboraram o ano passado na organização de uma colónia de férias para crianças cegas; ambas me mandaram cartas para serem entregues à primeira. Simplesmente, como este correio é anónimo, não pude fazer seguir as cartas. Aqui fica o aviso e, se a interessada o ler, queira dizer-me para onde posso mandar as cartas que tenho em meu poder.

A propósito: na minha resposta poisou uma «gralha» diabólica. Eu tinha escrito (não tenho presente o «Juvenil») qualquer coisa como: «Vale a pena criar obras sem continuidade? Sou optimista e creio que sim, etc...» Pois, o que havia de sair no jornal? Só isto: «...Sou oportunista e creio que sim, etc...» O caso é que, o meu pensamento desta sorte deformado, tornava a explicação seguinte um tanto confusa, e a Maria Leonor, na simpática carta que me dirigiu, escreve:

«Há que vale a pena e que é bom tudo o que for feito no sentido de ajudar os outros.

«Se por um lado é importantíssimo e indispensável a estabilidade e a solidez das obras duráveis, independentemente disso é bom e insubstituível o contacto de pessoa a pessoa, espontâneo e simples... (mesmo em obras)... que não foram feitas no sentido de serem duráveis, mas apenas porque cada um de nós soube que era útil e tivemos essa possibilidade.»

Concordo contigo, Maria Leonor, e admiro o puro, desinteressado, generoso, consciente entusiasmo dos jovens que sentem a necessidade de fazer sem demora qualquer coisa de belo, necessário, útil, bom, e, sem delongas, agem quando a oportunidade se oferece — ou procuram, desencadeiam essa oportunidade. Creio firmemente na força, na inteligência e no coração dos jovens.

O que eu pretendia transmitir à minha desconhecida correspondente era fé e coragem para principiar e «prosseguir», para se integrar numa obra «que oferecesse continuidade». Por ela, e pela obra.

É certo que nada se perde completamente, e só esse gesto de jovens que se dão as mãos e assim vencem a própria timidez — primeiro passo para que incalculáveis rasgos?... — já é qualquer coisa de importante; mormente se esse dar de mãos levou o calor de um afecto, uma compreensão, uma qualquer ajuda, mesmo fugazes, a alguém que se sentia só, incompreendido ou infeliz. Mas, Maria Leonor, põe-te na posição dos que não têm nada e um dia recebem, por acaso ou generosa determinação, uma réstea desse Sol que, quando nasce, devia ser para todos; e que depois, quando o entusiasmo generoso se fatigou, ou procurou novos rumos, ou foi absorvido por imperiosas razões — o Sol desaparece e volta a escuridão para o escolhido de um dia ou um mês... Pensa nisto, Maria Leonor, porque também era aqui que eu queria chegar — sem desdouro, que o não há, para os que não podem mais do que estender as mãos por momentos, e as estendem!

TIÃO



«CABEÇA» — de Hugo Beja

UMA TARDE PARA RECORDAR O PASSADO

por Cáceres Monteiro

«Hall» de cinema. Zunzuns de conversas, nuvens de fumo. Passos abafam-se na espessura da carpeta. Ele está sentado na poltrona, um livro de Sttau Monteiro gira-lhe nas mãos. Baixinho ouve-se o «Avril au Portugal». O sol entra, aos montes, pela vidraça gigantesca. Sol, muito sol — única coisa que esta tarde de sábado tem de comum com outras que ele agora recorda. Era forte o sol dessas tardes. Tão forte que ofusca os acontecimentos, que os evolue e só lhes deixa ver formas vagas. Ele revive os momentos passados... (Acende o cachimbo... A May Flower está quase no fim...)... revive os momentos passados com demasiada realidade pois começa a ter alucinações. Ou não? É simples coincidência. A sua frente, Alexandre, ex-Montgomery dos exércitos de chumbo. Conversaram juntos do cinema. Conversaram muito e recordaram os longínquos tempos de há meia dúzia de anos. De-

pressa chegaram ao Rossio. Apertaram as mãos com a força de uma promessa. Alexandre virou na direcção do Martim Moniz. Ele, ele vagueou durante horas pela cidade. Ia cantarolando o «Avril au Portugal» (contágio do cinema). Mas sobretudo revivia «os românticos dias do passado».

Soldados de chumbo. América. — Refiro-me ainda às tardes de sábado.

Filas de soldados ao longo dos mosaicos róseos do terraço. Discos do «rock» em pleno — símbolo do Norte do Novo Mundo. Tanques a rodar contra as trincheiras (tabuinhas de caixas de margarina). Aviões lançando bombas (caricas) sobre os exércitos metálicos e imóveis. Montes de terra negra a fingirem de colinas.

Tudo mudou. Já não há mais soldados de chumbo mas só bailes, cinémas,

cafés. A «nouvelle vague» francesa substitui, com vantagem, a congénere americana.

E ele recorda. A entrada para a escola (as professoras tiveram que lhe fazer chá, no primeiro dia). As brigas, as primeiras conversas sobre assuntos difíceis, a primeira paixoneta aos 11 anos...

E o vento do Sul enevoou o céu. Os pássaros regressaram aos ninhos e as pessoas também. Es as ruas ficaram desertas. E os eléctricos continuaram a deslizar, agora vazios, pelos carris brilhantes. E as luzes acenderam-se e os pregões não mais se ouviram. A escuridão caiu há muito sobre a cidade — floresta de cimento, tinta e barro.

Ele continuou a andar, a recordar, a cantarolar.

Começou a chover torrencialmente. «Avril au Portugal n'est plus qu'une chanson...»

AINDA O PROBLEMA FORMAL

(Continuação da 1.ª página)

tros, do que por desesperar em manter o meu pedestal imóvel, não me escusei a discutir pontos de vista pondo de parte o apego ao nosso «muito eu» e marchando (sem a necessidade da bandeira branca) ao encontro de um diálogo.

Começas por chocar com fragor, uma frase minha — metafórica como obviamente notaste — com um excerto de «Pour un nouveau roman». Talvez o Robbe Grillet não goste muito da acareação, mas de qualquer modo é uma atitude justa, totalmente compreensível. Quando alguém me punha dúvidas e eu não conseguia por mim próprio desfazê-las, recorria ao meu mestre, que podia não ser uma sumidade, mas era o pensamento máximo naquelas alturas.

Não consegui descobrir o — a propósito — do aparecimento de Gil Vicente. Penso que tenhas feito uma transplantação de Shakespeare. Apesar de tudo, aceito a «tradução».

«Creio que há ainda uma grande parte de jovens (e de jovens que escrevem, que publicam) que acreditam plenamente na forma como um mal necessário da Arte (desculpa o sublinhado). Assim, o pensa quem no «Juvenil»... e continuas. Ora há aqui qualquer coisa que não está certa. Lembra-te que se quisermos sair um pouco, abdicar dos nossos gostos pessoais, indo ao encontro dos outros, descobriremos que afinal um aparente «malabarismo» pode possuir um «substractum» de humanidade, de beleza, segundo uma estética diferente, é certo, mas nem por isso menos válida por que igualmente honesta». Então? Parece-me que pecaste por má interpretação. Jamais foi intento meu, condenar a Forma «como um mal necessário da Arte». Uma coisa é não consumir, outra é condenar o Fabrico! A forma não é um mal necessário. Talvez a minha imagem do guarda-roupa tenha sido pouco feliz. Concorro. Mas não tomemos a parte pelo todo! Acordo em que ver o fato ou o nu, em separado, e encará-los no conjunto, são coisas muito diversas. Não porque percam algo ou algo adquiram, mas porque no conjunto foram uma «gestalt», uma combinação capilarmente interpenetrada de forma e fundo. Tal não obsta porém a que, após a cisão, eles sejam do mesmo modo, um corpo e um pedaço de pano. Era isto que eu queria dizer. Não, que a Forma seja efêmera, mas sim, secundária.

E' claro que, se mudar as cores a um quadro, ele deixa de ser o mesmo. Creio que a comparação é um pouco «apanhada a correr». Esqueceste que a pintura fala com cores! Então não são a Forma! São o conteúdo!!! Ou então vais explicar-me o valor de um Cézanne, de um Manet, de um Poussin, e mais perto, de um Max Ernst, de um Paul Klee, de um Franz Marc, de um Braque (escolhe outros se quiseres) depois de passares com um «safa-tintas» por cima da tela, supondo que conseguias obter os traços puros. Não. A linguagem pictórica comunica com cores, como a musical fala com sons. Ai sim, a ideia é plasticizada e então toda a obra é apenas Forma. Mas em poesia... as coisas ganham outra intensidade! Não se faz um

poema só com o aspecto que as palavras tomam no papel, ou o «sem nexa» que as tenta unir. Não se faz, perdão, faz-se, mas... está a apetecer-me dizer que se não devia fazer. Uma poesia nasce com uma ideia inicial que é depois revestida (lá estou eu a pender para o guarda-roupa!), comunicada, transmitida através de um meio: a palavra. Por aí, até obter a obra pura, e é, em essência, ainda aceito que a Forma — entenda-se expressão verbal ou escrita — faça parte placentária do todo. Posso não querer para mim determinado processo de exposição mas compreendo que cada um busque, corra, á procura de um novo idioma. Outra coisa porém, é sentar-se um indivíduo a pescar palavras como quem caça moscas por desfastio, ordena-las segundo uma «inspiração» (?) de momento (surrealismo é desconstrução!) e depois querer «vender o peixe» ao vizinho, á sombra de que é moderno. Isso não. Prefiro ter de comer carne o resto da vida. A não ser que o nosso homem seja um «pequeno-genial»! Mas são tão raros os loucos, quanto mais os geniais!...

Sabes que oponho sérias dúvidas ao facto de Meursault ser menos Meursault após a modificação do tempo verbal? E' que tu apenas deixaste de permitir-lhe que falasse, para o colocares na boca de um narrador. Ele ficou o mesmo!

Há ainda outro tópico em que discordo. Vejamos: «A obra de Arte é só Forma, parece-me. Agora o espectador é que se projecta nessa Forma que interpreta, etc...» Li algures a história de um pobre simio a quem os «habitantes do sótão» do domesticador ensinaram a «pintar». Imagina tu: a pintar! Meteu-lhe uma espátula na mão, um metro quadrado de contraplacado á frente e... voilà! Um «louco-genial»! (Desculpa a insistência, mas aprendi este termo há pouco e confesso que lhe encontro uma certa «consistência»).

Imagina que tinhas oportunidade de contemplar as «macaquices» do nosso personagem, desconhecendo a identidade do «autor». Segundo o teu ponto de vista, dadas voltas e mais voltas e eras capaz de acabar por concluir que o que estava ali era a «Maja desnuda» do Goya em ritmo de «twist»? Não eras, tenho a certeza, porém há muitos que eram. E gostavam! Podia interpretar-se, mas a obra continuava sem valor, ainda mesmo que alguma agência de publicidade, resolvesse aumentar os capitais á custa do «Fenomenozinho». Faltava-lhe a presença humana, a intenção.

Vais ficar admirado se te disser que nas horas vagas faço desenhos abstractos; que para mim o surrealismo é a forma mais exacta — porque menos rigidez produz uma obra literária, simultaneamente humana, quero dizer, em que a Forma seja a corrente que une o autor ao leitor; que admirei sinceramente uma produção tua publicada no «Juvenil» sob o título «Geometria dactilografada»; e que ponho os vizinhos lá do prédio em «estado de sítio», quando abanho um bom disco de «twist», depois da manifestação de «atraso estético» que dei lá atrás. Todavia eu sou assim. Moderno sim, mas veiamos... E' que com a escassez de carne dos nossos mercados, se não ficamos de pé atrás, despertamos um dia «a comer gato por lebre».

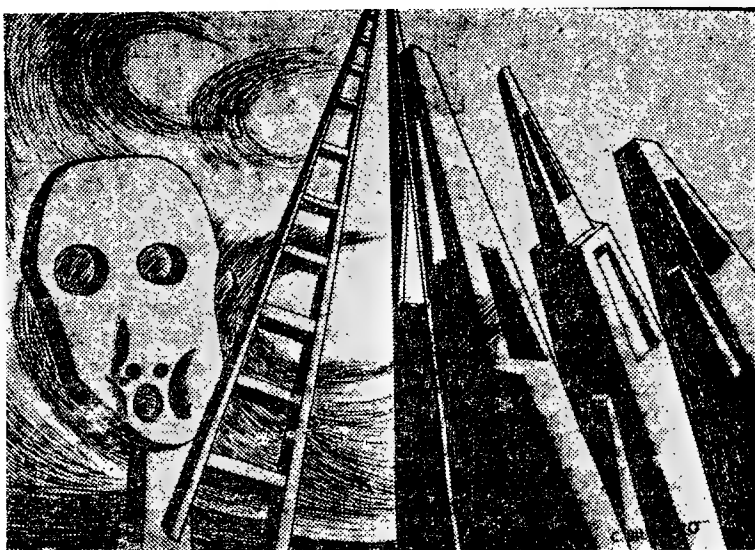
Desculpa-me o tratamento por tu, mas sou totalmente antiprotocolar, e acho que entre dois jovens o protocolo é um sacrilégio.

Antes de terminar, quero dizer-te uma coisa:

— Sabes o que tenho em frente de mim? Uma edição espanhola — «Técnica Teatral» — aberta numa gravura que representa «Sir Laurence Olivier, fardado de husar, numa cena da guerra de 14-18, a fazer o «Hamlet»!!!

Imagina só! Coincidências...

BENTO VINTÉM



Desenho de C. BILREIRO

O PROBLEMA DO LICEU

(Continuação da 1.ª página)

vantagem, pois ninguém duvida que o rendimento dos alunos está na razão inversa do seu número. Assim, recordarme-ei com saudade do 3.º período do 6.º ano de Letras que terminou com 8 alunos ao todo!

O professor não tem somente a missão de ensinar aos alunos aquilo que o programa exige. Como professor, ele deve velar pelo intelecto dos seus alunos, pela sua maneira de se exprimir, pelo seu hábito de falar, pela pureza da linguagem escrita e falada pelo seu comportamento perante ele e os colegas e pelas suas reacções. Não nos podemos esquecer que, embora o pro-

fessor seja considerado pela maior parte dos alunos como «aquele que ensina», ele é, também, um indivíduo igual a nós em direitos, superior em respeito e, em muitos casos, um modelo a seguir.

Como homem, o professor pode estimar e ser estimado pelos seus alunos. A estima sucede-se á deferência e ao respeito quando os alunos começam a considerar o professor como um homem que se interessa pelos seus problemas, que os procura aconselhar e ajudar. O professor em respeito e consideração está muitas vezes imediatamente abaixo dos nossos pais, pois é ele quem nos prepara o caminho para uma vida nova através da sua ciência e das suas ideias. É um facto que muitos alunos escolhem determinados cursos por influência do professor. A carreira a seguir depende muitas vezes do aproveitamento e dos ensinamentos demonstrados pelos alunos durante os seus estudos secundários. Todos têm as suas preferências por determinados estudos, preferências que se tornarão tanto mais sólidas quanto mais forem alimentadas e desenvolvidas pelo professor.

A educação é uma das grandes bases da civilização actual. Muitos rapazes e raparigas aceitam a sua admissão no ensino liceal como um meio para fugirem ás influências da casa. Mesmo assim, eles podem ainda aprender que não é impossível terem nos professores os seus segundos pais. Infelizmente, se o número de alunos aumenta todos os anos, o mesmo não acontece com o número de estabelecimentos de ensino, o que dificulta imenso a tarefa do professor.

Para terminar, aconselho os alunos que lerem estas considerações a reflectirem sobre o problema das suas relações com os professores. Se no fim de tudo isto alguma coisa se aproveitar ainda bem!

ANTÓNIO DEGÓIS PEREIRA

POEMA PARA ANA CARMEN

Amanhã

quando eu acordar e vir os ramos das árvores bailando a rasgar a minha janela e na fábrica defronte as raparigas de vestidos berrantes e passos corredios em pressa começarem a cantar a mesma canção de amor de sempre

quando eu vier para o largo e os meus lábios esboçarem um sorriso para ti e depois olhar o sol e os pássaros e o café da manhã na minha rua e as mesmas flores nas janelas que o vento beija todas as tardes quando eu passo

então será diferente e eu poderei dizer sem medo tudo enfim que os lábios não dizem nem os gestos talvez o olhar na madrugada dependurada no dia livre

porque amanhã haverá nos meus dedos um rasto de poesia e meus olhos serão mais livres em tua procura e tu — sombra descoberta a meio dum sorriso erguerás teus braços para os galhos das árvores e da raiz das coisas brotará a seiva feita gesto ou um simples dizer adeus febril com tua mão numa tarde

e então todos iremos ver as andorinhas e esta criança que sou eu dependurada na vida começará a gritar palavras de todas as horas e o dia repleto em meus olhos de cobiça será meu e teu

nossa procura jovem de jovem amor dia-a-dia

LINGERIE

EM OPAL NACIONAL E ESTRANGEIRO

R. D. Estefânia, 191 C. Av. Elias Garcia, 180-A

PONTO FINAL

por ALICE VASSALO PEREIRA

Oferta

Notícias do sol e do mar para os amigos tristes, — de olhos burocraticamente colados às paredes cinzentas da cidade. Para os amigos de infância esquecida há muito. Para os amigos que nunca deixaram um papagaio de papel para o céu de núvens e pássaros.

— Entrego aos vossos olhos cansados e gastos o doce mistério das manhãs azuis e o rasto de maresia prolongado nos corpos que passam.

POESIA MODERNA POESIA E MODERNO

(Continuação da 1.ª página)

poesia como literatura que é, a que nos nos interessa e não latamente, estendendo-se à natureza ou às outras artes como categoria puramente estética ou emocional).

Mas chegados ao conceito de moderno tudo muda de figura. Que é isso de moderno? Haverá nesta palavra uma significação puramente cronológica coincidente com contemporâneo? Nesta acepção tudo já foi moderno. Deixando de o ser mal passou a constituir passado. E o moderno substituir-se-á ininterruptamente.

Ou far-se-á coincidir moderno com determinados estilos e processos (poéticos) característicos e existentes em todas as épocas, condicionadores da evolução?

Inclino-me mais para a primeira concepção, embora a segunda não seja de desprezar, na medida em que, ao dar-nos uma visão diacrónica da história da poesia, nos fornece as raízes da actual moderna poesia. Mas isto será trabalho posterior e apenas válido depois de se estudar a fundo e intrinsecamente a actual, determinando-lhe as características que a individualizam.

Que é pois?:

- 1 — Poesia
- 2 — Moderno
- 3 — Moderno em poesia
- 4 — Poesia moderna

E não será este já um princípio de diálogo estruturado ou «uma clarificação de conceitos essenciais» como foi pretendido? Espero que sim.

Poesia moderna! Que tema tão fugidio!

Estará a modernidade da poesia dependente da sintaxe ou do léxico, do ritmo ou da métrica, da forma ou conteúdo, ou da inter-relação de tudo isso?

O soneto já foi uma forma moderna. Hoje de maneira nenhuma o é. Será sim uma forma de sempre o que é diferente. No entanto sonetos actuais há que são poesia moderna. Porquê?

JOSÉ M. MARTINS

VESTIDOS

PRÁTICOS E ECONÓMICOS

R. D. Estefânia, 191 - C.
Av. Elias Garcia, 180 - A

Trunfo espadas

O menino tem um ano e uma criada franzina e sem graça que lhe vigia os passos hesitantes. Também tem mãe, o menino. Mas a mãe, além de ter o menino, tem ainda uma mesa redonda à sua frente, três amigas perfumadas e cartas de jogar nas mãos bronzeadas e indolentes.

O choro do menino vem de repente. A bola estava longe, muito longe do seu corpo redondo e a terra magoa os seus dedos estendidos.

(As de copas... três de espadas... O penteado da Sara, reparaste?... A pequena ia bem mas é um disparate casar tão nova!...).

A criada franzina e sem graça ocorre ao chamamento do menino.

— Pronto, já passou! Não foi nada!

Pronto!

A mãe olha, indiferente. — Não lhe dêes colo (O que ele tem é mimo!).

O menino já não chora. Nem chama pela mãe. Olha para ela, como se tivesse compreendido.

(As de copas... Três de espadas...).

Uma flor

Verde e corrido de espuma o mar magoava de ondas a areia quente e macia. Rosado e húmido, o ouriço do mar abriu-se na minha mão.

Naturalmente. Uma flor agressiva e desenraizada que acabasse de nascer entre os meus dedos deslumbrados.

Turismo

— Fotografia! Fotografia!

Um corpo castanho de sol,

de areia, de terra seca. Umas mãos magras que se desfaziam em gestos incompreensíveis. E uns olhos muito abertos, demasiadamente grandes e brilhantes naquele corpo tão pequeno e tão sujo.

— Queres que te tire uma fotografia? E' isso?

Há espanto e desapontamento nos seus olhos. E numa voz quase meiga vem a tristeza, a recriminação, a censura:

— Olha! Não é estranha-ra!

* * *

... E nasce o poema

é de ti que hoje nasce a certeza do meu sorriso nas manhãs de gaiotas e neblina

é de ti que hoje nasce a esperança que vem quando se julga que nada mais virá

* * *

Uma pedra, o amor

Nunca tinha tido uma boneca. Toda a ternura dos seus olhos havia-se concentrado numa pedra, igual a todas, áspera e irregular, que ela vestia com farrapos que tirava dos seus, que acarinhava com todos os nomes meigos que nunca ninguém lhe chamava, que embalava com todo o mistério com farrapos que tirava vel. E um dia alguém lhe deu uma boneca, de olhos brilhantes e braços estendidos para ela. Nessa noite nem conseguiu dormir. Fez festas à boneca, beijou-a, deslumbrada, e abraçou-a com todo o desamparo do seu corpo. E de manhã, depois de a acariciar mais uma vez, deixou-a no casebre e voltou para a praia, alegremente, a embalar a pedra.

DE HORIZONTE EM HORIZONTE

(Continuação da 1.ª página)

menda intimidade, promiscuidade. As ruas da memória são mais pequenas porém e não têm tantos gatos. Sigo os meus gestos, não posso escolher, não sei escolher, deram-me estes gatos — só sei escrever sobre estes bichanos e não outros quaisquer. Escolha, perda de tempo — já fui escolhido. Rua cancerosa, gatos — violinos, gente.

*

O sol começou a dar luz e calor. O calor encarquilhou as paredes dos prédios, abriu até as janelas. Os homens erguem-se da treva, tomam a posição vertical (quando?). É a cor indecisa da madrugada, quando a própria voz enunciativa (a voz interior

meu Deus!) é clandestina.

Linguagem neutra, s'deral, sem ascensão nem declive, surdina.

Linguagem falada por uma cidade de ébrios gesticulando em meio da tempestade. O silêncio. Névoa com pequenas fogueiras acesas para aquecer alguns profetas transviados.

Sons molhados, ininteligíveis como a palavra tranquilidade. (Um sol muito lucido afugentá-los-ia, deixaria a seara das palavras reduzida a cinzas e terra negra. Ir lentamente como quem se espreguiça e aborrece).

*

De início o entusiasmo foi tão grande que saiu para a rua a gritar: encontrei o meu as-

Charneca

por JOEL COIS

Na fuga ao que é efêmero e temporal

Sairam as tuas palavras

na banalquave da manhã do dia que principiava com a intenção de sementes

a nascerem nas mãos do lavrador para a terra e era como se disseses: multiplicai-vos e crescei

Mas ou eram secos e áridos

os terrenos onde caíram

(e eu sou seco e árido)

ou o vento as levou

e então nada sei explicar

porque quando o dia se despediu

só havia em mim o desejo de fontes cristalinas que nunca mais chegaram

NÃO ACEITO

a existência de LUTAS entre gerações

(Continuação da 1.ª página)

Adão. Mas, sabem, eu julgo que nem esse tem culpa.

Todos os artigos falavam em produtos, mas, para mim, o mais importante actualmente não é ser produto mas sim origem, mas deixemos isso para depois.

O nosso modo de actuação como jovens não se aplica na modificação dos erros de uma geração, mas sim nos erros de uma ordem, ordem essa que foi exercida durante muitas gerações. É exactamente a principal vitalidade existente no jovem o ideal que ele aplica na modificação de uma ordem de que só ele, que de repente abre os olhos, pode ver. Não é com falta de verdade que se diz que as crianças vêm coisas que os adultos não podem ver. É que no adulto existe um estado de letargia frente às coisas na criança existe uma apreciação imediata, que se revela num estado de permanente novidade frente às coisas.

É isto que distingue o jovem, com J, de que falava o sr. Krueger. É a sua absorção dos problemas e a sua vontade de modificação dessa ordem a que se sente subjugado. É que o adulto chama a idade difícil: o jovem tem vontade de modificar tudo, caindo por vezes em erros enormes. Ainda há dias saiu um artigo de Lobo Vilela no «Diário de Lisboa» que analisava o caso com uma serenidade extraordinária, permitindo-me aconselhá-los a lê-lo.

Mas não julguem que com isto nego a validade de ser jovem.

Mas é erro procurar fazer a identificação deste jovem com o jovem de idade. Quantas vezes não deparemos com jovens de idade com uma mentalidade absolutamente conservadora, e adultos com um espírito renovador ainda mais forte que o do jovem.

Porque é exactamente o grande caminho do jovem: «E tornar-se adulto não perdendo o seu espírito renovador mas abandonando esse sangue na gueltra que nos leva a fazer enormes erros». É isto, quanto a mim a função do jovem actual: actuar. Sim, mas sem erros em demasia.

E temos exemplos, nessa geração que vocês querem anular, muitos jovens agora já são todos um tanto velhos! Mas foram esses homens que negaram a possibilidade de existência de um nazismo, que o combateram, que ainda hoje conservam uma vitalidade absolutamente espantosa, numa constante revisão teórica e prática de mundo em que vivem.

E não julguemos os «beatlemaníacos», como lhe chamou o sr. Krueger como produtos de geração, mas sim produtos de uma geração, mas sim produtos de uma ordem que nos cabe a nós, «jovens dos 7 aos 70 anos»; renovar.

cada momento com o silêncio dos corpos.

*

Na memória círculos concêntricos duma infinita ressonância. (Já pensei em ler Dante para ver se era a mesma coisa. De qualquer modo não ia dar certo — não tenho tempo). As coisas, as pracas, os monumentos, as gerações, as literaturas não são lineares. Brincam. São crianças brincando num jardim. De vez em quando uma delas cai no saibro e chora, faz um berreiro desgracado e esfolou, fez sangue num ioelho.

*

Sou um puro um inocente. Acredito na literatura — e isso é ótimo para ela. Está precisando de ser adubada com novos cadáveres.

TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1964

EXIBIDO

teatro+cinema+rádio+televisão

Será o arquitecto António Macedo a realizar «Domingo à Tarde»

Já em tempos chegou a ser anunciada a adaptação ao cinema do romance de Fernando Namora «Domingo à Tarde», que obteve, como se sabe, o «Prémio Lins do Rego».

Foi Fernando Lopes quem, há dois anos, preparou a sequência, planificação e diálogos da versão que tencionava realizar para o produtor Bag-tista Rosa. Quando tudo se encontrava pronto para o início das filmagens, surgiram algumas dificuldades e a ideia foi posta de parte.

Agora, o produtor António da Cunha Telles anuncia que irá produzir uma versão cinematográfica de «Domingo à Tarde», mas da autoria do arqui-

talhos da Vida de um Médico e de «O Trigo e o Joio».

Zumbidos e orquestração de ruídos substituirão a música de fundo

Mas publiquemos agora a informação tal como a recebemos directamente das Produções Cunha Telles, para lhe não tirarmos o sabor nem o estilo (embora nos não pareçam os mais adequados ao fim em vista nem de acordo com o interesse de que a obra poderá revestir-se):

«Foi assinado um contrato entre o produtor António da Cunha Telles, o romancista Fernando Namora e o realizador António Macedo para a cinematização de «DOMINGO À TARDE» — romance galardoado com o «Prémio José Lins do Rego».

As Produções Cunha Telles, fiéis à sua lista de produções nacionais vão, deste modo produzir mais uma película com a preocupação de nível artístico que lhe é característica. Os interiores, que decorrerão integralmente no Instituto Português de Oncologia, deverão começar a ser rodados em fins de Outubro, princípios de Novembro. As filmagens das poucas, cenas de exteriores — a rodar provavelmente em Sesimbra — deverão efectuar-se por todo este mês.

A parte literária desta realização (adaptação, planificação, sequência e diálogos) — que agradeceu a Fernando Namora — é da autoria, integral, do arq.º António de Macedo, que desconhece as anteriores adaptações feitas por outros realizadores.

A parte artística desta película compreende só três protagonistas: o médico, a médica-assistente e a doente. A fim de serem escolhidos os intérpretes já começaram, a semana passada, as provas com diversos artistas.

Este filme — estreia do Arq.º António Macedo (nome consagrado na curta-metragem), na realização de filmes de longa metragem, não terá música de fundo. A banda sonora será formada por zumbidos e ruídos naturais — o que substitui vantajosamente a música de fundo.

Com este sistema — propõe-se tal como aconteceu no documentário «Nicotiana» — criar um clima dramático, graças ao aproveitamento de todos os tipos de som que existem. O realizador já fez estudos — em fita magnética — para a orquestração dos ruídos dos vários ambientes em que decorrerá a película.»



XII FESTIVAL INTERNACIONAL DEL CINE
SAN SEBASTIAN-64

Itália, Japão e Espanha: — cinema de nítido carácter social

por OLIVEIRA PINTO

Os filmes apresentados a concurso nos últimos três dias do Festival não trouxeram nada de sensacional quanto a uma possível candidatura aos galardões em disputa, salvo a Espanha relativamente aos prémios hispano-americanos. No entanto, uma película havia que, desde o início do certame, despertava bastante interesse e concentrava atenções e diálogos: o filme que a União Soviética, pela primeira vez presente em San Sebastian, ali levava com o encargo de representar a sua cinematografia no concurso internacional. Contudo, tamanha curiosidade e tão grande interesse não obtiveram satisfação, pois «Dois domingos» — assim era o título da película russa concorrente — deixou as pessoas desiludidas em virtude de ser demasiado simplista, sendo mesmo in-

gênuo (talvez nem tanto...) e nada representativo do actual cinema soviético, ignorado mas conceituado. Dela e das restantes películas então projectadas falaremos a seguir.

«Il maestro di Vigevano»: um pobre mestre-escola italia- no visto por Elio Petri

Elio Petri pertence à nova geração de jovens directores que ultimamente se incorporaram no cinema italiano, depois de uma ampla preparação teórica e prática, e «Il maestro di Vigevano» é a sua terceira película de grande metragem, além de um episódio em «Alta infidelità». O seu estilo parece cingir-se sempre a temas que contam a realidade quotidiana em função de certas

anotações e sublinhados de carácter social. Assim acontece, na verdade, com este filme, inspirado na novela homónima de Lucio Mastronardi e adaptado pelos conhecidos guionistas Age e Scarpelli. A história encerra assim, um acentuado fundo de amargura, focando a situação em que vivem os professores primários italianos, mormente nos meios rurais, com vencimentos irrisórios, em absoluto desacordo com a elevada missão que exercem, e que nem sequer lhes permite uma vida modesta. A esta situação já por si deveras humilhante juntaram Mastronardi e Petri, aquele no livro, este na película, o intencionado contraponto dramático de uma mulher — a esposa do professor — ambiciosa que continuamente aponta e reprova a sua falta de iniciativa para melhorar tal situação. Cria-se, assim, um clima de tensão, conseguido sempre que a acção fica centrada no assunto principal, mas que perde todo o seu carácter de denuncia social quando a película se afasta do verdadeiro sentido da obra.

Nasce daí um tom evasivo, de situações e caracteres mal delineados e definidos que truncam, por completo, a verdadeira intenção da película. Por isso «Il maestro di Vigevano» não é um filme totalmente conseguido e vem, a partir de certa altura, a transformar-se numa tragicomédia, dado que, embora a temática principal aponte as humilhações a que o professor tem de se sujeitar (e que culminam com a infidelidade da mulher, confessada por ela à beira da morte, e o regresso final à escola, vencido e fracassado mais do que nunca), e como que para aligeirar a tensão criada inserem-se na película situações de tom humorístico, principalmente no que toca à caricatura fácil do protagonista. Salta à vista, assim, que Elio Petri não conseguiu harmonizar os interesses do sério e do cómico. Com efeito, quando se espera a pincelada dramática — porque, efectivamente, a situação a pedia — Petri surpreende-nos com uma «boutade» e vice-versa. Por outro lado, o tom de farsa acaba por se acentuar demasiado para que as notas humanas e sentimentais possam surtir o efeito desejado.

Alberto Sordi é o protagonista do filme, onde é acompanhado por Claire Bloom — a esposa — que brilhou com Chaplin.

Exagerado quase sempre, Sordi conquista, por isso mesmo, um êxito popular no papel de António Mombelli, o pobre «educatore». Mas a figura que interpreta e a sua personalidade ficam algo imprecisas, não obstante uma gesticulação pródiga. Já a esposa aparece e permanece de contornos mis nítidos, precisos.

(Continua na página central)



ANTÓNIO MACEDO

tecto António Macedo, que se incumbirá igualmente da realização.

Será, pois, o autor de «Verão Coincidente» e de «Nicotiana» — documentários de boa qualidade, tendo este conquistado os prémios «Paz dos Reis» e da melhor fotografia de 1963 — quem levará para o cinema mais um livro de Namora (depois dos «Re-

O FILME DA CIDADE

O PÃO NA RUA

por Joaquim Letria

Rua estreita.
Bairro pobre.
Choveu de manhã. Agora não — roupa pendurada a aproveitar.
Uma varina passa:
— O meu peixe é lindo...
A freguesa:
— Pst... Pst...
O homem assoa-se com ruído à porta da taberna.
A freguesa para a varina:
— Vá lá o menos...
Aparece o menino gordo. Olhos grandes, calções grandes.
Entra na padaria.
Atendido. Recebe o troco. Sai. Dois miúdos jogam a bola.
As balizas são a porta, o campo, a rua estreita.
O menino gordo passa com o saco do pão.
A bola acerta-lhe.
— Eh, gordo, sai daí!
Um dos dois corre. O gordo foge. Um braço estica-se — um muro nas costas.
O pão espalhou-se pelo chão molhado.
O jogo recomeça. O gordo chora.
— A mãe vem à janela:
— Ah, meu malandro!
O jogo prossegue. O miúdo passa o portal da casa.
Na rua alguém apanha as car-cassas molhadas.



«La tia Tula», primeiro filme de Miguel Picazo, inspirado na obra homónima de Miguel de Unamuno, é imagem verdadeira de uma Espanha que existe. Aurora Bautista atinge as culminâncias da sua carreira com a criação notável que faz da figura feminina que recata o amor e para quem a fé é fanatismo. Obra conseguida e triunfo de um estreante, «La tia Tula» é ainda acto salutar e de coragem.

Jacques Tati J. Stewart (Metro)

Depois de seis anos de ausência dos estudos, Jacques Tati decidiu regressar com o filme «Tati n.º 4», cujas filmagens começaram no próximo mês. Tal como os anteriores, será obra exclusiva de Tati, embora, no que diz respeito à parte financeira seja uma co-produção franco-italiana. Nada foi divulgado sobre o argumento. Admite-se, porém, que o grande actor-realizador volte a abordar um tema que lhe é caro: a adaptação do ser humano à vida moderna.



O actor James Stewart dá mais uma manifestação da sua versatilidade no filme «Erasmus with freckles», que está a ser rodado em Hollywood. Nesta película, o intérprete de «Do céu caiu uma estrela» e de outras obras não menos famosas, toca acordeão.



Vinte e seis realizadores foram contratados esta temporada para dirigir, nos estúdios da M. G. M., em Hollywood, trinta e sete episódios de algumas das séries mais populares da televisão: «Dr. Kildare», «Flipper», «Mr. Novak» e «Many happy returns».



Ingrid Bergman, durante um intervalo das filmagens do «Rolls-Royce Amarelo», descansa no próprio veículo em que surge na película. O novo filme, realizado por Anthony Asquith, baseia-se num argumento escrito por Terence Rattigan

FESTIVAL DE SAN SEBASTIAN

(Continuação da 1.ª página)

Conclui-se, assim, que o trabalho de Elio Petri é acertado sempre que nos leva a presenciar as situações dramáticas que se desprendem da denúncia social sobre a situação do professor, mas quando se afasta dessa temática a película perde interesse e toda a sua intenção. O confronto com o outro italiano representado no festival — Bolognini com «La corruzione» — é, pois, francamente desfavorável a Petri. Sem apelo, nem agravo.

«Dva Voskresenia» («Dois domingos») ou um documentário argumentado sobre Moscovo

Vladimir Schredel é um jovem director russo, dos mais novos,

até, de quantos começam a apresentar as suas obras, a atrair atenções e a firmar um nome. Contudo, este seu filme «Dois domingos» que arcava com a pesada responsabilidade de representar a U. R. S. S. no certame era demasiado primitivo, simplista e ingénuo para tamanho cometimento. O público espanhol (o público e os cineastas) como há muitos, muitos anos não via cinema de tal procedência, aguardou a película com mil olhos de interesse. E esses olhos, sentindo-se defraudados, foram juizes severos, implacáveis, para este documentário longo e colorido — um colorido absolutamente extraordinário — que gira à volta da história da ida, em dois domingos, à grande metrópole moscovita de uma jovem empregada na Caixa de Depósitos, a milhares de quilómetros da capital, de uma cidade nova que cresce ver-

tiginosa, cheia de juventude e onde tudo é novo, incluindo os habitantes. Um jovem operador cinematográfico trava conhecimento com ela e leva-a pela capital, num passeio sem rumo certo. Vislumbra-se, então, a grandeza de Moscovo, sem, contudo, se formar uma ideia definida da cidade. Aqui e além há bons apontamentos, com a inclusão, por exemplo, de acontecimentos do conhecimento universal como sejam os da viagem cosmonáutica de Valentina e da recepção que lhe foi prestada no seu regresso à Terra. A reportagem excelente a que um argumento como o de «Dois domingos» podia dar origem perdeu-se, ingloriamente, por culpa inteira do realizador, salvando-se, apenas, as qualidades interpretativas dos protagonistas — Ljudmila Dolgorukova e V. Koretzki — a segurança da fotografia e a modernidade de compassos da música, muito semelhante à melhor do mesmo estilo do mundo ocidental.

Os espanhóis — ansiosos por verem a actual cinematografia soviética — manifestaram exuberantemente, ruidosamente, a desilusão sofrida com esta película, algo primitiva, demasiado ingénuo e simplista, efectivamente.

Contudo, os russos que, presentes pela primeira vez no certame, fizeram deslocar a San Sebastian uma delegação com personalidades famosas e deveras representativas; que apresentaram nas secções informativa e comercial do certame obras altamente valiosas e de apreço universal, os russos, dizíamos, talvez tenham procurado, deliberadamente, tal resultado. Talvez eles não tenham querido impor-se demasiado, logo no primeiro encontro... A ser assim, a ingenuidade de «Dois domingos» transformou-se em agudeza de engenho!...

«Nizudarake no sanga»: dissecação japonesa do supercapitalismo

«O poder do ouro» — assim se pode traduzir para português o título «Kizudarake no sanga» — foi a película escolhida pelo Japão para o representar no certame. Facto curioso a apontar neste filme: é autor do seu guião Kaneto Shindo, o festejado criador dessa maravilha que é «A ilha nua».

A película é, em resumo, uma sátira, uma dissecação impiedosa feita ao supercapitalismo pelos japoneses; facto tanto mais digno de realce quanto é certo que o

(Continua na 4.ª página)

O FESTIVAL DE ATENAS

visto por Rogério Paulo

A direcção do Festival de Atenas resolveu, este ano, convidar alguns estrangeiros a assistirem de perto a uma parte do certame. O Centro Helénico do Instituto Internacional de Teatro escolheu, entre outros, Rogério Paulo, que ali se deslocou com a esposa. Por nos parecer de interesse, pedimos ao encenador de «O Tinteiro» que nos falasse da sua permanência na Grécia e, particularmente, do Festival de Atenas e do teatro grego. Começou por dizer-nos:

— Dada a minha actividade como director artístico do Festival de Lisboa, organizado pela Casa da Imprensa, tal visita revestia-se para mim de muito especial interesse. Todavia nunca pensei que a minha estadia resultasse não só tão útil como tão agradável. A Grécia ficou para sempre no meu coração. A recepção foi excelente, quer pelos cuidados que me dispensaram, quer ainda pelo calor humano com que fui recebido. Conhecia já, evidentemente, Dimitri Murat, grande personalidade do Teatro grego, e a quem finalmente devo o convite, dadas as suas estreitas ligações com o Centro Helénico do I. I. T., mas não tinha tido ainda a oportunidade de estabelecer relações de amizade com outros homens de teatro da Grécia. Como se costuma dizer entre nós, «andei de mão em mão». Falei com muita gente, convivi com eles, troquei impressões que considero preciosíssimas.

Museus vivos

E prosseguiu:
— O Departamento do Turismo colocou à minha disposição um automóvel e uma guia e tive assim oportunidade de visitar locais inesquecíveis. Fui a Epidauro, a Delfos, a Sunion, a Micenas, a Corinto, a Dafne, a Tebas, a Eléusis. Passei um domingo maravilhoso na Ilha de Hidra. Por toda a parte encontrei excelentes museus, que me permitiu classificar de museus «vivos», porquanto tudo está disposto para atrair o visitante e não se limitam a ser simples mostruários de antiguidades. Nunca poderei esquecer o café «à grega» que a cultíssima directora do Museu de Tebas me ofereceu no acolhedor jardim do museu, onde estive sentado em bancos de pedra e apoiado a uma mesa de vários séculos antes de Cristo. O Governo grego tem a preocupação de criar museus regionais, e assim, embora o de Atenas seja o mais rico, a verdade é que nas outras terras se encontram obras valiosíssimas, como o célebre «Auriga» em Delfos. Mas uma das mais fortes emoções que recebi foi em Micenas, onde viveu a célebre família dos Atrides, surge-nos impecável. As escavações revelaram toda a acrópole e toda a cidade que a circundava. O tumulto que se supõe fortemente, ter sido o de Agamemnon, é de uma beleza trágica impressionante; a Porta dos Leões, espantosa de força; a disposição da cidade, que se estende por toda uma colina, é inesquecível.

O Festival

— Mas quanto ao Festival de Atenas?
— O Festival de Atenas, que co-

memora este ano o seu 10.º aniversário, tem características muito diferentes do do Teatro das Nações. Não é só um Festival de Teatro, mas também de Música e «Ballet», e estende-se de 23 de Julho a 21 de Setembro. Decorre no maravilhoso Teatro de Herodes Aticus, do século II da nossa era, e situado nos contrafortes da colina, onde se encontra a famosa Acrópole de Atenas. O teatro está em ótimo estado, pois sofreu alguns restauros, cuidadosamente feitos, que lhe conservam toda a traça antiga. Tive pouca sorte quanto as datas, pois não vi o Teatro Nacional, mas a minha vida profissional não me permitia continuar em Atenas. Todavia ainda assisti à «Jeanne d'Arc au Bûcher», de Claudel, com música de Honegger, pela Orquestra Lamoureux e com os Cantores de Santo Eustáquio, que aliás já vieram a Lisboa. A protagonista foi Claude Nollier, e como novidade em relação ao espectáculo apresentado no nosso S. Carlos, o Grupo de Dança Grego. Vi ainda o Antigo Teatro do Pireu, que apresentou a «Ífigénia em Aulida», de Eurípides, numa encenação de Costis Michaelides. Assisti também à «Missa em si menor», de Bach, pela Orquestra Lamoureux, dirigida admiravelmente pelo rev. Emile Martin.

— Pareceu-lhe boa, a organização?
— A organização do Festival é excelente, se bem que a única coisa que me pareceu inexplicavelmente do programa foi o moderno Teatro Grego. Mas creio que se encara muito seriamente oferecer aos jovens dramaturgos oportunidades que lhes permitam o seu desenvolvimento.

O Teatro na Grécia

— Que nos diz do Teatro na Grécia?
— O movimento teatral grego é impressionante. Só em Atenas funcionam, no Inverno, 27 companhias permanentes, que vão desde a revista, até à tragédia antiga, passando pelo teatro de «boulevard» e pelo mais avançado teatro moderno. Entre as companhias mais reputadas ouvi falar com mais entusiasmo da companhia do Teatro Nacional e do Teatro de Arte de Karoulos Koun, no respeitante à tragédia e à comédia antigas — aliás nunca poderei esquecer o magnífico espectáculo que esta última apresentou no Teatro das Nações em Paris, em 1962, com «Os Passaros», de Aristófanes, o a que eu tive a sorte de assistir — e das companhias de Dimitri Murat e de Dimitri Horn, quanto a teatro moderno.

— De resto — prosseguiu — o Governo protege o Teatro de uma forma perfeitamente extraordinária. Só na temporada de 1963-64, concedeu, às companhias de teatro, aos festivais, ao Centro Helénico de Teatro e às Caixas de Trabalho e de Reforma dos Artistas, subsídios que somaram a cifra, as-

trónomic
oito milh
de 69 mil
de funda
cas e ins
mio anual
50s.

Inter

— Falo
— Tive
ferência
ma a qu
convidad
falar um
guês e d
turgos,
interess
língua,
obstáculo
gem vers
mesmo e
do de qu
dernas p
ser fácil
alguns d
-lhes isse
veis de se
creio que
cambio e
das tradi
mos a l
expliquei
como fun
boa.

E logo
— Disse
recto ar
tidade o
Casa da
recebera
Municip
de Teatr
dos jornal
cidade ac
sa indese
plicar o
jectivos e
entre eles
traduziu
de fazer
o seu org
E a com
disse-nos
— Volte
decidido
nenhum
sitar o pa
cen o Te
da Grécia
— chega
país; o a
movente
rismo tem
inteligent
mostrar a
esplendor
se sinta
melhores
formadas
do impedi
trangeiros
sível para
vilhosos. D
ses, há u
mais imp
parecidiss
é feita co
são alegre
misturam
dose de m
ticas dos
grego de
nuador do
dade a qu
vemos. Qu
nal, mais,
pé deles?

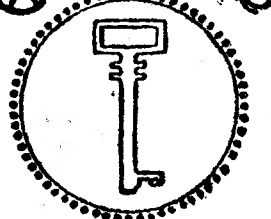
MAX LINDER — UMA VIDA E UMA CARREIRA

«Éxito» incluirá, nos seus próximos números, uma série de artigos sobre um dos actores mais célebres e mais esquecidos da história do cinema: Max Linder. Escritos por Philippe Esnault, estes artigos são um verdadeiro documento sobre a vida e a obra do grande artista, que deleitou as plateias de todos os países, com a sua graça e o seu talento. E a sua oportunidade é flagrante, uma vez que, devido aos esforços de Maud Linder, filha do actor, este voltou a estar na ordem do dia, e os seus filmes atingem, actualmente, verdadeiros sucessos de bilheteira



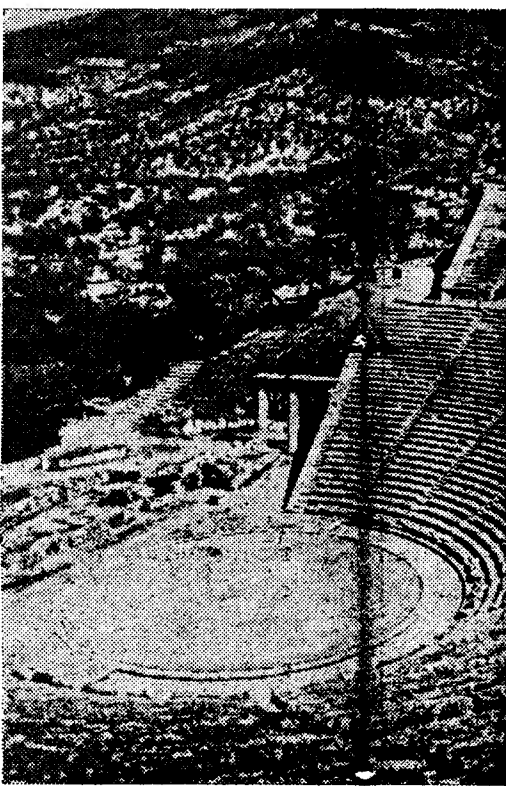
TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1964

CAFÉ HAVE ORO



**SOLÚVEL
COM
E
SEM CAFEÍNA**

A VENDA NOS BONS
ESTABELECIMENTOS
VILARINHO & SOBRINHO, LDA.
JANELAS VERDES
LISBOA



Teatro de Epidauro (século V A. C.) onde se realizou o primeiro Festival grego contri

DE ATENAS

Paulo

seu 10. aniversário multiteatro das Nações Unidas de Teatros e Música e «Balé» de 23 de Julho decorre no teatro de Herodes da nossa era, fortes da comédia a famosa O teatro está pois sofreu alijudadosamente servam toda a pouca sorte não vi o Teatro minha vida permitia com todavia ainda o Aro au Bu-musica de nossa Lamoures de Santo a já vieram a da foi Claude cidade em re- apresentado o Grupo de da o Antigo de apresentou da», de Eurí- rão de Costis também a- ro», de Bach,oureux, diri- lo pelo rev. a organiza- do Festival é de a única co- inexplicável- foi o moderno- creio que se- ente oferecer- gos oportuni- mitam o seu

Grécia

Teatro na- patral grego é em Atenas- mo, 27 compa- que vão desde- grécia antiga- o de «boule- ançado teatro- companhia- vi falar com- companhia do- do Teatro de- doun, no res- e a comédia- espectáculo que- nou no Teatro- em 1962, com- Aristófanis, e- de assistir- Dimítri Mu- harn, quanto a- osseguiu — o- teatro de uma- extraordiná- de 1963-64, nhias de tea- Centro Helé-aixas de Tra- dos Artistas, ma a cifra, as-

trênica para um país de apenas oito milhões de habitantes, de mais de 69 mil contos. Além disso acaba de fundar quatro escolas dramáticas e instituir um substancial prémio anual para jovens dramaturgos.

Interesse pelo Teatro Português

— Falou-se do Teatro português? — Tive ocasião de dar uma conferência de Imprensa, aliás norma a que se submetem todos os convidados oficiais. Pude assim falar um pouco do teatro português e dos nossos jovens dramaturgos, e verifiquei um enorme interesse em conhecê-los. A nossa língua, é, indiscutivelmente, um obstáculo, mas desde que se arranjam versões em francês, inglês ou mesmo espanhol, estou convencido de que algumas das nossas modernas peças de Teatro poderiam ser facilmente aceites. Já falei com alguns dos nossos autores e pedi-lhes isso mesmo — versões possíveis de serem lidas na Grécia, pois creio que de um verdadeiro intercâmbio com um país de tão fundas tradições teatrais muito teríamos a lucrar. Nessa conferência expliquei aos jornalistas presentes como funciona o Festival de Lisboa.

E logo acrescentou: — Disse-lhes que fui apenas director artístico convidado pela entidade organizadora, ou seja, a Casa da Imprensa, que para isso recebera subvenções da Câmara Municipal de Lisboa e do Fundo de Teatro do S. N. I. O espanto dos jornalistas foi enorme e a curiosidade acerca da Casa da Imprensa indescritível. Tive que lhes explicar o seu funcionamento e objectivos e assisti a uma discussão entre eles — que a intérprete me traduziu... — sobre a necessidade de fazer o mesmo na Grécia com o seu organismo de classe.

E a concluir as suas declarações, disse-nos ainda Rogério Paulo:

— Voltei da Grécia firmemente decidido a lá voltar, e creio que nenhum artista pode deixar de visitar o país onde há 2500 anos nasceu o Teatro ocidental. A beleza da Grécia não se pode descrever — chega a ser de mais para um só país; o acolhimento do povo é esmovente e o Departamento de Turismo tem conduzido uma política inteligentíssima. Tudo é feito para mostrar a Grécia em todo o seu esplendor, mas sem que o visitante se sinta turista. As guias são das melhores do Mundo, quase todas formadas em Arqueologia, e falando impecavelmente os idiomas estrangeiros. A vida é bastante acessível para nós, e o clima maravilhoso. Depois, para os portugueses, há um outro pormenor muito mais importante: o povo grego é parecidíssimo connosco. A cozinha é feita com azeite... bebem vinho, são alegres e, ao mesmo tempo, misturam essa alegria com aquela dose de melancolia tão características dos povos marítimos. O povo grego de hoje é um digno continuador do povo grego da Antiguidade a quem tanto todos nós devemos. Que somos nós todos, afinal, mais, que umas «crianças» ao pé deles?



A mimica é uma arte memorial. Quase todos os povos da Antiguidade a praticaram e, em certos povos orientais, teve e continua a ter carácter religioso. Porém, a arte de Marcel Marceau é diferente, é mais real, na medida em que se baseia no viver quotidiano do homem actual. O célebre mimico tem, no entanto, por vezes, rasgos de «clown», como este que a gravura documenta.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ A «Universal» adquiriu, recentemente, uma novela inédita de Jack Gross Jr. e Michael Stein: «Monsieur 38». Este drama de «suspense», que tem como cenário a Europa actual, ainda não tem produtor contratado.

■ A actriz mexicana Elsa Cardenas foi contratada pelo produtor Gordon Kay, para contracenar com Tony Young, Dan Dureya e Dick Foran, na película «Faggart», que R. G. Springstem está a dirigir. Elsa faz o papel de esposa de Dick Foran.

■ Os Escritores de Mistério da América fizeram, apenas, três eleições para o seu «Edgar» anual, prémio do «Melhor Filme de Mistério de 1963»: Peter Stone em «Charade»; Evan Hunter em «Os Passaros» e Anthony Veiller em «The list of Adrian Messenger». O nome do vencedor do «Edgar»

para o «Melhor Filme de Mistério de 1963» é divulgado durante a festa do 19.º aniversário e jantar dos vencedores do «Prémio Anual Edgar Allen Poe dos Escritores de Mistério da América», que se efectua no Hotel Aster, em Nova York. Haverá menções especiais para as duas películas restantes. «Charade» é produzido por Stanley Donen e interpretado por Cary Grant e Audrey Hepburn; «Os Passaros» tem como produtor e realizador o grande cineasta Alfred Hitchcock e «The list of Adrian Messenger» é uma produção Joel.

■ O produtor Gordon Kay contratou a actriz Shirley Jones para contracenar com Tony Randall na película «Fluffy», baseada numa comédia de Sam Rocco, que conta a história de um professor universitário que efectua experiências com um leão. Shirley Jones fará o papel de filha de um hoteleiro da província. A rapariga trava conhecimento com o professor, Tony Randall, quando este chega ao hotel acompanhado pelo seu leão. Esta é a segunda película do contrato cinematográfico múltiplo que Shirley firmou com a «Universal». No primeiro filme deste contrato, a actriz contracenou, em «Bedtime Story», com Marlon Brando e David Niven. «Fluffy» está a ser rodado a cores, sob a direcção do realizador Earl Bellamy.

■ A R. A. U. inaugurou o seu III Festival Anual da Televisão, com a participação de 36 emissoras de 26 países, entre os quais concorrem, pela primeira vez, a Austrália, Bélgica, Cuba, Nigéria, Marrocos, Espanha e Dinamarca.

Os prémios a atribuir distribuem-se por quatro categorias: drama, documentário, variedades e educacional.

Durante os dez dias da duração do festival serão projectados para a crítica e o público os filmes concorrentes, enquanto os representantes dos países inscritos tomarão parte em reuniões onde serão debatidos, sobretudo, os problemas da Televisão, o desenvolvimento técnico e as produções em colaboração.

Entre as vedetas que assistem, este ano, ao Festival contam-se Luciana Paluzzi, Terry Moore, George Nader e Gardner McKay.

QUANDO O JORNALISMO SE APROXIMA DO CINEMA

por PEDRO ALVIM

O adjectivo é a negação do jornalismo. O substantivo é que o torna objectivo, concreto, figurativo. Há dias, numa conversa de profissionais, alguém lembrou, e muito bem, que a arte de dar uma notícia se deve aproximar, na medida do possível, da arte das imagens.

— Os olhos de um jornalista — afirmou-se — devem comportar-se, perante o acontecimento, como as lentes de uma objectiva. Perante os desenhos sugeridos pelas frases, o leitor, isento de adjectivos, dar-se-á conta do acontecimento através de uma sensação de ritmo, de fluência, de continuidade.

Evidentemente que importa que o jornalista colha o acontecimento, por sua vez, através da sua sensibilidade, da sua experiência, da sua visão do Mundo. Há sempre algo de individual a transmitir, um pormenor, enfim, que enriquece o evento, o engrandece e o torna original.

Alguém abriu um jornal, fixou a atenção sobre determinada reportagem: um relato breve e seco de determinadas obras da ponte sobre o Tejo.

— Aqui temos — disse — uma reportagem que se aproxima da arte cinematográfica no que ela tem de mais elementar: o movimento.

Todos nós nos debruçamos sobre a página, e a nossa atenção caiu sobre os seguintes passos:

Quatro horas da madrugada. Do rio vem uma aragem que avia a ponta dos cigarros. Os operários, de quando em quando, respiram fundo, submetidos a um ritmo impressionante.

Potentes holofotes iluminam a cena. A luz envolve ferramentas e homens, sublinhando o esforço das máquinas, dos braços e das mãos.

Mais adiante, o som e o cenário:

Um ruído surdo — motores, soldaduras, pancadas no aço, ordens em voz alta — alcança o cais de Alcantara. Num fundo negro, os navios apontam o céu com mastros esguios e chaminés bojudas...

E o ritmo prossegue:

A estrutura metálica, composta por seis cavaletes de suporte e duas longarinas, chegou ao local das obras às duas horas. Transportada num «stradle-charriot», foi apada no tempo preciso junto do pilar n.º 7.

O tempo:

...Os ponteiros avançam no mostrador dos relógios e os trabalhos

principiam. Soam as primeiras ordens.

Sequência culminando num primeiro plano:

O aço é descarregado do «stradle-charriot» e convenientemente agrupado. Aproximam-se quatro gruas: duas «crabier-crane» e duas «motor-crane». As duas primeiras alcançam cinquenta metros de altura, ultrapassando em muito os cabos da unha ferrea...

Pormenores alternados:

A soldadura a autogénio, de quando em quando, fere a vista dos circunstantes. Os maçaricos soldam o metal. Chaves de grandes proporções apertam porcas. Rebites são enfiados e soldados.

Outro plano:

Os cavaletes, sob a luz dos holofotes, recortam-se na noite: a primeira fase das presentes obras terminou.

Sequência da montagem das longarinas:

As gruas, demoradamente, erguem as longarinas. Os topos dos cavaletes iluminados, recebem a estrutura horizontal. Os rebites, enfiados, são soldados a autogénio. Há já uma «ponte» no espaço...

O «filme» prossegue:

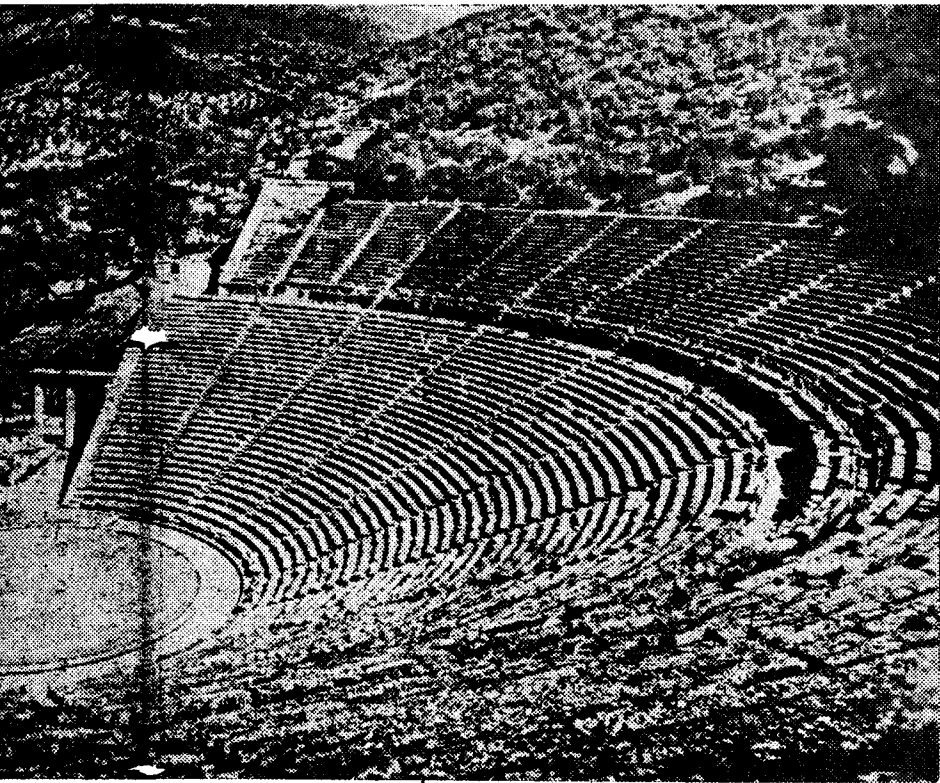
Faltam somente os extremos norte das longarinas. Aproximam-se uma «moto-crane». As barras de ferro são erguidas, ajustadas, aparafusadas.

São cinco e vinte. — Atenção! — grita alguém. Dentro de cinco minutos os cabos da linha do Estoril serão percorridos pela corrente eléctrica. Não tarda que surja o primeiro comboio. São retiradas as cordas e fios de aço em contacto com os cabos de tracção eléctrica. São cinco e meia.

Com as pequenas janelas iluminadas, passa o primeiro comboio em direcção ao Cais do Sodré. É uma fita luminosa que breve desaparece. O cenário, á direita, continua o mesmo: chaminés e mastros de navios. Os olhos, sob as estrelas, acompanham mentalmente o futuro arco da ponte até à Outra Banda...

Fim:

O escuro da noite vai-se transformando num tom claro. O dia, levemente, reflecte-se no rio. Os operários cessam as suas tarefas, retiram os capacetes, depositam as ferramentas. Os comboios circulam em sentidos contrários.



(século V A. C.) onde se realiza um Festival todos os anos e para cuja organização o Governo grego contribui com 1500 contos anuais

Rili

fogões de luxo e qualidade a preço vantajoso

Se é para si prefira o melhor ...

Rili

Festival de San Sebastian

(Continuação da página central)

desenvolvimento vertiginoso, a euforia da sua vida económica propicia a nascer e alastramento de figuras, semelhantes ao grande industrial Katsuei Arima, protagonista de «O poder do ouro» e autêntico senhor feudal em pleno sec. XX. A película, apesar da sua excessiva duração — 140 minutos — e de inexplicáveis repetições é digna de observação e análise de pormenor, tanto pela habilidade como pelo rigor postos no guião, como pelo extraordinário retrato que dá da figura central, segura e odiosa, que não chega a «humanizar-se» com o «happy end» que muito bom realizador se sentiria inclinado a aceitar. Com um bom naipe de intérpretes, «O poder do ouro», tem como intérprete principal um grande actor, So Yamamura (o célebre samurai) notavelmente dirigido por Satsuo Yamamoto.

Antecedendo a exibição do filme de fundo, foi apresentado um notável documentário — «A espada japonesa» — sobre a verdadeira obra de arte que é a famosa arma nascida da confraternização da vida com a morte. Dirigiu esta curta-metragem Yasuo Matsukawa.

«La tia Tula»: retrato fiel de uma Espanha que existe

A representação do país vizinho no Festival foi entregue a Miguel Picazo, um realizador estrepante que se apresentou para o «doutoramento» com a película «La Tia Tula» («A tia Tula»), segundo a obra homónima de Miguel de Unamuno.

Depois de erros repetidos e de fracassos rotundos e acumulados com a sua representação no certame, a Espanha encontrou, finalmente (já assim aconteceu em 1963), a solução ideal para o problema: entregar tal procuração a novos realizadores, novos e jovens. Foi assim no ano passado, com «Del rosa... al amarillo», de Manuel Summers, que obteve, com a maior justiça, um êxito clamoroso e foi de novo, assim, este ano, com «La tia Tula», de Miguel Picazo, realizador jovem saído recentemente da Escola Oficial de Cinematografia, de Madrid. E' este, aliás, o filme que assinala a sua estreia como fazedor de filmes. Sem (quanto a nós) a riqueza de imaginação e a alegria criadora da Summers, Picazo conseguiu, indubitavelmente, notável triunfo ao trazer Unamuno para o cinema, a sua essência espanhollissima, a vida e o mundo de Tula. E triunfou, até porque o seu filme não é, de modo algum, a transcrição de um livro histórico em linguagem cinematográfica. Efectivamente, «La tia Tula» é cinema, cinema de profunda raiz literária, se quisermos, mas cinema acima de tudo, pois Picazo penetrou no mundo de Unamuno sem temor, conhecendo não só as dificuldades que ia encontrar, como a forma de superá-las. A história da mulher equivocada que recalca o amor e afasta o cunhado viúvo e apaixonado é — são os próprios espanhóis a dizê-lo — perfeitamente actual: «A tia Tula» é um complexo de paixão dominada e insatisfeita. A sua barreira diante do amor é feita de falsas renúncias. O seu temor diante do pecado assenta sobre bases tradicionalmente equivocadas. No rigor, na ordem do universo de Tula coexistem todos os erros. A sua renúncia é egoísmo; a sua virtude, medo; e fanatismo, à sua religião.

«O filme é difícil, mas a sinceridade das personagens é a mesma do cenário. Nas imagens de «La tia Tula» está a nossa Espanha, descrita pela pena monumental de Unamuno. E' uma Espanha — que existe, claro, em cada provincia, em cada família — com um sentido da moral e do

pecado. Um sentido errado, mas arraigado firmemente pela tradição e pelo costume. Situarmos-nos perante estas formas antigas, com critério, já é uma atitude de crítica, de denúncia». Estas palavras, exactas, justas e corajosas, escreveu-as e pronunciou-as o crítico espanhol Fernando Moreno para apresentar «La tia Tula» no Cine Clube Universitário de Salamanca, durante as comemorações do centenário do nascimento de Miguel de Unamuno.

Com uma grande criação de Aurora Bautista (uma Aurora Bautista desconhecida, sincera, profunda), bem acompanhada por Carlos Estrada, «La tia Tula» é, efectivamente, obra valiosa de um estrepante com talento e possibilidades que muitos, com longos anos de profissão, ricos de ignorância e de mediocridade, estão livres de alcançar. «La tia Tula» é, pois, um filme que justifica uma observação mais demorada.

Terminada a apreciação dos filmes apresentados a concurso pelos diferentes países que participaram no festival, seguir-se-á a referência às películas exibidas nas secções informativa e comercial, bem como ao ciclo retrospectivo que, este ano, foi dedicado a Elia Kazan. Virão, depois, a lista dos prémios concedidos e o comentário final ao certame.

Campo e contra-campo



• A euforia que reinou este ano no Festival, justificadamente provocada pelo nível por ele atingido, levou uma das suas maiores figuras a afirmar:

— Teremos um novo Palácio do Festival. Pode-se garantir que há muitas e boas esperanças para o seu financiamento. E teremos, então, um conjunto grandioso e moderno, onde, além de salas de projecções, haverá um hotel, piscinas, salas de festas, etc.

Comentário algo incrédulo de um jornalista donostiarra (de San Sebastian):

— Parece-nos demasiado optimismo, mas a notícia aqui fica como curiosidade informativa. Quanto à definitiva, sonhar não custa nada...

• Das curtas-metragens apresentadas a acompanhar os filmes de fundo a que nos referimos nesta crónica merecem referência «El Sombrero», desenho animado colorido e demasiado rebuscado, produção da empresa espanhola Estudios Moro e dirigido por Robert Balser; e «El Cordobés», apresentado pelo México. Quanto a este trata-se duma homenagem ao famoso diestro cuja história e carreira são focadas em síntese e de forma feliz. Colorida, esta curta-metragem foi dirigida por Angel Bilbao e produzida por Noticiero Continental.

• Comentário do jornalista Alfonso Sanchez a propósito da odiosa personagem encarnada pelo consagrado actor japonês So Yamamura no filme «O poder do Ouro»:

— Quando ele era samurai tinha um harem e ninguém o criticava. Mas vejamos o que lhe fazem, em troca, nesta película! E tudo isto só por ele usar gravata e casaco...

• Das muitas e variadas festas e recepções organizadas pelas diferentes delegações presentes no Festival há que assinalar o «cocktail» oferecido pelo cônsul da França em San Sebastian, no Clube de Golfe. Com a presença gentilissima de Françoise Dorleac, teve, ainda, a doutros membros da delegação gaulesa e revestiu-se do maior brilhantismo, como já vem sendo tradicional, aliás.

• Outra saborosa observação do brilhante jornalista madrilenho Alfonso Sanchez, agora a propósito da interpretação de Aurora Bautista em «La tia Tula»:

— Depois de ver o filme, estou disposto a conceder o Prémio de Revelação a Aurora Bautista. E' que em «La tia Tula», vi e aplaudi uma grande actriz, ao passo que noutros filmes seus, apenas ouvia, mas não via que assim fosse... O. P.

EQUIPAMENTOS PARA MOVIMENTAÇÃO DE TERRAS



AKTIEBOLAGET
KOCKUM



LANDSVERK
EXPORT COMPANY • MALMÖ • SUÊDE

Para entrega imediata em Lisboa, os modernos e robustos DUMPERS Suecos de 18 ton.

modelo **LT-2A**

A chegar brevemente a Lisboa:

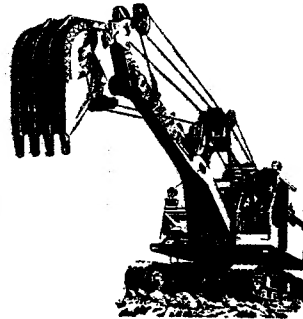
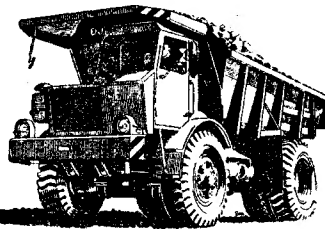
Escavadoras
Pás carregadoras

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL
E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

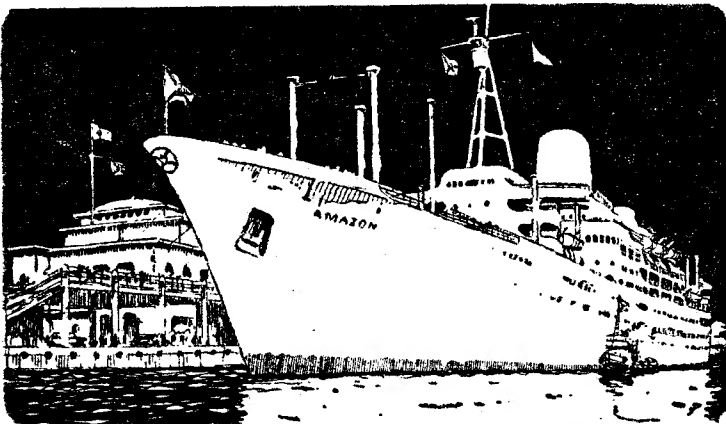
**SOC. CONTINENTAL
DE REPRESENTAÇÕES, LDA.**

SECÇÃO TÉCNICA

TRAVESSA DA ESPERA, 8-1.º - LISBOA
TELEFONES 32 05 05 - 32 55 01 - 3 30 35



Mala Real Inglesa



Para: RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

ARLANZA — Agosto 30
AMAZON — Setembro 20

Para: CHERBURGO e LONDRES

AMAZON — Agosto 30
ARAGON — Setembro 20

Para: SOUTHAMPTON e ROTERDÃO
ARLANZA — Outubro 11

RECEBEM PASSAGEIROS EM 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSE E CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

AGENTES EM LISBOA

Para Paquetes da Classe «A» e Passagens de 1.ª e 2.ª Classes
James Rawes & Co. Ltd.
Rua Bernardino Costa, 47
Tel.: 323232 e 35331 (5 linhas)
Para Passagens de 3.ª Classe
E. Pinto Basto & C., Lda.
Av. 24 de Julho, 1-1.
Tel.: 361581 (7 linhas)

COM



RESOLVA POR SI PRÓPRIO TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE REPARAÇÃO

E-POX-E

A COLA MAIS FORTE DO MUNDO



COLA TUDO A QUALQUER COISA

PEÇA LITERATURA DETALHADA NO REVENDEDOR LOCAL OU NO REPRESENTANTE EXCLUSIVO

AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-77
LISBOA

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

EST. VALENTIM
DE CARVALHO, LDA.
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

Bilhetes de banhos

LITORAL DO ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que desde 14 do corrente estão à venda nas estações de caminho de ferro bilhetes de banhos para todas as estações do litoral do